

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM

KENIA MARIA CORREA DA SILVA

**TRAÇOS CONSONANTAIS IDENTIFICADORES DO FALAR
CUIABANO NA COMUNIDADE DE SÃO GONÇALO BEIRA RIO
NA CONTEMPORANEIDADE: CONSERVAÇÃO OU INOVAÇÃO?**

CUIABÁ-MT

2020

KENIA MARIA CORREA DA SILVA

**TRAÇOS CONSONANTAIS IDENTIFICADORES DO FALAR
CUIABANO NA COMUNIDADE DE SÃO GONÇALO BEIRA RIO
NA CONTEMPORANEIDADE: CONSERVAÇÃO OU INOVAÇÃO?**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso como parte dos requisitos para a obtenção do título de doutora em Estudos de Linguagem.

Área de concentração: História e descrição do Português Brasileiro.

Orientador: Prof. Dr. Elias Alves de Andrade.

CUIABÁ-MT

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

S586t Silva, Kenia Maria Correa.

Traços identificadores do falar cuiabano na comunidade de São Gonçalo Beira Rio na contemporaneidade: conservação ou inovação? / Kenia Maria Correa Silva. -- 2019
148 f. ; 30 cm.

Orientador: Elias Alves de Andrade.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Cuiabá, 2019.

Inclui bibliografia.

1. falar cuiabano. 2. variação linguística. 3. história social. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: TRAÇOS CONSONANTAIS IDENTIFICADORES DO FALAR CUIABANO NA COMUNIDADE DE SÃO GONÇALO BEIRA RIO NA CONTEMPORANEIDADE: CONSERVAÇÃO OU INOVAÇÃO?

AUTORA: DOUTORANDA KÊNIA MARIA CORRÊA DA SILVA

Tese defendida e aprovada em 20 de dezembro de 2019.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. Doutor Elias Alves de Andrade (Presidente da Banca / Orientador)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

2. Doutora Maria Inês Pagliarini Cox (Examinadora Interna)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

3. Doutor Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (Examinador Interno)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO/UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

4. Doutora Milena Borges de Moraes (Examinadora Externa)

INSTITUIÇÃO: UNEMAT

5. Doutora Mariza Pereira da Silva (Examinadora Externa)

INSTITUIÇÃO: UNEMAT

6. Doutor José Leonildo Lima (Examinador Suplente)

INSTITUIÇÃO: UNEMAT

7. Doutora Carolina Akie Ochiai Seixas Lima (Examinadora Suplente)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Cuiabá, 20 de dezembro de 2019.



Documento assinado eletronicamente por **milena borges de Moraes, Usuário Externo**, em 26/03/2020, às 16:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Inês Pagliarini Cox, Usuário Externo**, em 02/04/2020, às 08:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariza Pereira da Silva, Usuário Externo**, em 15/04/2020, às 17:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, Usuário Externo**, em 22/06/2020, às 09:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ELIAS ALVES DE ANDRADE, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 24/07/2020, às 14:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2298176** e o código CRC **43ECC435**.

DEDICATÓRIA

Aos cuiabanos e cuiabanas.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao Prof. Dr. Elias Alves de Andrade, pela orientação, confiança e incentivo.

Aos professores doutores membros da banca pelas valiosas contribuições para o aperfeiçoamento deste trabalho, Prof. Dr^a. Maria Inês Pagliarini Cox, Prof. Dr^a. Mariza Pereira da Silva, Prof. Dr^a. Milena Borges de Moraes, Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, Prof. Dr^a Áurea Cavalcante Santana, Prof. Dr. José Leonildo Lima.

À minha família.

Às minhas amigas Camila Lemos de Almeida, Paula Viviana Queiróz Dantas, Maria Antônia Corrêa, Juliana Lima Façanha e Grasiela Veloso dos Santos Heidmann.

Ao Jony por todo amor e apoio que trouxe à minha vida.

À Fundação de Amparo à Pesquisa de Mato Grosso - FAPEMAT por concessão de bolsa por dois anos.

À comunidade de São Gonçalo Beira Rio e a todos os/as participantes da pesquisa.

Kyvaverá

Disque
Num tempo tão antigo
que certeza ninguém dá
Existia um rio lindo
chamado Kyvaverá
Tinha estirão e tinha curva
barranco, praia, rebojo
poço, baía e baixio
sarãs, figueira, aromita
Era muito bonito esse rio
Tinha jacaré sonolento
tinha jaú modorrento
e peixe de tudo tipo que há
Que tesouro!
Peixe de escama e de couro
tinha dourado e barbado
pacu, pacupeva e sauá
pintado-cambuçu
Além do sonso lobó
rubafó e piavuçu
o nosso velho pintado
chamado pintado só
A piava e a piraputanga
são primas-irmãs entre si
E disque
parentes distantes
da jiripoca, palmito e mandi
Quem sabe também do acari
Os meninos do rio:
lambari, piquira, saicanga
bagre, chun-chun, cará
piranhas, riscadinho, piava
traíra, curimbatá
Ah! e afinal
representando a família dos bagres
o botoado
que também é chamado armal
Kyvaverá é um nome índio
Branco não sabia pronunciar
Disque... naquele tempo
as lontras nadavam na corrente
mergulhavam, surgiam adiante
Os raios de sol refletiam
Tornavam as lontras cintilantes
Os olhos dos índios brilhavam
seguindo as lontras arfantes
Diziam Kyvaverá
Que quer dizer em guarani
O rio das lontras brilhantes

Os brancos foram chegando
Singrando o Kyvaverá
Em busca de ouro e fortuna
Matando a gente de cá
Mas o nome guarani
Não sabiam pronunciar
O ouro chamava os brancos
Deixando seus olhos brilhantes
Enquanto as lontras fugiam
Para baías distantes
Os brancos povoavam os barrancos
Do rio Kyvaverá
Mas o nome guarani
Não conseguiam pronunciar
Enquanto as lontras sumiam
Tribos inteiras desapareciam
Os brancos subiam o rio
Que chamavam Kuiaverá
Vinham e vinham em monções
Em bandeiras e predações
Mas o nome Kuiavrá
Não aprendiam a pronunciar
De Taubaté a Sabará
Só se falavam das minas
Que se descobriram por cá
De uma cidade que surgia
À beira de um rio brilhante
Cidade e rio com um mesmo nome
De significado obscuro, intrigante
Mas fácil de pronunciar
Disque... tanto tempo já passou
Índios, lontras ... já não há
Disque ... certeza ninguém dá
A cidade existe, o rio persiste
Cidade e rio com o mesmo nome
Fácil e gostoso de pronunciar
Cuiabá.

Ivens Scaff

RESUMO

SILVA, Kenia Maria Correa da. **Traços consonantais identificadores do falar cuiabano na Comunidade de São Gonçalo Beira Rio na contemporaneidade: Conservação ou inovação?** Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, 2020.

O presente trabalho teve por finalidade investigar os traços consonantais identificadores do falar cuiabano na comunidade de fala de São Gonçalo Beira Rio, localizada em Cuiabá, no estado de Mato Grosso, na contemporaneidade. Foram realizadas entrevistas com moradores da comunidade para identificar os aspectos da variação linguística desse falar. Foram abordados os traços consonantais mais característicos do falar cuiabano como: a variação entre fricativas e africadas [ʃ] e [ʒ] ~ [tʃ] e [dʒ], a variação entre sibilante e chiente [s] ~ [ʃ] em início de sílaba, a variação entre sibilante e chiente [s] ~ [ʃ] em travamento de sílaba medial ou final, entre a lateral e a vibrante alveolares [l] ~ [r] nos grupos consonantais – o rotacismo, a variação entre a lateral, semivogal posterior e a retroflexa [l] ~ [w] ~ [ɻ] em posição de travamento de sílaba medial ou final, a iodização [λ] ~ [j] e a troca de [b] por [v]. Foi abordada, além disso, a história da comunidade de São Gonçalo Beira Rio, que cresceu concomitante à da capital Cuiabá, região caracterizada como *Área Cultural Caipira*. Posteriormente, serão feitas a descrição e análise das ocorrências destes traços consonantais, suas variações de acordo com o gênero e à faixa etária dos informantes. É possível reconhecer que a preservação de alguns traços possam ser herança do galego português, encontrados no falar cuiabano até os dias atuais, tratando-se, portanto, de uma variante arcaizante, e, ainda, indagar se esse falar atualmente se encontra em processo de manutenção ou inovação.

Palavras-chave: Falar cuiabano, variação, história social.

ABSTRACT: The present work had as target to investigate consonant features of the speech of Cuiabá, in São Gonçalo Beira Rio community, located in Cuiabá, in Mato Grosso state, in contemporaneity. Interviews were made with locals to identify aspects of linguistic variation of such speech. It was investigated the most characteristic consonantal features found, such as: the variation between fricatives and affricates [ʃ] and [ʒ] ~ [ʧ] and [ʤ], the variation between the allophones [s] ~ [ʃ] in initial syllables, the variation between the allophones [s] ~ [ʃ] in medial or final syllables, between the alveolar lateral and voiced alveolar [l] ~ [r] in consonantal groups - rhotacism, the variation between lateral, posterior semivowel and retroflex [l] ~ [w] ~ [ɭ] in position of medial or final syllables, the iodization [λ] ~ [j] and the exchange of [b] per [v] were addressed. Besides that, the history of the community of São Gonçalo Beira Rio was approached. This community has grown simultaneously with Cuiabá, and is characterized as a rural culture area. Afterwards, the occurrences of these consonantal traits and the variations according to gender and age of the interviewed speakers were described and analysed. It is possible to infer that the preservation of certain features are still found nowadays in the speech of Cuiabá might be inherited from the Galician Portuguese, therefore, being considered an archaic variant. It is also questioned if this speech is going through a process of maintenance or innovation.

Keywords: Speech of Cuiabá. Variation. Social History.

RÉSUMÉ: Le présent travail visait à étudier les traits consonantiques qui identifient le discours cuiabano dans la communauté de la parole de São Gonçalo Beira Rio, située à Cuiabá, dans l'état du Mato Grosso, à l'époque contemporaine. Des entrevues ont été menées avec des résidents de la communauté pour identifier les aspects de la variation linguistique de ce discours. Les traits consonantiques les plus caractéristiques de la langue cuiabana ont été abordés, tels que: la variation entre fricatives et affrichâtes [ʃ] et [ʒ] ~ [tʃ] et [dʒ], la variation entre sifflement et respiration sifflante [s] ~ [ʃ] au début du syllabe, la variation entre le sifflement et la respiration sifflante [s] ~ [ʃ] dans le verrouillage de la syllabe médiale ou finale, entre la latérale et la vibrante alvéolaire [l] ~ [r] dans les groupes de consonnes – le rhotacisme, la variation entre la latérale, demi-voyelle postérieure et rétroflexe [l] ~ [w] ~ [ɭ] en position de verrouillage de la syllabe médiale ou finale, iodation [λ] ~ [j] et échange de [b] pour [v]. En outre, l'histoire de la communauté de São Gonçalo Beira Rio a été discutée, qui a grandi parallèlement à celle de la capitale Cuiabá, une région caractérisée comme une zone culturelle de hillbilly. Par la suite, la description et l'analyse des occurrences de ces traits consonantiques, leurs variations selon le sexe et la tranche d'âge des informateurs, seront faites. Il est également possible de reconnaître que la préservation de certaines caractéristiques peut être un héritage du galicien portugais, trouvé dans la langue cuiabana à nos jours, étant, par conséquent, une variante archaïque, et encore, de se demander si ce discours est actually trouvé en cours de maintenance ou d'innovation.

Mots-clés: Parler cuiabano, variation, histoire sociale.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – A COMUNIDADE DE FALA BRASILEIRA - O PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	17
1.1 O Português Brasileiro	17
1.2 A língua geral	21
1.3 O falar rural – o dialeto caipira	24
1.4 O Falar Cuiabano	26
1.5 Pesquisas sobre o falar Cuiabano	30
CAPÍTULO 2 – A HISTÓRIA SOCIAL – DO SÃO GONÇALO VELHO AO SÃO GONÇALO BEIRA RIO	36
2.1 O Brasil Colonial: A Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá	36
2.2 A Comunidade de São Gonçalo Beira Rio	44
CAPÍTULO 3 – O FALAR CUIABANO: <i>CORPUS</i> ORAL - AS ENTREVISTAS.....	47
3.1 A língua e a variação	47
3.2 A metodologia	49
3.3 As entrevistas	50
3.3.1 Células sociais	51
3.4 Os critérios de transcrição	56
3.5 Os informantes.....	57
CAPÍTULO 4 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	89
4.1 As consoantes no falar cuiabano.....	89
4.2 Descrição e análise das células	119

4.2.1 Comparação entre as células 1 e 2	130
4.2.2 Comparação entre as células 3 e 4	132
4.2.1 Comparação entre as células 1 e 3	134
4.2.1 Comparação entre as células 2 e 4	137
4.3 Conservação ou inovação?	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	147

INTRODUÇÃO

Este estudo concentra-se na cidade de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, na comunidade de fala de São Gonçalo Beira Rio, um dos lugares mais antigos de Cuiabá sendo o primeiro foco de colonização na história desta região. Nosso objetivo foi o de pesquisar sobre o falar cuiabano nessa comunidade. Sabe-se que esse falar abrange a região da chamada Baixada Cuiabana ou Vale do Rio Cuiabá, a qual engloba municípios como: Várzea Grande, Santo Antônio de Leverger, Poconé, Cáceres, Rosário Oeste, Guia, Livramento, Barão de Melgaço, dentre outros, ao longo do rio Cuiabá.

A motivação para a realização deste trabalho é latente na autora há muito tempo, pois ela possui um passado genealógico ligado à comunidade de São Gonçalo Beira Rio que é considerada um dos nichos da cultura e do falar cuiabano, assim, desde que ingressou na universidade, ao longo do tempo, percebeu que haviam poucos trabalhos realizados na academia sobre a história social, cultura, costumes sobre Cuiabá, principalmente, acerca da variedade local - o falar cuiabano. Então, pretendeu-se realizar esta pesquisa com o objetivo de valorizar e registrar a variedade cuiabana. Pretende-se ainda contribuir para o fortalecimento de uma agenda para os estudos sociolinguísticos e dialetológicos em Mato Grosso enfatizando a importância de se realizar estudos regionais que compõem o chamado português brasileiro.

Mato Grosso se caracteriza por ser um estado extenso, 903.357 km², está no centro da América do Sul, possui uma população em torno de 3.035. 122 habitantes segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010). É o maior produtor de soja e algodão do Brasil e ainda possui o maior rebanho de bovinos do país responsável por 25% das exportações de carne bovina do país segundo a EMBRAPA (2017). A capital de Mato Grosso, Cuiabá, por sua vez, possui uma população estimada para 2019 de 612.547 habitantes segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010).

Cuiabá tem sua fundação marcada pela corrida pelo ouro no século XVIII, de aluvião, e era extraído de forma rudimentar, pois ficava na superfície da terra. Após o esgotamento do metal houve um rápido deslocamento de parte da população mineira para

outras regiões auríferas. Posteriormente houve um período de isolamento geográfico, devido à distância dos grandes centros perdurando até o início do século XX, mantendo-se os costumes e tradições locais dentre os quais os traços do falar cuiabano que foram preservados até hoje.

Mato Grosso é um estado que recebeu muitos imigrantes ao longo de sua história e essa imigração influenciou os diversos falares que se encontram hoje no estado, além do falar cuiabano, que se restringe a localidades ao longo do rio Cuiabá. Assim como nas demais regiões, como o norte de Mato Grosso, encontram-se outras variedades influenciadas principalmente pela imigração sulista.

Segundo Palma (1984, p. 38), o marco inicial do processo migratório no Estado foi a partir da década de 60, quando foram atraídos para Mato Grosso muitos imigrantes principalmente da região sul do país incentivados a ocupar os “espaços vazios” e principalmente pela agricultura e agropecuária. As mudanças em Mato Grosso advindas do processo migratório brusco e intenso, podem ser vistas no rompimento das relações sociais e velhos costumes cuiabanos. Relações em diferentes áreas como mudanças culturais, na arquitetura da cidade, na criação de novos bairros, na linguagem.

Essa migração trouxe mudanças no modo de vida e de falar do cuiabano, acarretando o preconceito linguístico e o possível apagamento, em alguns casos, de muitos traços antigos do falar cuiabano. Alguns traços, encontrados nessa variedade não são exclusivos do falar cuiabano, em sua maioria, mas pertencem a toda área chamada de *Área cultural caipira*. (RIBEIRO, 2006).

Neste trabalho foram estudados os traços consonantais comumente associados ao falar cuiabano como: a variação entre fricativas e africadas [ʃ] e [ʒ] ~ [tʃ] e [dʒ], a variação entre sibilante e chiante [s] ~ [ʃ] em início de sílaba, a variação entre sibilante e chiante [s] ~ [ʃ] em travamento de sílaba medial ou final, a variação entre a lateral e a vibrante alveolares [l] ~ [r] nos grupos consonantais pl, bl, tl, cl, kl, gl fl, vl – o rotacismo, a variação entre a lateral, semivogal posterior e a retroflexa [l] ~ [w] ~ [ɭ] em posição de travamento de sílaba medial ou final, a iodização [λ] ~ [j] e a troca de /b/ por /v/.

Os traços característicos do falar cuiabano não diferem, em sua maioria, de outros encontrados no chamado português popular brasileiro principalmente naqueles em que se seguiram as trilhas das bandeiras saídas da Capitania de São Paulo rumo ao interior do

país à caça de índios e metais preciosos. Na maioria das vezes, aponta Santiago-Almeida (2009, p. 89), “esses traços são encontrados apenas em moradores residentes nas regiões ribeirinhas, mais afastadas, em pessoas mais idosas e com nível de escolaridade mais baixo”.

Muitos desses traços são encontrados em documentos escritos antigos em galego português, em língua portuguesa e em documentos referentes a Mato Grosso, escritos no século XVIII, descritos e analisados por Santiago-Almeida (2000, 2009), Andrade (2007), Heidmann (2012) e Silva (2013) dentre outros autores.

O presente estudo tem por objetivo investigar a situação atual dos traços identificadores do falar cuiabano anteriormente definidos, na comunidade de fala de São Gonçalo Beira Rio, localizada em Cuiabá, Mato Grosso. Trata-se de uma investigação de cunho sincrônico com viés teórico e disciplinar presentes em: (LABOV, HERZOG, 1972, 1994, 2001), (TARALLO, 2010), (MOLLICA, 2003), (TARALLO, 2007), dentre outros.

Os objetivos específicos são:

- a) Registrar o vernáculo da comunidade de São Gonçalo Beira Rio na contemporaneidade, considerando as variáveis de gênero (masculino e feminino) e idade (faixa etária 1: 20 a 49 anos de idade; faixa etária 2: acima de 50 anos de idade);
- b) Descrever, quantificar e analisar as ocorrências dos traços indicados em correlação com as variáveis extralinguísticas de gênero e idade;
- c) Discutir a situação atual do falar cuiabano – inovação ou conservação – na comunidade investigada levando-se em conta as variáveis de gênero e idade.

Este trabalho busca reponder às seguintes perguntas de pesquisa:

- 1) O que está ocorrendo com o falar cuiabano na comunidade de São Gonçalo Beira Rio no estado atual – manutenção ou apagamento de traços consonantais que o identificam?
- 2) Como os fatores extralinguísticos – gênero e idade – se refletem na conservação ou mudança do falar cuiabano na comunidade investigada?

O falar cuiabano é identificado, dentre outros aspectos, pelo uso das africadas [tʃ] e [dʒ] e não das fricativas [ʃ] e [ʒ], comumente usadas na maior parte do país, traço que estaria presente também no galego português, no dialeto caipira e interiorizado Brasil a fora, pelos bandeirantes paulistas. Os traços mais marcantes do falar cuiabano pesquisados são: a variação entre fricativas e africadas [ʃ] e [ʒ] ~ [tʃ] e [dʒ], a variação entre sibilante e chiante [s] ~ [ʃ] em início de sílaba, entre sibilante e chiante [s] ~ [ʃ] em travamento de sílaba medial ou final, a variação entre a lateral e a vibrante alveolares [l] ~ [r] nos grupos consonantais pl, bl, tl, cl, kl, gl fl, vl, o rotacismo, a variação entre a lateral, semivogal posterior e a retroflexa [l] ~ [w] ~ [ɭ] em posição de travamento de sílaba medial ou final, a troca de /b/ por /v/ e a iodização [λ] ~ [j]. Há ainda vários outros traços marcantes na variedade cuiabana que podem ser abordados em pesquisas futuras como o: [r] retroflexo, a palatalização de [t] e [d] antes da vogal [i], gênero gramatical, monotongação, desnasalização e a variação da nasal final[-ão] por [-om], dentre outros.

Pretende-se, por fim, a partir das entrevistas, descrever, quantificar e analisar as ocorrências, suas variações de acordo com o gênero e faixa etária. Investigar se essas variações do falar cuiabano poderiam ser reflexos do português arcaico trazido para a fronteira oeste do Brasil pelos bandeirantes paulistas através das monções a partir do século XVII e aqui miscigenou-se com as línguas indígenas e as africanas moldando essa variedade e inquirir em termos gerais, se ocorrerá mais apagamento ou manutenção das variações das consoantes na fala dos informantes investigados.

Esta pesquisa busca contribuir para o projeto “Para a história do Português Brasileiro – Mato Grosso – PHPB-MT e para os estudos que vêm se empreendendo sobre essa variante do português brasileiro – o falar cuiabano.

Esta tese está estruturada em quatro capítulos:

O capítulo 1, *A comunidade de fala brasileira – O português brasileiro*, revisita a sóciohistória e as características da comunidade nacional de fala, descrição de aspectos históricos que deram origem ao português brasileiro, a língua geral, o dialeto caipira e a variedade cuiabana.

O capítulo 2, *A história social – do São Gonçalo Velho ao São Gonçalo Beira Rio* descreve e identifica aspectos sócios históricos da história de Cuiabá, Mato Grosso que influenciaram a formação dessa comunidade e desse falar.

O capítulo 3, *O falar cuiabano: corpus oral - as entrevistas*, apresenta as entrevistas para identificação, descrição e análise dos usos e das variações das consoantes na fala dos habitantes locais. São 20 informantes, sendo 10 do sexo feminino e 10 do masculino divididos em duas faixas etárias entre 20 a 49 e acima de 50 anos. As entrevistas foram realizadas em Cuiabá no bairro São Gonçalo Beira Rio localizado às margens do Rio Cuiabá, e conta com aproximadamente 300 moradores, sendo todos os participantes nascidos, moradores e tendo um passado genealógico ligado a essa comunidade. As perguntas de pesquisa seguiram o questionário fonético-fonológico da ALIB, modelos que se encontram nos anexos e narrativas livres. A pesquisa de campo segue os pressupostos pesquisados em: (LABOV, HERZOG, 1962), (CALVET, 2002), (MOLLICA, 2003), (TARALLO, 2007).

O capítulo 4, *Descrição e análise dos dados*, objetiva tendo por base as entrevistas do capítulo 2, descrever, quantificar o uso e a variação dos traços consonantais mais característicos do falar cuiabano, tendo sido levados, em conta para a análise dos dados o gênero e à faixa etária dos participantes.

Esta atividade está vinculada à área de Estudos Linguísticos do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem – PPGEI do Instituto de Linguagens - IL da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT e ao projeto de pesquisa “Para a História do Português Brasileiro – Mato Grosso – PHPB-MT”.

CAPÍTULO 1

A COMUNIDADE DE FALA BRASILEIRA – O PORTUGUÊS BRASILEIRO

O objetivo deste capítulo é revisitar a história da língua portuguesa, do chamado português brasileiro e da variedade cuiabana. Pretende-se contextualizar, alguns aspectos sócios históricos e linguísticos ao longo do tempo até os usos e variações atuais no falar cuiabano, pois sabe-se que, provavelmente, alguns traços encontrados até hoje no falar cuiabano já se encontravam em textos escritos antigos e modernos, com a finalidade de contribuir para a descrição e análise desse falar.

1.1 A Língua Portuguesa

Aponta Teyssier (1982, p. 35) que Portugal constituiu-se no século XII, quando Afonso I, filho do conde Henrique de Borgonha, se tornou independente do seu primo Afonso VII, rei de Castela e de Leão. É à batalha de São Mamede (1128) que, tradicionalmente, se faz remontar esta independência, ainda que Afonso Henriques só se tenha feito reconhecer como rei nos anos seguintes. Separando-se de Leão para se tornar reino independente, Portugal separava-se também da Galícia, que não mais deixaria de ficar anexada ao país vizinho - reino de Leão, reino de Castela e, finalmente, reino de Espanha. A fronteira, outrora existente, que no século XII isolou a Galícia de Portugal, estava destinada a ser definitiva. Ao mesmo tempo que se separava ao norte da Galícia, o novo reino independente de Portugal estendia-se para o sul, anexando as regiões reconquistadas aos mouros. Com a tomada de Faro (1249), o território nacional atingiu os limites que, com algumas pequenas modificações, correspondem às fronteiras de hoje. Dentre todas as nações europeias, Portugal é uma daquelas cujas fronteiras variaram menos.

O início da história escrita da língua portuguesa é marcado pela obra o *Testamento de Afonso II*, datado de 1214 e pela *Notícia do Torto*, escrita, possivelmente, entre 1214-1216. Acredita-se que as mais antigas cantigas de amigo e de amor do *Cancioneiro Medieval Português* se situam no início do século XIII, já que tanto a *Cantiga da*

Ribeirinha, de amigo, e a *Cantiga da Garvaia*, de amor, têm como inspiradora Maria Pais Ribeiro, a Ribeirinha, personagem documentada na história como amante do rei D. Sancho I, que reinou entre 1185 e 1212.

Afirma CASTRO (1991, p. 25) que essas compilações, às quais se devem acrescentar as Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio (1221-1284), rei de Castela e de Leão a partir de 1252, são escritas numa língua complexa, que têm por base os falares da Galícia e do Norte de Portugal. Nela se documentam arcaísmos notáveis, a atestarem que, para o seu público, esta literatura tinha um passado. Os autores são tanto galegos como portugueses. Entre eles encontram-se até leoneses e castelhanos. O galego-português, em suma, aparece nessa época como a língua exclusiva da poesia lírica, e quem quer que a quisesse praticar deveria, obrigatoriamente, adotá-la. A assinatura de Afonso X, rei de Castela e de Leão de 1252 a 1284, junta-se assim, nos Cancioneiros, à de D. Dinis de Portugal, rei de 1279 a 1325. Toda essa explosão lírica termina, porém, em meados do século XIV, tendo sido D. Pedro, conde de Barcelos (1289-1354), filho bastardo de D. Dinis, um dos últimos trovadores.

Leite de Vasconcelos (1959, p. 51), limitava-se a designar esse período apenas de *português arcaico*. Já Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1912, p. 15), subdividiu em duas fases: o período trovadoresco até 1350 e o período do português comum ou da prosa histórica. Essa divisão foi seguida por Serafim da Silva Neto. Porém Lindley Cintra se opõe ao português antigo, do século XIII às primeiras décadas do XV, o português médio, daí até as primeiras décadas do século XVI.

Assegura Tyssier (1982, p. 101) que é na segunda metade do século XIII que se estabelecem certas tradições gráficas. O testamento de Afonso II (1214) já utiliza <ch> para a africada [tʃ] — ex.: Sancho, chus —, consoante diferente do [ʃ], ao qual se aplica a grafia <x>. Este <ch>, de origem francesa, já era usado em Castela com o mesmo valor. Para <n> palatal e <l> palatal, e somente após 1250 que começam a ser usadas as grafias de origem provençal <nh> e <lh>; ex.: ganhar, velha. O til (~), sinal de abreviação, serve frequentemente para indicar a nasalidade das vogais, que pode vir também representada por uma consoante nasal; ex.: razo, razom ou razon. Apesar das suas imprecisões e incoerências, a grafia do galego-português medieval aparece como mais regular e fonética do que aquela que prevalecera em português alguns séculos mais tarde.

Segundo Mattos e Silva (2006, p. 23) os acontecimentos históricos são acontecimentos extralinguísticos que são tomados como balizas para marcar o fim do período arcaico. Eles afirmam:

[...] na história de qualquer língua, os fatores extralinguísticos, tanto culturais como sociais, são condições que podem favorecer os processos de mudanças nas línguas”, tais como: o surgimento do livro impresso, em substituição aos manuscritos no final do século XV e suas consequências culturais, a expansão imperialista portuguesa no mundo com as grandes navegações, que se refletiu na sociedade portuguesa pelo contato com novas culturas e novas línguas, provocando reflexos na língua portuguesa no seu processo de variação e mudança e ainda com o surgimento em 1536 com a gramática de Fernão de Oliveira e em 1540 a de João de Barros formará um futuro “dialetto” que se tornará a base para o ensino da língua portuguesa nas escolas ao lado do latim (MATTOS E SILVA , 2006, p. 23).

Afirma Schwarcz (2015, p. 24) que desde o princípio, o impulso para o expansionismo em Portugal seria pautado por interesses comerciais, militares e evangelizadores. O Brasil, que nessa época ainda não existia nos mapas e não havia entrado na história ocidental, porém estava incluído no Tratado de Tordesilhas, cercava o país nas proximidades de onde hoje se encontram Belém, no Pará e Laguna, Santa Catarina. Mas Portugal estava pouco interessado em explorar o Brasil, pois contava com as riquezas e lucros obtidos no Oriente. Mesmo assim, nova expedição foi organizada em 1500 sob o comando do capitão-mor Pedro Álvares de Gouveia, posteriormente, assumindo o nome de seu pai – Fernão Cabral, tornando-se conhecido como Pedro Álvares Cabral.

Assegura Schwarcz (2015, p. 14) que a história do Brasil é datada a partir da “descoberta” e para alguns e para outros o termo correto seria “invasão” em 1500, afirma que, “a nossa história ambiciona ser mestiça como de muitas maneiras são os brasileiros. É mestiça porque prevê não só mistura mas clara separação”. Numa nação caracterizada pelo poder de grandes proprietários rurais, muitos deles donos de imensos e isolados latifúndios, autoritarismo e personalismo foram sempre realidades fortes, a desestimular o crescimento das instituições e com isso a luta por direitos. Do mesmo modo, outro traço que não é natural, pois tratamos de construções sociais, como se fosse um verdadeiro nó nacional, a violência está encravada na mais remota história do Brasil, país cuja a vida social foi marcada pela escravidão.

É sabido que o português do Brasil não corresponde ao português europeu do século XVI época em que o Brasil foi “descoberto” pelos portugueses e em que também começou a colonização, mas ainda mantém alguns traços conservadores desse período. A língua é um organismo vivo e, portanto, sua dinâmica de mudança acompanha a evolução da sociedade. Sabe-se que, com o decorrer do tempo, todas as línguas mudam. De acordo com esta característica geral das línguas, o português do Brasil também começou a mudar a partir do século XVI. Porém encontram-se no português brasileiro atualmente algumas das características que eram típicas da língua no século XVI.

Pode-se afirmar que os traços linguísticos encontrados em algumas variedades de português do Brasil devem-se à conservação do português do primeiro século de colonização do que às inovações aqui introduzidas. A justificativa para tal afirmação baseia-se no fato de que, enquanto o português de Portugal sofria processos de mudança, o português do Brasil, pelo isolamento das populações transplantadas, teria mantido aqui as características de antes da mudança. Segundo Araújo (2000, p. 88),

[...] o português que se fala no Brasil é um descendente direto do português popular dos séculos XVI e XVII, estando suas origens arraigadas no português medieval, ou, mais exatamente, no português medieval da segunda fase.

Observa Cunha (1985, p. 106) que o texto escrito do período arcaico se aproxima, em geral, mais da fala do que os textos escritos posteriores à normatização gramatical. O que vem ao encontro da hipótese da conservação de traços antigos nos falares rurais e no chamado português popular brasileiro, pois muitos traços ditos arcaicos são encontrados até hoje na chamada *Área Cultural Caipira*. Dessa forma encontram-se ainda muitos traços denominados de língua antiga, pertencentes ao galego português ainda preservados na variedade cuiabana em questão. Porém apesar da preservação encontrada, verificou-se também neste trabalho que essa se limita aos mais idosos da comunidade, sendo que a maioria dos informantes, dentre os mais jovens, realizam poucos traços mais marcantes do falar cuiabano. Apontando para um processo de variação e mudança em curso do falar cuiabano.

Silva Neto (1963, p. 90) afirma que na constituição do português brasileiro há, desde o século XVI, duas derivas:

a) uma deriva bastante conservadora, que se desenvolve muito lentamente;

b) uma deriva a que condições sociais próprias imprimem velocidade inesperada.

Quanto à primeira deriva, afirma que uma população proveniente dos mais diversos pontos de Portugal que, em contato com um meio linguístico tão diversos como o nosso, elaborou um denominador comum sem participar das mudanças operadas de modo especial nos grandes centros. Isso fez com que o falar, que não recebia influências das línguas aqui existentes, sustentasse o caráter conservador.

No caso da segunda deriva, o que aconteceu é que grandes multidões tiveram que aprender, de forma imperfeita e muito rapidamente, a língua dos senhores. Por essas duas derivas, pode-se inferir que a língua portuguesa, em alguns lugares do país, manteve-se conservadora e, em outros, inovadora. Pelos casos observados no falar cuiabano, possivelmente podemos dizer que há indícios de que nesse falar atuou uma deriva conservadora.

Para Naro & Scherre (2001, p. 34), a comparação legítima é a que se estabelece, para finalidades diacrônicas, entre o português brasileiro popular e o português europeu popular, eliminando a ideia de supostos mecanismos de simplificação ou de aprendizado imperfeito, para explicar as estruturas já existentes na própria língua portuguesa vinda de Portugal nas suas variantes populares. E que o modelo assumido para dar conta da mudança que ocorreu no português brasileiro é o da *confluência de motivações*, sem criouliização prévia do português, mas levando em conta a existência da língua geral (ou das línguas gerais) e da língua de preto prévias.

Dessa forma, possivelmente o português brasileiro contemporâneo, preserve, sobretudo nas variedades rurais e populares, alguns aspectos que eram típicos da língua no século XVI, a qual, por sua vez, também preservava alguns arcaísmos, propriedades típicas de épocas anteriores.

1.2 A língua geral

Os portugueses quando chegaram no Brasil, a princípio, para se comunicar com os índios desenvolveram uma língua simplificada que tinha por base o vocabulário da língua tupi, traços sintáticos partilhados. Mais tarde essa língua viria a ser chamada de língua geral.

Observa Holanda (1995, p. 131) que os paulistas da era das bandeiras se valiam do idioma tupi para praticamente todas as relações que se estabeleciam,

[...] tanto em seu trato civil e doméstico, exatamente como os dos nossos dias se valem do português e que deixam pouco lugar a hesitações, como o é o do padre Antônio Vieira, no célebre voto que proferiu acerca das dúvidas suscitadas pelos moradores de São Paulo em torno do espinhoso problema da administração do gentio “certo”, sustenta o grande jesuíta, que as famílias dos portugueses e índios de São Paulo estão tão ligadas hoje umas às outras, que as mulheres e os filhos se criam mystica e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala he a dos índios, e a portugueza a vão os meninos aprender à escola.

Afirma Silva Neto (1960, p. 79) que nos primeiros tempos da colonização houve “certo tipo de bilinguismo no Brasil, ao lado da língua geral, uma vez que a língua que se falava nas famílias constituídas de portugueses e índios, era a dos índios. Desse modo, a língua geral predominaria como a língua de três quartos da população durante os séculos XVI e XVII.

A língua geral falada pelos jesuítas e bandeirantes teve nesses grupos de falantes os elementos difusores mais importantes. Nas mais desconhecidas localidades do território brasileiro, os bandeirantes em busca de índios e ouro para a coroa portuguesa, e os jesuítas buscando a catequização dos índios, difundiram o uso da língua geral. No entanto outros tempos linguísticos se pronunciariam com a chegada dos escravos africanos ao cenário linguístico brasileiro.

Afirma Holanda (1995, p. 132) que nos séculos XVI e XVII, os grandes centros de condensação africana no Brasil foram Bahia e Pernambuco. Nos séculos XVII e XVIII Bahia e Rio de Janeiro. Por esses locais confluíam todas as correntes de escravos vindos da África. Daí os escravos eram também enviados para outros centros de distribuição, espalhados por toda a colônia. Falantes de várias línguas francas africanas, como o Yorubá e o Bantú, além de línguas nativas, num primeiro momento, os negros tanto poderiam ter aprendido diretamente o português ou a língua geral ou quanto ter desenvolvido algum tipo de variedade pidginizada do português para se comunicarem. Na verdade dado o número de línguas africanas, poderia ter havido mais de uma variedade pidginizada ou reestruturada do português. Para vencer tamanhas contrariedades impunha-se a caça ao índio. As grandes entradas e os descimentos tinham aqui objetivo bem definido: assegurar a mesma espécie de sedentarismo que os barões açucareiros do Norte alcançavam sem precisar mover o pé dos seus engenhos. Por estranho que pareça,

a maior mobilidade, o dinamismo, da gente paulista, ocorre, nesse caso, precisamente em função do mesmo ideal de permanência e estabilidade que, em outras terras, pudera realizar-se com pouco esforço desde os primeiros tempos da colonização. Mas se é verdade que, sem o índio, os portugueses não poderiam viver no planalto, com ele não poderiam sobreviver em estado puro. Em outras palavras, teriam de renunciar a muitos dos seus hábitos hereditários, de suas formas de vida e de convívio, de suas técnicas, de suas aspirações e, o que é bem mais significativo, de sua linguagem.

Segundo Holanda (1995, p. 131) essa influência da língua geral no vocabulário, na prosódia e até nos usos sintáticos de nossa população rural não deixava de exercer-se ainda quando os indígenas utilizados fossem estranhos à grande família tupi-guarani: o caso dos bororos e sobretudo o dos parecis, que em São Paulo do século XVIII tiveram papel em tudo comparável ao dos carijós na era seiscentista, a era por excelência das bandeiras. É que, domesticados e catequizados de ordinário na língua geral da costa, se entendiam com os senhores somente neste idioma.

Sabemos que a expansão bandeirante deveu seu impulso inicial sobretudo à carência, em São Paulo, de braços para a lavoura ou antes à falta de recursos econômicos que permitissem à maioria dos lavradores socorrer-se da mão-de-obra africana. Falta de recursos que provinha, por sua vez, da falta de comunicações fáceis ou rápidas dos centros produtores mais férteis, se não mais extensos, situados no planalto, com os grandes mercados consumidores de além-mar.

Nas zonas auríferas a mistura que se deu entre a língua geral falada por bandeirantes e índios, e a (s) possível(is) variedade (s) crioulista (s) do português e línguas francas africanas, faladas pelos negros, e o português europeu dos portugueses, vindos diretamente de Portugal teria, muito provavelmente, resultado em língua mista de base portuguesa, com elementos africanos e alguma influência ameríndia. Depois de 1750, com a exaustão das minas os escravos e mestiços teriam contribuído para espalhar pelos antigos domínios da língua geral essa variedade mista do português. Presume-se daí o surgimento da variedade do português brasileiro.

Em suma, afirma Souza Rodrigues (1999, p. 33) nos três primeiros séculos da vida brasileira, estruturou-se o cenário linguístico precursor da língua nacional,

Nos vários locais de aglomeração e aglutinação humana, em especial, na efervescência das minas, caldearam-se intensamente povos e línguas em todos os sentidos, resultando numa formação linguística híbrida, com tendências marcadamente crioulistas: o português brasileiro (SOUZA RODRIGUES, 1999, p. 33).

O português europeu e a língua tupi deram origem a língua geral. As línguas nativas e línguas francas africanas, bem como a variedade crioulista de São Tomé, em contato com o português europeu, muito provavelmente, originaram um crioulo ou variedade (s) crioulista (s) do português.

1.3 O Falar Rural - O Dialeto Caipira

No Brasil, país de população multifacetada em relação às suas origens, cada região se desenvolveu de acordo com o momento no qual foi ocupado, de acordo com os interesses econômicos vigentes tais como o pau-brasil, o ouro e a cana-de-açúcar. Assim, o falar de cada local foi se moldando neste encontro de povos vindos de fora – europeus portugueses, espanhóis, os africanos trazidos à força como escravos - com a população local - os índios, levando em conta seus aspectos peculiares.

O falar das pessoas que moravam no campo era, provavelmente, a língua geral até fins do século XVIII. Todos a sabiam, ou para se exprimir, ou para entender. Era a língua das bandeiras; era a de muitos dos próprios portugueses já domiciliados. É o que explica essa absoluta predominância do tupi, entre as línguas brasileiras, na toponímia local, na nomenclatura de animais e de plantas e em geral no vocabulário de procedência indígena.

O dialeto caipira segundo Amaral (1976, p. 14) foi constituído a partir da chamada língua geral. É a fala de uma população interiorana que durante muito tempo se manteve isolada dos contatos com os centros urbanos. Por ser esse dialeto falado por pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade, ele tem sido amplamente estigmatizado. É uma variedade que está à margem do processo empregado na constituição da norma culta padrão atual, ou seja, é basicamente de cunho oral, e, por esse motivo, tem sido considerado uma variedade de menor prestígio social, sendo utilizada por estratos sociais menos privilegiados.

Afirma Aguilera (2009, p. 134), que a base paulista miscigenou-se com os diversos povos indígenas que aí habitavam e, mais tarde, com os migrantes de todos os pontos do país que para lá afluíram em busca de terra e de melhores oportunidades de trabalho. Desse encontro de grupos étnicos resultou uma fala que conserva traços do falar

rural não só paulista, mas do falar rural brasileiro, como se pode observar no uso de lexias comuns a todas as regiões e como se poderá observar pelos registros fonéticos próprios do falar rural e de pessoas não escolarizadas.

O trabalho de Amadeu Amaral (1976) *O Dialeto Caipira* constitui-se em rica fonte de estudo sobre os falares rurais e populares no Brasil, trata de estudo realizado em São Paulo, porém estende-se por toda a região que pertencia a Capitania de São Paulo, região conhecida como Rota das Bandeiras no período colonial, portanto os traços descritos por Amaral são encontrados até hoje nessas regiões Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso, Goiás etc, portanto, possivelmente, são regiões que conservaram traços do galego português.

Afirma Amaral (1976, p. 36) que o “caipirismo” não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da vida provinciana,

[...] de algumas décadas para cá tudo entrou a transformar-se”. A substituição do braço escravo pelo assalariado afastou da convivência cotidiana dos brancos grande parte da população negra, modificando assim um dos fatores da diferenciação dialetal brasileira. Os genuínos “caipiras”, os “roceiros” “ignorantes e atrasados”, começaram também a ser postos de lado, a ser atirados à margem da sociedade, a ter uma interferência cada vez menor nos costumes e na organização da nova ordem e a população cresceu e mesclou-se de novos elementos. Construíram-se vias de comunicação por toda a parte, intensificou-se o comércio, os pequenos centros populosos que viviam isolados passaram a trocar entre si relações de toda a espécie, e a província entrou por sua vez em contato permanente com a civilização exterior. Era muito difícil que o dialeto caipira deixasse de sofrer com tantas alterações do meio social que hoje, ele acha-se acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas e influenciadas pela antiga educação.

O vocabulário do dialeto é, naturalmente, bastante restrito, de acordo com a simplicidade de vida e de espírito, e as exíguas necessidades de expressão dos que o falam. Esse vocabulário é formado, em parte:

- a) de elementos oriundos do português usado pelo primitivo colonizador, muitos dos quais se arcaizaram na língua culta;
- b) de termos provenientes das línguas indígenas;
- c) de vocábulos importados de outras línguas, por via indireta;
- d) de vocábulos formados no próprio seio do dialeto.

Afirma Castilho (2001, p. 59) que das línguas dos autóctones, ou, melhor, do tupi, recebeu o dialeto grande quantidade de termos. A nossa população primitiva, durante muito tempo, antes da introdução do negro, era, pela maior parte, composta de indígenas e de mestiços de indígenas. Da extensão que teve a língua dos aborígenes no falar dos primitivos dois ou três séculos da nossa existência, dão testemunho flagrante, além de muitos vocábulos que entraram nos usos sintáticos correntes, os não menos numerosos topônimos, que se encontram nas vizinhanças dos centros de população mais antigos.

Por fim, Amaral (1976, p. 13) sobre *o Dialeto Caipira* e os seus usos em documentos antigos, afirma que

[...] lendo-se certos documentos vernáculos dos fins do século XV e de princípios e meados do século XVI, fica-se impressionado pelo ar de semelhança da respectiva linguagem com a dos nossos roceiros e com a linguagem tradicional dos paulistas de “boa família”, que não é senão o mesmo dialeto um pouco mais polido.

Entre a obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1976), até a atualidade, já se passou quase um século e ainda assim muitos dos traços descritos nessa obra são encontrados até hoje em pleno funcionamento. E é válido, após a análise empreendida neste estudo com os dados de fala da comunidade de São Gonçalo Beira Rio, contemplando vinte informantes, avaliar o processo de variação e mudança linguística que atinge a(s) fala(s) rural(is).

1.4 O Falar Cuiabano

A formação do povo cuiabano não difere muito em relação ao restante do Brasil: europeus, em sua maioria portugueses e seus descendentes, índios e posteriormente o africanos. Na gênese da variedade houve a mistura da língua da terra do índio principalmente a etnia Bororo, a proximidade com o espanhol falado nos países vizinhos através da fronteira, o português e posteriormente a fala caipira do bandeirante formaram o que hoje é o falar cuiabano.

Assegura Drummond (1985, p. 8) que “a história da fundação e formação cultural de Cuiabá sugeria, por si só, a possível existência de uma área rica em termos de fala reflexo de cosmovisão ainda e felizmente pouco ligada às experiências de outros centros em que os veículos de comunicação portam uma linguagem niveladora. Existem nesta

região todavia, hábitos antigos que se conservam tradições que não desaparecem totalmente, continuando e evidenciando força muito grande.

A classificação dialetológica de Mato Grosso se divide em área pastoril e da mineração. A primeira chama-se “ciclo do ouro” e a segunda “ciclo da mineração propriamente dito” e o “ciclo da garimpagem”, nas margens dos rios e lagos diamantíferos de Mato Grosso. A comunidade de São Gonçalo Beira Rio estaria ligada ao ciclo do barro e do peixe. Segundo Silva Neto é classificada ainda como sendo a zona das africadas /tch/ e /dj/, do /R/ e /L/ pós-vocálicos com articulação denominada de retroflexa.

Afirma Santiago-Almeida (2009, p. 90) que a formação da etnia cuiabana, com destaque para “a base humana e linguística se originou pela paulistanidade caipira trazida pelos bandeirantes no século XVIII como influência decisiva na formação do perfil sociocultural do povo da Baixada Cuiabana”. E que o falar cuiabano pode ser o resultado do contato, bastante estreito, entre o dialeto caipira, recheado de elementos próprios do português arcaico e as línguas indígenas.

Aponta Cox (2008, p. 33) que a história de sua formação, datada desde o século XVI e a sua história recente, nas últimas quatro décadas, entrelaçam-se esses falares,

De um cenário linguístico aparentemente homogêneo, Mato Grosso se converteu, nesses tempos de intenso fluxo migratório, num cenário visivelmente heterogêneo que escutam-se aqui não mais apenas as notas do falar cuiabano, mas também as do gaúcho, do paranaense, do catarinense, do goiano, do mineiro, do paulista, do nordestino entre outros brasileiros.

Conforme Dettoni (2003 p. 197), conviveram, nesta região, em diferentes momentos e em diversos graus de intensidade, as línguas indígenas nativas, a variedade castelhana da fronteira, a língua dos bandeirantes colonizadores, diversas variedades do português ali introduzidas pelos sertanistas migrantes, além da variedade falada pelos negros escravos. Foi nesse contexto multilíngue e multidialetal que se originou a variedade de português falada, ainda hoje, na baixada cuiabana.

Assegura Souza Rodrigues (1999, p. 46) que em Mato Grosso, houve a mistura com as línguas africanas, mas a presença africana não chegou a ser tão maciça quanto em outras regiões brasileiras, mas os negros deixaram marcas importantes na língua, nos costumes e na cultura mato-grossense. Esse fato indica que os escravos africanos e outros mestiços podem ter trazido para a região traços crioulizantes da variedade predecessora do português brasileiro, que era falada nas minas. Conforme Silva Neto (1960, p. 268), é

mesmo possível que “no linguajar de Goiás, Mato Grosso, Amazonas se notem conservadas particularidades da fase arcaica do português popular”.

Muitos dos traços que identificam o falar cuiabano já foram encontrados e descritos em diversos trabalhos sobre documentos antigos e modernos como, Naro e Scherre (2013), Mattos e Silva (2006), e sobre Mato Grosso Santiago-Almeida (2000, 2009), Heidmmam (2012), Silva (2013), debruçaram-se sobre documentos do século XVIII utilizando cartas manuscritas pertencentes ao Arquivo Público de Mato Grosso - APMT. Os quais destacaram várias ocorrências dos traços encontrados até hoje no falar cuiabano, conforme Cunha (1985, p. 115) sobre a afirmação do conservadorismo do português brasileiro.

Afirma Drummond (1978, p. 45), em seu processo histórico, um dos fatos que mais influenciaram a formação do que hoje é o falar cuiabano foi o final da Guerra da Tríplice Aliança - a Guerra do Paraguai - quando os prisioneiros paraguaios da Retomada de Corumbá ficaram confinados à margem direita do rio Cuiabá, atual cidade de Várzea Grande. Ao final do conflito, os prisioneiros não retornaram ao seu país de origem e permaneceram pela região ribeirinha, miscigenando-se com a população local. Esta integração acarretou na influência sobre a cultura regional, através de novos costumes, danças - a polca paraguaia, o cururu e o siriri.

Cuiabá viveu mais de século isolada dos centros econômicos mais importantes, mantendo-se nesse período em uma economia de subsistência, através de formas artesanais de produção. Esta região era periférica e não se influenciava pelo dinamismo urbano que já transformava a linguagem em locais mais abastados economicamente; assim o falar cuiabano se cristalizou através das suas influências mais locais: os índios, os portugueses, os africanos e os espanhóis.

Assegura Cox (2008, p. 33) que, dentre os aspectos fonológicos envolvendo as consoantes, a realização das fricativas palatais [ʃ] e [ʒ] como as africadas [tʃ] e [dʒ], respectivamente, têm sido consideradas as marcas registradas do falar cuiabano e que

[...] as relações entre a variedade linguística local e as dos imigrantes estão longe de ser pacíficas. Aliás, tensão e conflito estão sempre presentes nos contextos onde diferenças linguísticas se entrecruzam, uma vez que as diferenças, via de regra, são hierarquizadas segundo o *status* socioeconômico de seus falantes. Quer dizer, invariavelmente dividem-se em variedades de prestígio e variedades estigmatizadas, não

pelo que elas são em si mesmas, mas pelo poder maior ou menor de seus falantes.

Conforme Campos (2014, p. 63) o dialeto cuiabano começou a ter fortes influências com a chegada de migrantes vindos da região sul do Brasil, a partir da década de 1970. Para ela, o dialeto que ainda estava em construção e começou a ser relegado por causa da rejeição,

As pessoas que vieram para Mato Grosso na década 1970, dentro do programa Marcha para o Oeste, chegaram e acharam tudo muito feio, do cerrado e a mata no interior do Estado ao jeito de falar do cuiabano. E um dialeto que ainda estava em construção, em formação começou a se perder porque era considerado horrível, estranho.

A autora observa que o esmaecimento da fala cuiabana começou a ser notado por pesquisadores na década de 1980, e com a expansão da comunicação de massa, as características externas se acentuaram. Com a influência do rádio, da televisão e do mundo globalizado as particularidades linguísticas encontradas na baixada cuiabana vão desaparecendo e abrindo espaço para a unificação na fala dos brasileiros.

Em razão do choque cultural e da resistência na aceitação do falar cuiabano por outros povos, muitas crianças passaram a ter vergonha de falar como seus pais e avós, provocando uma mudança de comportamento. Porque não é só um modo de falar, é toda uma cultura e riqueza extraordinária que está embutida e que vai se perdendo.

A Portaria nº 17/2013, da Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso, tombou o linguajar cuiabano reconhecendo-o como patrimônio imaterial do Estado e, com isso, o falar cuiabano fica oficialmente protegido pelo poder público do risco de desaparecer. Segundo a portaria, “o linguajar cuiabano é parte constitutiva da cultura de Mato Grosso, instrumento de saber que serviu como base para a consolidação da cultura regional e instrumento principal de comunicação entre as pessoas”.

Segundo Dettoni (2003, p. 189) o que se registra nos processos sócio-históricos e culturais que, em épocas distintas, vêm alterando o cenário onde floresceu e se extinguiu o falar cuiabano,

[...] exibindo a atuação do princípio uniformitário de que as forças que atuaram no passado são da mesma natureza das que atuam no presente (Labov, 1972). Neste cenário, avultam os diversificados contatos

lingüísticos e as forças sociais deles decorrentes atuando, de modo impositivo, sobre a variedade local. Finalmente, o problema da avaliação põe em destaque o significado social veiculado pelas formas variantes em combate na comunidade investigada. Mais que isso, esta discussão evidencia também, de modo implícito, a questão da representatividade sócio-econômico-cultural de Cuiabá e do Estado de Mato Grosso no competitivo cenário nacional. Mudanças lingüísticas como as que se verificam no dialeto da baixada cuiabana estão fortemente atreladas aos valores e aos fatores de ordem social.

Por fim, observa Silva Neto (1969, p. 3) que a história de uma língua não é um esquema rigorosamente pré-estabelecido, algébrico. Não se pode partir do latim e chegar diretamente aos dias de hoje, saltando por sobre vários séculos de palpitante vida. A história de uma língua é a história da evolução cultural de um povo vista no espelho das suas mutações sucessivas. A formação da língua portuguesa e sua história é um instrumento de uma coletividade humana, a história da língua como história dos homens que a falam.

1.4 Pesquisas sobre o Falar Cuiabano

Diversos trabalhos sobre o falar cuiabano foram realizados dentre eles a dissertação de mestrado da Prof. Dr^a. Alzira de Oliveira, intitulada “*A linguagem dos pescadores de Mato Grosso: um estudo linguístico-etnográfico*”, defendida na Pontifícia Universidade Católica Rio de Janeiro PUC – RJ, em 1980. A autora realizou uma pesquisa de campo em cinco municípios do estado de Mato Grosso: Barão de Melgaço, Cáceres, Cuiabá, Santo Antônio de Leverger e Várzea Grande. O método empregado foi o das pesquisas dialetológicas quanto a seleção dos informantes, pontos de inquérito, elaboração e aplicação do questionário, previamente elaborado e estruturado por campos semânticos. Na pesquisa de campo, o critério foi sincrônico (1979), diatópico (Mato Grosso) e diastrático (um grupo social determinado – o dos pescadores). A pesquisa discute a fala profissional dos pescadores e analisa o léxico utilizado por eles, afirma que os processos de formação do léxico pesqueiro se submetem aos processos fonológicos usuais da língua comum: derivação, composição, empréstimo e neologismo. Não há, portanto, inovações morfológicas, a contribuição inovadora se verifica pela criação de lexias novas, pela restrição ou extensão do significado, ou por um novo significado das lexias já existentes. Conclui-se, por fim, que a formação do léxico pesqueiro é feito essencialmente através de neologias, seja através de neologias de forma ou de neologias de sentido.

Posteriormente foi difundida a dissertação de mestrado pela Prof. Dr^a. Maria Luiza Canavarros Palma, intitulada “*Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolinguístico*”, realizada na Pontifícia Universidade Católica Rio de Janeiro PUC – RJ em 1984. A autora estudou sobre o uso das africadas, suas variações e estigma que os cuiabanos sofreram por parte dos imigrantes que vieram para o estado de Mato Grosso a partir da década de 70. A autora analisou o valor social do uso das consoantes africadas em variação com as fricativas por cuiabanos, exatamente por estes serem caracterizados como traços estigmatizados por pessoas de outros lugares, bem como pelos próprios cuiabanos. O resultado a que chegou a autora foi o de que há efetivamente em Cuiabá um processo de mudança linguística, ou seja, os cuiabanos vêm substituindo, nos últimos anos, padrões de comportamento linguístico de sua região por outros estranhos a ela. E afirma ainda que seus costumes vêm sofrendo alterações e tais mudanças vêm se dando não apenas na língua, mas em outros aspectos como seu próprio modo de vida, seu sistema de crenças e seus valores.

Maria Francelina Ibrahin Drummond, publicou o livro “*Do falar cuiabano*” (1985), obra dividida em: aspectos morfológicos e sintáticos, aspectos fonéticos e vocabulário do falar cuiabano. A autora realizou a sua pesquisa de campo em áreas periféricas da grande Cuiabá, tendo sido escolhidas como ponto de partida duas localidades que margeiam o rio Cuiabá, Guarita e São Gonçalo Beira Rio. Foram realizadas entrevistas com os moradores numa faixa etária acima de quarenta anos, pessoas nascidas, criadas e residentes aqui e que desenvolvessem atividades relacionadas ao modo de viver cuiabano, dentre pescadores, artesãos, trabalhadores ligados a lavoura. Em seguida, esses dados foram confrontados com termos encontrados em outras áreas da cidade como no Porto, Coxipó, São João dos Lázaros, Pico do Amor e Praieiro, e tendo sido termos confirmados entre os falantes destes bairros.

O trabalho da Prof. Dr^a. Ulidete Rodrigues de Souza Rodrigues, intitulado “*Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva crioulista*”, defendido na Universidade de Brasília - UNB em 1999, discute uma possível crioulistização na formação do falar cuiabano já que no século XVIII, quando foi descoberto ouro em Cuiabá e região, vieram para cá mineradores de várias partes do país, mesclando-se com as línguas indígenas existentes acrescidos dos africanos trazidos como escravos que também utilizavam diversas línguas e ainda a proximidade com o espanhol através da fronteira. A autora afirma que nos vários locais de aglomeração e aglutinação humanas, em especial,

“[...] na efervescência das minas, caldearam-se intensamente povos e línguas em todos os sentidos, resultando numa formação linguística híbrida – o falar cuiabano” (SOUZA RODRIGUES, 2009, p. 201).

O Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, realizou a sua pesquisa de doutorado intitulada “*Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil*”, defendido na Universidade de São Paulo - USP em 2000 e em seguida apresentou seu estudo de livre docência intitulado, “*Vogais do falar ribeirinho cuiabano*”, na mesma universidade em 2009. O autor apresenta a descrição de traços do aspecto fonológico da variante portuguesa falada no Vale do rio Cuiabá acompanhada de estudos para a identificação, análise e tabulação de traços pertencentes a uma ou mais fases do português, principalmente dos séculos XVIII. Aponta formas hoje consideradas não padrão que encontram registro habitual em textos do século XVII e XVIII e que ainda sobrevivem na oralidade de alguns habitantes nativos dessa região. Os resultados apresentados pelo autor afirmam que, levando em conta os textos setecentistas, as entrevistas por ele realizadas e a literatura da história da língua portuguesa consultada, o confronto dos dados mostra que os traços observados no falar cuiabano, dentre outros afirma que “[...] “a resistência do “mito” da conservação de traços antigos, de fato, se confirma, e que no decorrer desses séculos as condições socioculturais no Brasil foram mais propícias a conservação do que a renovação.

Em seguida foi publicada a tese de doutorado da Prof. Dr^a. Mariza Pereira da Silva intitulada “*A dinâmica de um processo de mudança: variação entre [aw] e [õ] em Mato Grosso*” defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ em 2005. Neste estudo, são focalizadas as variações fonético-fonológicas entre segmentos nasais [ãw] e [õ] de final de palavra, em duas cidades de Mato Grosso: Cáceres e Poconé. Nessas duas comunidades, o ditongo nasal final [ãw] se reduz a vogal nasal [õ], por exemplo coração – coraçon, e também em direção inversa, a vogal nasal [õ] alterna com o ditongo nasal final. Como em Rondon – Rondão. Então ela parte da hipótese de que a variação [ãw] ~ [õ] constitui um processo de nivelamento dessas variedades regionais com a norma padrão do português e o que a variação entre [õ] ~ [ãw] é consequência de um processo de hipercorreção resultante dessa tendência de nivelamento. Através de uma análise multivariacional, procurou-se identificar os fatores linguísticos (lexicais, fonéticos e morfológicos) que motivam a utilização de uma ou outra variante e os fatores sociais (gênero, idade, escolaridade e estilo) indicativos de uma direcionalidade do fenômeno

nessas comunidades de fala. A análise permite mostrar uma significativa extensão dos dois fenômenos variáveis na fala cacerense, o que pode ser uma decorrência da maior distância geográfica dessa cidade em relação a um centro urbano de difusão, Cuiabá.

A Prof. Dr^a. Rachel do Valle Dettoni realizou o seu trabalho intitulado “*A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança linguística no dialeto da baixada cuiabana*”, tese de doutorado defendida na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG em 2003. A realização variável da concordância de gênero é um traço linguístico presente no falar cuiabano. De fato, é possível encontrar na fala típica não só da região de Cuiabá, mas também de qualquer município da Baixada Cuiabana, construções como “banana maduro”, “noite intero” e “essa vagem bonito”. Construções como essas, embora estejam se tornando cada dia menos frequentes na área urbana de Cuiabá, ainda ocorrem na fala dos usuários da variedade do português típica da Baixada Cuiabana, constituindo um de seus traços característicos. Em suma, a concordância de gênero no falar cuiabano encontra-se em processo de mudança no sentido da neutralização do uso da variante local. Essa mudança pode ser localizada tanto no eixo linguístico quanto no social.

O livro “*Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*”, publicado pela Editora Cathedral em 2005 e organizado pelos professores Prof^a. Dr^a. Maria Inês Pagliarini Cox e Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, é uma coletânea de artigos referentes ao falar cuiabano e suas particularidades. A obra discute esse falar por vieses diferentes e se divide em três partes: 1) aspectos históricos, trata da formação do português brasileiro que tiveram repercussão no falar cuiabano; 2) aspectos linguísticos, como aspectos morfossintáticos, fonético-fonológicos e lexicais do falar cuiabano com abordagens descritivas, sociolinguística, históricas e dialetológicas; 3) aspectos sociais sob a ótica da análise do discurso e dos estudos culturais sobre as representações, as avaliações e os efeitos de sentido que envolvem o falar cuiabano na vida social.

A Prof. Dr^a. Criseida Rowena Zambotto de Lima, publicou dissertação intitulada “*Aspectos fonéticos-fonológicos conservadores no falar de Mata-cavalos*” defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Mato Grosso - PPGEL/UFMT em 2005, que trata da realização das consoantes /s/, /z/, /ʒ/, /ʃ/, /d/, /t/ e /l/ presentes no vernáculo da comunidade de Mata-cavalo localizada em Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, integrando a região da Baixada Cuiabana. Com

base numa descrição sincrônica, procurou-se investigar a preservação de traços fonético-fonológicos de fases anteriores da língua portuguesa que tenham permanecido ou sofrido menor variação linguística. A pesquisa dela apresenta uma análise da variação dos segmentos fonéticos analisados no (s) falar (es) dos quilombolas, usuários do dialeto cuiabano, sem escolaridade, acima de 45 anos.

O trabalho do Prof. Dr. José Leonildo Lima, intitulado “*A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano*”, tese de doutorado defendido na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP 2007, tem por objetivo apresentar uma discussão acerca de aspectos morfossintáticos da variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano. O trabalho é composto por um levantamento sócio-histórico bem como linguístico de Cuiabá. Apresenta sua história e cultura, bem como alguns aspectos linguísticos do falar cuiabano, os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa e a análise dos dados em que podemos perceber que a variação na concordância do gênero gramatical, no português falado na região de Cuiabá, apresenta fortes evidências de uma deriva conservadora.

A presente pesquisa pretende acrescentar mais reflexões ao espaço dos demais já existentes a respeito dessa variante linguística: o falar cuiabano.

CAPÍTULO 2

HISTÓRIA SOCIAL – DO SÃO GONÇALO VELHO AO SÃO GONÇALO BEIRA RIO

“Ouvi o tiro do bacamarte, invadindo a terra do
 coxiponé.
 Religioso de história, e arte guerreiro cheio de Fé.
 Pelos caminhos das águas chegaram, a fim de índios
 prear,
 O São Gonçalo Velho avistaram
 Chuvas de flechas a lutar.
 Quem chegou primeiro?
 Quem chegou primeiro?

Moisés Martins

O objetivo deste capítulo é apresentar a abordagem de aspectos históricos a partir do período colonial brasileiro e a história do São Gonçalo Beira Rio que se entrelaça com a própria história de Cuiabá e de Mato Grosso, com a finalidade de contribuir para a (re) construção dessa história.

2.1 Brasil Colonial: A Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá

Em oito de abril de 1719, Pascoal Moreira Cabral fez assinar a ata de fundação de Cuiabá¹. Então, Antônio Antunes Maciel foi a São Paulo a fim de dar conta do ocorrido ao Governador daquela Capitania, Dom Pedro de Almeida Portugal, Conde de Assumar, sendo na mesma ocasião aclamado Moreira Cabral, Guarda Mór das Minas e Capitão Mór-Regente.

A chegada do emissário de Cabral a São Paulo produziu a mais viva sensação nos habitantes daquela Capitania, que logo começaram a migrar para a nova descoberta, ocasionando rápido povoamento das minas. Novas bandeiras se formavam e outros paulistas vinham e se dedicavam exclusivamente à extração do ouro e foram subindo o rio Coxipó e seus afluentes, foram se espalhando pelas regiões vizinhas, seguindo até se

¹ Fez assinar, porque a ata de 8 de abril de 1719, veio pronta de São Paulo.

agruparem no local denominado de “Forquilha”, já na confluência do rio Mutuca com o rio Coxipó. Foi o maior passo além do Tratado de Tordesilhas. Lá levantaram a primeira igreja, em homenagem a Nossa Senhora da Penha de França, em 1721, na qual, a 21 de fevereiro do mesmo ano, celebrou a primeira missa o padre jesuíta Jerônimo Botêlho. Atualmente a Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, a mais antiga de Cuiabá, está localizada, no distrito de Coxipó do Ouro, a 20 km de Cuiabá. (SIQUEIRA, 2002, p. 56).

Em 1722, o sorocabano Miguel Sutil, mandou dois índios Carijós a sua roça buscar mel ficando surpreso quando os índios trouxeram em lugar de mel, pepitas de ouro. A notícia que se espalhou rapidamente por entre os moradores da Forquilha que alvoroçados mudaram, em 1723, para o local onde hoje se encontra a cidade de Cuiabá.

Siqueira (1990, p. 7) assegura que “As bandeiras foram expedições de caráter mercantil, que para buscar o produto comercializável atiravam-se pelos sertões e nesse processo, pela primeira vez, trilharam o solo mato-grossense”. A caça ao índio foi uma atividade econômica mais praticada pelos bandeirantes paulistas. Foi à busca dos índios Coxiponés que a bandeira de Antônio Pires de Campos, em 1718, atingiu o rio Coxipó. No encalço dessa bandeira veio outra, comandada por Pascoal Moreira Cabral, em 1719, a qual, encontrou ouro nas barrancas do rio Cuiabá.

Com a descoberta do ouro teve início uma nova etapa de atividades na região. A função de caçar índios ficou relegada a segundo plano, cedendo lugar às atividades mineradoras, praticadas de forma rudimentar, pois não contavam os bandeirantes com instrumentos de minerar. Naturalmente, os índios que viviam na região não ficaram satisfeitos com o estabelecimento de estranhos na área e investiram bravamente contra o grupo de Pascoal Moreira Cabral. Em auxílio a ele, surgiu a bandeira dos irmãos Antunes, Gabriel, Antônio, Felipe e João, os quais conseguiram render os Coxiponés. Foi a partir desse evento que essa região passou a ser considerada importante por parte da Coroa Portuguesa.

Afirma Siqueira (1990, p. 8) que foi com a junção dessas duas bandeiras que o grupo pioneiro se revigorou vindo a formar o primeiro núcleo de povoamento no local denominado São Gonçalo Velho – atualmente São Gonçalo Beira Rio, situado à margem esquerda do rio Cuiabá e o segundo foi chamado de Arraial da Forquilha, localizado à margem direita do rio Coxipó-Mirim, atual distrito de Coxipó do Ouro.

Para que fosse garantido o direito de posse na área e instituída uma forma rudimentar de organização, foi lavrada a Ata de Fundação de Cuiabá. A fundação de Cuiabá e posteriormente, da capitania de Mato Grosso estão ligadas intimamente com a fundação do São Gonçalo Beira Rio, primeiro polo de povoamento nesta região.

A propósito das bandeiras, afirma Fausto (2010, p. 94) que,

[...] A grande marca deixada pelos paulistas na vida colonial do século XVIII foram as bandeiras. Expedições que reuniam às vezes milhares de índios lançavam-se pelo sertão, aí passando meses e às vezes anos, em busca de indígenas a serem escravizados e metais preciosos. [...] As bandeiras tomaram as direções de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e as regiões onde se localizavam as aldeias de índios guaranis organizadas pelos jesuítas espanhóis.

Ata de Fundação do Arraial do Senhor Bom Jesus de Cuiabá

Aos oito dias do mês de abril de mil setecentos e dezanove anos, neste arraial de Cuiabá fez junta o Capitão-mor Pascoal Moreira Cabral com os seus companheiros e lhes requereu a eles estes termo de certidão para noticias do descobrimento novo que achamos no Ribeirão do Coxipó, invocação de Nossa Senhora da Penha da França, depois que foi o nosso enviado, o capitão Antonio Antunes, com as amostras que levou do ouro ao Senhor General com a petição do dito Capitão-mor, fez a primeira entrada aonde assistiu um dia e achou pinta de vintém, e de dois e quatro vinténs e meia pataca, e a mesma pinta fez na segunda entrada, em que assistiu grandes perdas e riscos, em serviço de Sua Real Majestade e como de feito tem perdido oito homens brancos fora negros e para que a todo tempo vá isto a noticia de Sua Real Majestade e seus governos para não perderem seus direitos e por assim ser verdade nós assinamos este termo, o qual eu passei bem e fielmente à fé do meu officio como escrivão deste arraial.

*Pascoal Moreira Cabral
Manuel dos Santos Coimbra
Baltazar Ribeiro Navarro
João de Anhaia Lemos
Ascenso Fernandes
Manuel Ferreira
Alberto Velho Moreira
Manuel Ferreira Mendonça
Pedro de Godóis
Antônio Moriera
Rodrigues Moreira*

*Simão Rodrigues Moreira
Manuel Garcia Velho
Manuel Pedroso Louzano
Francisco de Siqueira
Diogo Domingues
Antônio Ribeiro
João Moreira
Antônio Garcia Velho
José Fernandes
Inácio Pedroso
José da Silva Pais*



Para organizar o arraial, esclarece Siqueira (1990, p. 14), foi necessário tomar providências urgentes, tais como: adquirir ferramentas de trabalho e armamentos para defesa, convocar profissionais de todas as categorias para atender às necessidades do núcleo recém formado e ainda informar o governador da Capitania de São Paulo, D. Pedro de Almeida Portugal, sobre o achado de ouro e sua forma de organização. Os membros do arraial, de comum acordo, deliberaram que a comunicação para o Povoado, como era conhecida a Vila de São Paulo, sobre os recentes descobrimentos, seria feita, através de amostras do metal, conduzidas por Antônio Antunes Maciel.

Porém, o ouro encontrado nessa região era o ouro chamado de aluvião, localizado apenas na superfície da terra, misturado à areia das margens dos rios. Esse tipo de ouro esgotava-se rapidamente e não requeria sofisticados instrumentos de mineração, bastando a bateia e o almocafre.

Assim, houve uma rápida corrida de mineradores para esta região, de todas as partes do Brasil. Então, o Governador da Capitania de São Paulo, à qual Mato Grosso pertencia, Rodrigo César de Meneses, tratou logo de transferir a sede da capitania de São Paulo para Cuiabá, para administrar as minas de perto e instalar toda a administração colonial a fim de cobrar os devidos impostos para a Coroa.

Rodrigo César de Meneses elevou Cuiabá à categoria de vila, denominando-a de Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, em 1º de janeiro de 1727. Esse fato acarretou violento aumento dos quintos e demais impostos. Segundo Siqueira (1990, p. 11), “[...] os resultados dessas extorsões foram maléficos para a população da região, que a abandonou em massa”.

Com o esgotamento do ouro e a excessiva cobrança de impostos nas minas de Cuiabá, a situação econômica da vila entrou em decadência, resultando num rápido êxodo populacional das minas. O ouro em Mato Grosso teve um período rápido de existência, por isso não desenvolveu aqui uma vida urbana rica, como em Minas Gerais, por exemplo. Segundo Siqueira (1990, p. 11) o ouro de Mato Grosso “[...] além de aluvional, não foi suficiente para aqui estabelecer uma sociedade marcada por sua existência, mas, ao contrário, durante o período de mineração, o que se assistiu foi a um cenário de fome, pobreza e miséria.”

Mostrando-se a produção aurífera menos rendosa do que parecera, parte da população começou a abandonar Cuiabá à procura de novas minas.

Posteriormente em carta régia, o governo português, em 9 de maio de 1748, criou a Capitania de Mato Grosso, desmembrando-a da Capitania de São Paulo, enviando, como governador, Dom Antônio Rolim de Moura Tavares. Para fomentar a colonização e garantir a posse da terra, o capitão-general trouxe instruções do governo português para fundar a capital da província à margem direita do rio Guaporé.

Assim em 19 de março de 1752 foi fundada Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital da Capitania de Mato Grosso. Em 17 de setembro de 1818, a Vila de Cuiabá foi elevada à categoria de cidade, mesma data em que também Vila Bela da Santíssima Trindade à mesma categoria com o nome de Mato Grosso. Apesar de, oficialmente, ser Vila Bela a capital, muitos governadores administraram a Capitania de Mato Grosso residindo em Cuiabá, devido à insalubridade daquela região naquela época. (SIQUEIRA, 2002, p. 50).

Segundo Holanda (1995, p. 132) o descobrimento e conquista da América pelos europeus, Georg Friederici afirma acerca da ação das bandeiras: “Os descobridores, exploradores, conquistadores do interior do Brasil não foram os portugueses, mas os brasileiros de puro sangue branco e muito especialmente brasileiros mestiços, mamelucos. E também, unidos a eles, os primitivos indígenas da terra. Todo o vasto sertão do Brasil foi descoberto e revelado à Europa, não por europeus, mas por americanos”.

Mas, em contrapartida Fausto (2010, p. 40) afirma que “[...] A chegada dos portugueses representou para os índios uma verdadeira catástrofe.” Então, desde o começo da colonização, iniciou-se um embate com os índios que perdura até os dias atuais. Em Mato Grosso, com a expansão das bandeiras paulistas, não foi diferente; contudo, os índios demonstraram forte resistência à dominação do “homem branco”, gerando vários conflitos em Mato Grosso, como afirma Siqueira (1989, p. 47),

[...] em Mato Grosso procurava-se remédio contra os ataques ferozes dos paiguás, guaicurus, caiapós ou porrudos, que desde os pantanais do Paraguai até os saltos do Pardo, balizaram de cadáveres cada palmo de terreno.

De acordo com Ribeiro (2006, p. 31), muitos povos indígenas tiveram papel na formação do povo brasileiro, a maioria como escravos preferenciais por sua familiaridade

com os paulistas antigos, como os Paresi; outros como inimigos irreconciliáveis, “imprestáveis para trabalhos escravos”, como os Bororo, os Xavante, Kaiapó, os Kaingang e os Tapuia em geral. Porém, o maior contraste se registrou na presença dos chamados índios cavaleiros, os Guaicuru que, “Adotando o cavalo, [...] como chefaturas pastoris enfrentavam vigorosamente o invasor, infringindo lhes derrotas e perdas que chegaram a ameaçar a expansão europeia” (RIBEIRO, 2006, p. 31).

No Brasil, a escravidão esteve presente desde a colonização, iniciou-se com os índios, posteriormente, com a produção de açúcar na primeira metade do século XVI, com os negros africanos, que se tornaram imprescindíveis para os colonos que não exerciam nenhuma atividade braçal.

A partir do século XVIII, século do ouro, os negros eram um “artigo” de alto custo, pois se constituíam num símbolo de poder dos colonizadores. Seu trabalho nas minas era essencial, à procura do ouro e dos diamantes. Trabalhavam também nos engenhos de açúcar e nas fazendas de lavouras. Eram proibidos de praticar a sua religião ou de realizar suas festas e rituais de origem africana: tinham que seguir a religião católica, imposta pelos seus senhores e ainda adotar a língua portuguesa na comunicação.

Holanda (1995, p. 49) assevera que o português vinha buscar, sem dúvida, a riqueza, mas riqueza que custa ousadia, não riqueza que custa trabalho, mas a mesma, em suma, que se tinha acostumado a alcançar na Índia com as especiarias e os metais preciosos. Os lucros que proporcionou de início, o esforço de plantar a cana e fabricar o açúcar para mercados europeus, compensavam abundantemente esse esforço – efetuado, de resto, com as mãos e os pés dos negros e índios.

Em Mato Grosso afirma Siqueira (2002, p. 120) que não há a data precisa do ingresso de africanos, pois ainda quando se restringia às minas de Cuiabá, o número de escravos já era significativo. Quando foi instalada – em 1751 – a capital, Vila Bela da Santíssima Trindade, esse número dobrou e que os escravos constituíam uma significativa parcela da sociedade mato-grossense do século XVIII, geralmente pertenciam aos senhores de engenho e aos membros da Igreja Católica. Essa camada social era geralmente composta por, negros africanos ou seus descendentes e pelos índios, conhecidos como “negros da terra”, representavam uma mercadoria, podendo ser vendidos e até mesmo mortos por seus proprietários.

Tratados com extrema violência, e sendo, por qualquer motivo, espancados e amarrados aos conhecidos troncos e açoitados, muitas vezes até a morte, não era difícil se revoltarem contra seus exploradores, usando de violência, como assassinatos de feitores, de trabalhadores livres brancos e até mesmo de seus “senhores”.

O negro reagiu à escravidão, buscando uma vida digna. Foram comuns as revoltas nas fazendas em que grupos de escravos fugiam para os famosos quilombos, que eram comunidades bem organizadas, onde os integrantes viviam em liberdade, através de uma organização comunitária nos moldes do que existia na África. Nos quilombos, podiam praticar todos os seus costumes em liberdade e igualdade.

Em Mato Grosso, como em todo o Brasil, o número de quilombos foi significativo, o mais famoso deles foi o quilombo do Piolho ou Quariterê, situado na região do rio Guaporé, próximo ao rio Piolho, erguido entre os anos de 1770 e 1771. Era constituído de uma aldeia composta de negros escravos, índios, crioulos e caburés e governado pela rainha Teresa de Benguela, viúva de José Piolho, antigo rei.

Apesar de todas as atrocidades que os negros africanos e seus descendentes sofreram por séculos, e que infelizmente ainda sofrem, não deixaram a sua cultura se apagar. Escondidos, realizavam seus rituais, suas manifestações festivas, mantiveram suas religiões e representações artísticas, das quais se percebe sua expressiva influência nas artes, na língua, na música e nas mais diversas manifestações sociais e culturais brasileiras até os dias de hoje.

Devido à escravização dos índios em solo mato-grossense e à brutalidade com que foram tratados durante séculos em todo o território nacional, encontram-se hoje em número relativamente reduzido, porém significativo desses grupos sociais. Denuncia Siqueira (2002, p. 65) que “[...] A luta indígena ainda não acabou, pois, mesmo depois de mais de 500 anos de colonização, eles ainda são considerados “ingênuos”, não cidadãos brasileiros”.

A ênfase era dada aos índios considerados “mansos”, os que não representavam ameaça para a Coroa, enquanto outras etnias que eram mais resistentes, combatentes e “selvagens” eram tratadas como inimigo.

A propósito, Fausto (2010, p.38) afirma que

[...] relatos escritos por cronistas, viajantes e padres, especialmente jesuítas. Existe nesses relatos uma diferenciação entre índios com qualidades positivas e índios com qualidades negativas, de acordo com o maior ou menor grau de resistência oposto aos portugueses. [...] os aimorés que se destacavam pela eficiência militar e pela rebeldia, foram sempre apresentados de forma desfavorável. De acordo com os mesmos relatos, em geral, os índios viviam em casas, mas os aimorés viviam como animais na floresta. Os tupinambás comiam os inimigos por vingança; os aimorés porque apreciavam carne humana. Quando a Coroa publicou a primeira lei em que se proibia a escravização dos índios (1570), só os aimorés foram especificamente excluídos da proibição.

2.2 A comunidade de São Gonçalo Beira Rio

São Gonçalo Velho, segundo Silva (2005, p. 56) é a povoação urbana mais antiga de Mato Grosso e em especial da região do vale do rio Cuiabá, sendo que sua ocupação populacional nunca sofreu qualquer descontinuidade desde 1718. Sua memória histórica e social sempre foi relegada a um segundo plano na historiografia regional, uma vez que sempre se priorizou as pesquisas e os textos acerca de Cuiabá, as Lavras do Sutil por excelência, em detrimento de seus primeiros arranchamentos.

São Gonçalo é uma comunidade do município de Cuiabá, pertencente à região do Coxipó da Ponte, localizada à margem esquerda do rio Cuiabá. É uma comunidade pequena constituída, em sua maioria, por pescadores, artesãos, agricultores e comerciantes.

A comunidade era conhecida até o início do século XX por São Gonçalo Velho, pertencente à Freguesia de Pedro Segundo – 2º Distrito de Cuiabá, conforme registros do INTERMAT. A comunidade toda de São Gonçalo Beira Rio compreendia a margem esquerda e a direita do rio Cuiabá, mas no início do século XX esta região torna-se apenas São Gonçalo Beira Rio a outra margem do rio, agora pertence ao município de Várzea Grande.

Afirma Siqueira (2002, p. 79) que a região do São Gonçalo Beira Rio foi, inicialmente, ocupada por diversos grupos indígenas, posteriormente por volta do século XVIII, foi iniciada a exploração pelos bandeirantes que passaram a ocupar a região depois

da descoberta do ouro às margens do rio Coxipó e do córrego da Prainha. Então fundaram as primeiras povoações que tinham como fonte de renda a extração e a criação de animais.

Em meados do século XX esta região começa a sentir as transformações decorrentes do processo de modernização que atinge Mato Grosso. Inicia-se a expansão dos latifúndios subsidiados pelo governo. Disso resulta uma série de fatores socioeconômicos, ambientais e culturais que resultarão numa mudança sem precedentes em Mato Grosso.

Sobre a origem da denominação São Gonçalo, afirma Januário (2006, p. 38), existir três hipóteses, a primeira é a de que o nome São Gonçalo tenha sido colocado pelos bandeirantes paulistas que, na sua grande maioria, eram descendentes de portugueses e professavam a religião católica. Pois São Gonçalo é um santo de origem portuguesa, protetor dos ossos e dos navegantes, muito venerado pelos lusitanos.

Silva (1995, p. 10) observa que a partir da presença de Pascoal Moreira Cabral, nessa região levanta a hipótese de que “[...] é possível que tenham chegado em 10 de janeiro naquele sítio e por isso tenham batizado de São Gonçalo. Pois desde a Ata de Fundação de Cuiabá já se pode ver a denominação de São Gonçalo Velho.

A outra hipótese é a de que parte do conhecimento através do depoimento de antigos moradores que afirmam ter a localidade este nome em função de ter sido encontrado próximo ao córrego São Gonçalo, uma imagem do santo por um grupo de pescadores.

A comunidade de São Gonçalo conta com mais de 300 moradores distribuídos em aproximadamente 30 famílias, segundo dados da Prefeitura de Cuiabá (2018). A maioria das famílias tem como ancestrais europeus de origem portuguesa ou espanhola e índios da etnia Bororo e negros.

Atualmente a comunidade vive da produção e venda de cerâmicas, pesca e peixarias. É muito conhecida pela sua religiosidade e festa do padroeiro – São Gonçalo - comemorado no dia 10 de janeiro é nesta festa que os moradores mantêm seus costumes culturais cantando o cururu e dançando o siriri e a dança de São Gonçalo.

Por fim, pretendeu-se neste capítulo, discorrer sobre a história de Cuiabá e do São Gonçalo Beira Rio e contextualizar o falar cuiabano no tempo, no espaço e na sociedade

atual. Compreende-se ainda que o estudo de uma língua seja indissociável dos aspectos históricos e socioculturais que concorreram para a sua formação. Assim deve-se sempre levar em consideração a época em que ela foi falada ou em que os textos foram escritos, além dos papéis sociais dos usuários e, dessa forma, contribuir para a (re) constituição dessa história.

CAPÍTULO 3

O FALAR CUIABANO: O CORPUS - AS ENTREVISTAS

*Todo mundo tem xá fala
Cuiabano tamém tem
O Brasil é muito grande
Mas aqui é que eles vem,
Tchupa tchupa o caju doce
Como o petxe no jacá
Pintcha fora a trisxteza
Poe o motcho e vem cestiá.*

Edna Vilarinho

Neste capítulo apresentamos o *corpus*, ou seja, as entrevistas, os critérios de transcrição utilizados e os perfis dos informantes. As entrevistas foram realizadas sob a luz dos pressupostos teórico-metodológicos segundo Calvet (2002), Mollica (2003), Naro e Scherre (2007) e Tarallo (2007).

3.1 A língua e a variação

A língua falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações, não sendo, portanto, uma entidade homogênea. A língua que chamamos de Língua Portuguesa engloba os diferentes modos de falar utilizada pelo conjunto de seus falantes no Brasil, em Portugal e nos demais países em que é falada.

Alkmim (2012, p. 35) afirma que língua e variação são inseparáveis, para a sociolinguística a diversidade linguística não é um “problema”, mas uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. Nesse sentido, qualquer tentativa de buscar apreender apenas o invariável, o sistema subjacente – se valer de oposições como “língua e fala”, ou “competência” e “desempenho” significa uma redução na compreensão do fenômeno linguístico. O aspecto formal e estruturado do fenômeno linguístico é apenas parte do fenômeno total.

Segundo a mesma autora (2012, p. 89) “[...] toda língua falada no mundo está em constante processo de mudança”. As mudanças que ocorrem, no entanto, não são imediatamente sentidas pelos falantes, nem estes falantes estão necessariamente conscientes de tais mudanças,

Isso se deve, via de regra, a três fatores: a) as mudanças são lentas e graduais; b) elas são parciais, envolvendo apenas partes do sistema linguístico e não o seu todo; c) elas sofrem influência de uma força oposta, a força de preservação da intercompreensão. Em princípio, e dado um contexto apropriado, qualquer parte de uma língua pode mudar, desde o nível fonético-fonológico até o nível semântico.

Afirma Mussalim (2012, p. 89), que um dos principais mecanismos de mudança linguística é o de mudança de som. Para que uma mudança de som ocorra, deve existir, em primeiro lugar, uma variação linguisticamente não distintiva entre dois ou mais sons, durante um certo período de tempo. O termo “linguisticamente”, usado aqui para descrever variação não distintiva, é importante, já que o uso de um ou outro som não implica diferenças de significado, mas pode implicar diferenças de *status* social etc. A tendência é que apenas uma delas sobreviva.

É muito difícil, no entanto, prever quando ou mesmo se uma determinada forma vai suplantará a outra, e qual delas será vencedora. Isso se deve principalmente ao fato de que é muito difícil prever o que uma comunidade linguística de fala irá ou deixará de adotar como forma padrão, já que não é incomum observar casos em que fortes tendências a determinadas mudanças de sons são classificadas de acordo com o tipo de processo envolvido. Estes podem ser, basicamente, de perda ou adição de fonemas, assimilação, dissimilação, duração ou prolongamento e metátese.

Na maioria das vezes, o que determina como sendo uma variante padrão relaciona-se à classe social de prestígio e a um grau relativamente alto de educação formal dos falantes e as variantes não-padrão geralmente desviam-se destes parâmetros. Pode-se concluir, portanto, que não há variante melhor ou pior de uma língua, há variantes de prestígio, estigmatizadas ou neutras.

Labov (1969, p. 67) demonstra que a variação aparentemente livre é sempre determinada por fatores extra e intralinguísticos de forma predizível e existe até no nível do idioleto. O pesquisador não terá condições de prever em que ocasião um indivíduo

falará desta ou daquela maneira, mas poderá mostrar que, dependendo da classe social a que pertença, do gênero, da idade etc, ele usará uma ou outra variante.

A variação linguística em geral, segundo Callou (2015, p. 43), é condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social, dentro de cada região e seria parte integrante da competência linguística. A formulação de Labov pressupõe, portanto, ser a variação inerente ao sistema da língua.

Como afirma Cagliari (1999, p. 124), “a variação linguística é uma característica inerente a toda e qualquer língua do mundo”. Se a sociedade está sempre evoluindo, mudando seus costumes, suas ideias, seus valores, é perfeitamente normal haver variações e mudanças linguísticas.

3.2 A metodologia

A língua é um fenômeno social que está em constante processo de variação e mudança. Afirmar Labov (1994) que a variação linguística é natural, é essencial à linguagem humana. Desta forma, o que exigiria explicação seria a ausência da variação na linguagem e não a sua presença. Meillet (1965, p. 78) aponta o fato social como motivação fundamental para ocorrerem alterações linguísticas, “por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social”.

A propósito destacam-se os seguintes pressupostos segundo Scherre e Naro (1997, p. 30),

1. A variação ou a heterogeneidade linguística é ordenada e faz parte do sistema linguístico. Em outras palavras, a variação é inerente ao sistema, com restrições linguísticas e sociais que a governam;
2. O falante nativo controla a variação linguística no plano do sistema monolíngue;
3. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente relacionados e análises que excluam um destes aspectos correm o risco de não entenderem regularidades observadas nos estudos do uso linguístico;
4. As variantes de um fenômeno linguístico variável têm o mesmo valor de verdade ou significado referencial e apresentam necessariamente algum grau de aleatoriedade;
5. Variação não necessariamente implica mudança, mas toda mudança é sempre precedida de variação;

6. Motivações internas e/ou externas podem estar em competição, o que implica assumir que a explicação dos fatos linguísticos variáveis pode estar fora do sistema linguístico;
7. Os dados analisados são produções linguísticas em circunstâncias reais, ou seja, a intuição não é usada como fonte de dados;
8. A natureza das motivações internas e/ou externas é naturalmente diversificada, tendo em vista a natureza dos dados analisados, que são produções linguísticas em circunstâncias reais;
9. A fonte de dados para análise podem ser as conversas espontâneas, entrevistas sociolinguísticas, narrativas formais, gêneros escritos diversos, mas o objetivo central é o entendimento do vernáculo, que é o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala e onde as relações fundamentais que determinam o curso da evolução linguística podem ser vistas mais claramente.
10. Regularidades subjacentes a fenômenos variáveis podem necessitar de grandes massas de dados, o que conduz necessariamente a tratamento quantitativo dos dados da variável dependente (o fenômeno variável analisado) em função de fatores ou restrições internas e externas (as variáveis independentes ou grupos de fatores), que operacionalizam as hipóteses sociolinguísticas postuladas.

3.3 As entrevistas

Os procedimentos metodológicos para a obtenção dos dados são semelhantes aos que foram utilizados por Labov (1994), Tarallo (2000), Naro e Scherre (2007), Santiago-Almeida (2000, 2009), Castilho (2007) e Ribeiro (2017). Através de entrevistas com narrativas livres buscando emergir histórias de vida estimulando-se o (a) entrevistado (a) a contar fatos importantes de sua vida e de seu contexto social, a partir do ponto de vista do informante, pois a participação da entrevistadora na narrativa deve ser mínima. Optou-se por realizar a transcrição ortográfica das entrevistas, porém destacando os fenômenos que serão descritos e analisados no capítulo 4 de forma fonética.

William Labov considerava a comunidade linguística não como “um conjunto de falantes empregando as mesmas formas, mas como um grupo de falantes que tem em comum um conjunto de atitudes sociais para com a língua”.

Na mesma direção Calvet (2007, p. 116) afirma que “a comunidade de fala consiste de um grupo de falantes que compartilham de um conjunto específico de princípios subjacentes ao comportamento linguístico”.

Assim, pretende-se estudar a comunidade de fala de São Gonçalo Beira Rio que ainda conserva características essencialmente rurais ou caipiras, configurando-se numa localidade pacata e tranquila. Há pouco fluxo populacional e os moradores, de um modo geral, são das mesmas famílias que moram há muito tempo e conservam seus hábitos transmitidos de geração em geração atrelados à vida no campo, como ter criações de animais para consumo e hortas nos quintais.

A mudança que está ocorrendo atualmente é que a comunidade recebeu incentivos do governo do Estado de Mato Grosso para se tornar um ponto turístico, como sendo o primeiro povoamento que deu origem à cidade de Cuiabá. Então, nesse processo, a comunidade está se adaptando para receber turistas através da abertura de restaurantes, peixarias em suas próprias casas e a realização do evento anual chamado *Rota do Peixe*, o que tem levado muitos turistas para a comunidade.

Quanto aos informantes, optou-se por realizar a estratificação apenas por meio das variáveis sociais gênero e faixa etária. A escolarização não foi, portanto, utilizada como critério de seleção, uma vez que se trata de um grande desafio encontrar pessoas mais jovens sem nenhuma escolarização e/ou pessoas mais idosas com ensino fundamental completo na comunidade.

A entrevista, por sua vez, visou realizar os registros da fala espontânea, casual, utilizada no cotidiano, o vernáculo. Assim, a maior preocupação se concentrou na tentativa de se evitar o “paradoxo do observador”, como afirma LABOV (1972, p. 75), buscando, em outras palavras, que o informante não perdesse sua espontaneidade linguística diante da presença da pesquisadora.

Sabe-se que a situação de entrevista por si só já possui definições formais que tendenciam o estilo de fala monitorada e desfavorece o estilo menos monitorado. Diante disso, recorreu-se à entrevista orientada, atentando-se para a constatação de Labov (2008 [1972]) de que relatos sobre situações de perigo, experiências marcantes e lembranças de infância servem de pretexto para um maior envolvimento do falante com o assunto e menor monitoração do seu estilo de fala. Como suporte, foi elaborado um roteiro temático para mediar a interação entre a pesquisadora e os informantes.

O roteiro continha perguntas como: *Você nasceu aqui? Com quem você mora? O que eles fazem (estudam, trabalham)? Onde moram seus parentes (perto, longe)? Como é a vida aqui? Como foi a sua infância? O que você fazia? Você brincava de quê? Com quem? Onde? Você gosta de sua comunidade? Por quê? Você sempre morou aqui? Como era antes (a sua casa, a comunidade)? O que mudou? Como era o rio Cuiabá*

antigamente? Você pescava? Tinha muitos peixes? Qual foi o momento mais feliz da sua vida? E o mais triste? O que aconteceu? Você trabalhava na roça? Como eram as festas? Como era o cururu e o siriri? Você estudou? Até que série? Como é a vida agora?

Cabe ressaltar que, a exemplo de Ribeiro (2017, p. 90), o roteiro foi um instrumento de apoio. No momento da entrevista, exigiu-se muito mais da pesquisadora. Para capturar o vernáculo, em alguns momentos, foi preciso ir além da situação da entrevista, recorrendo, por exemplo, a temas de intimidade do informante e/ou permitindo participações de terceiros na conversa, pois a pesquisadora reside e possui linhagem familiar extensa na comunidade.

As entrevistas foram realizadas na comunidade de São Gonçalo Beira Rio, entre os meses de dezembro de 2018 e fevereiro de 2019, nas residências dos participantes, e em casas vizinhas de familiares. Como o tempo de duração variou entre os informantes, o critério foi considerar, em torno de quarenta e cinco minutos de entrevista.

A entrevistadora pertence a essa comunidade então acreditava-se que não haveria embaraço, porém percebeu-se ao longo dos encontros que os entrevistados se sentiram constrangidos no começo da entrevista, mas posteriormente foi possível apreender o vernáculo empregado.

Dentre os diversos fenômenos linguísticos de variação encontrados no falar cuiabano da comunidade de São Gonçalo Beira Rio, optou-se por descrever e analisar o uso dos traços consonantais indicadores do falar cuiabano e suas variações, na fala de cada informante e no conjunto por gênero e faixa etária. Dessa forma, as variações mais frequentes encontradas na fala dos participantes foram:

- A variação entre fricativas e africadas [ʃ] e [ʒ] ~ [tʃ] e [dʒ];
- A variação entre sibilante e chiente [s] ~ [ʃ] em início de sílaba;
- A variação entre sibilante e chiente [s] ~ [ʃ] em travamento de sílaba medial ou final;
- A variação entre a lateral e a vibrante alveolares [l] ~ [r] nos grupos consonantais pl, bl, tl, cl, kl, gl fl, vl – o rotacismo;
- A variação entre a lateral, semivogal posterior e a retroflexa [l] ~ [w] ~ [ɭ] em posição de travamento de sílaba medial ou final;
- A iodização [λ] ~ [j] e
- A troca de /b/ por /v/.

Os procedimentos metodológicos para a obtenção dos dados são semelhantes aos que foram utilizados em Labov (1994), Tarallo (2000), Naro e Scherre (2006) e Santiago-Almeida (2000, 2009), Castilho (2007) e Ribeiro (2017). Optou-se por realizar a transcrição ortográfica das entrevistas, porém destacando os fenômenos que serão descritos e analisados no capítulo quatro de forma fonética.

3.3.1 Células sociais

- Gênero: masculino e feminino
- Faixa etária: 20 a 49 anos e acima de 50 anos
- Escolaridade: 0 a 5 anos e mais de 5 anos

Ajuntamentos:

Gênero	Faixa etária	Informantes
1. Feminino	20 a 49 anos	5 informantes
2. Feminino	50 a 80 anos	5 informantes
3. Masculino	20 a 49 anos	5 informantes
4. Masculino	50 a 80 anos	5 informantes

Total de células sociais: 4

Informantes por células: 5

Total de informantes: 20

Tabela 1

Faixa etária	Feminino Infor. 1	Feminino Infor. 2	Feminino Infor. 3	Feminino Infor. 4	Feminino Infor. 5
Faixa 1 50 a 80 anos	60 anos ceramista	75 anos ceramista	65 anos dona de casa/ agricultora	80 anos dona de casa/ agricultora	55 anos ceramista
Grau de escolaridade	4ª série	4ª série	5ª série	analfabeta	5ª série

Tabela 2

Faixa etária	Feminino Infor. 6	Feminino Infor. 7	Feminino Infor. 8	Feminino Infor. 9	Feminino Infor. 10
Faixa 2 20 a 49 anos	48 anos ceramista	55 anos cozinheira/ peixaria	40 anos funcionária pública	38 anos administra peixaria	20 anos estudante
Grau de escolaridade	8ª série	5ª série	superior	superior incompleto	superior cursando

Tabela 3

Faixa etária	Masculino Infor. 11	Masculino Infor. 12	Masculino Infor. 13	Masculino Infor. 14	Masculino Infor. 15
Faixa 1 50 a 80 anos	80 anos pescador/agricultor	72 anos pescador/agricultor	70 anos pescador/agricultor	68 anos pescador/agricultor	57 anos pescador/agricultor
Grau de escolaridade	analfabeto	4ª série	4ª série	4ª série	8ª série

Tabela 4

Faixa etária	Masculino Infor. 16	Masculino Infor. 17	Masculino Infor. 18	Masculino Infor. 19	Masculino Infor. 20
Faixa 2 20 a 49 anos	40 anos cozinheiro	45 anos pescador	30 anos peão	28 anos vigilante	21 anos seminarista
Grau de escolaridade	8ª série	8ª série	8ª série	ensino médio	ensino médio

3.4 Critérios de transcrição

A nomenclatura dos fenômenos pautou-se na terminologia adotada por Castilho utilizados para a realização das entrevistas do Projeto NURC/SP – Projeto de Estudo da

Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (2010, p. 206-209). Após a transcrição das entrevistas, foi realizada a marcação dos fenômenos variantes selecionados para este estudo.

Neste trabalho, serão seguidas as normas do *Alfabético Fonético Internacional* e de transcrição estabelecidas pelo Projeto NURC/SP – Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo - organizadas por Ataliba de Castilho e Dino Preti (1986, p. 15-18), com adaptações.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Hipótese do que se ouviu	(Hipótese)	saímos com o e dizia assim olha vai custar tanto... (mas os daqui) não há problema...
Truncamento	/	sim ahn é... mas tem ge/ tem... cara que às vezes vai num restaurante é bacana né?
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	bom mas eu acho que ginástica em () deve solucionar esse problema né?
Entonação	Maiúsculas	já que o ginásio vai TANta coisa boa...acho que não custa pôr uma banheira térmica ali
Alongamento de vogal e consoante (como s, r)	Poden::do muito sua::ve	acho bacana à beça a pantalona viu? né? calça com a boca bem larga... bem cintura::da entende?
Silabação	-	CAMpos... espetaculares não tinha deserto... mas uma COIsa assim fan-TÁs-ti-ca um negócio
Interrogação	?	e quanto a frutas verduras assim o que vocês preferem?
Qualquer pausa	...	leva todo o período de aula... só... subindo e descendo escada
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	aqui vai melhor assim... bom... eu te digo o seguinte... ((pigarro)) tu acharias que:: todas as nossas aulas...
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- -	também a comida vinha:: - era muita gente, né? muitos atletas - e a comida vinha de São Paulo
Superposição simultânea de vozes	[Ligando linhas	é difícil de explicar assim [porque tu queres ver uma coisa
Citações literais ou leitura de textos durante a gravação	“ ”	um cara... me atacou... “que que eu faço pra tirar a barriga?” eu digo pára de tomar chope...

3.5 Os informantes

Foram entrevistados o total de vinte informantes, divididos em gênero, masculino e feminino, duas faixas etárias de 20 a 49 anos e acima de 50 anos, resultando em quatro células sociais e cinco informantes por célula.

Todos os informantes são nascidos e residem na comunidade de São Gonçalo Beira Rio e possuem linhagem familiar extensa na comunidade. Foram selecionados os moradores mais antigos para compor à faixa etária 1 acima de 50 anos e à faixa etária 2 de 20 a 49 anos, dentre os moradores que se enquadravam na idade e que aceitaram participar da entrevista.

Informante 01

A informante 01 pertencente à primeira faixa etária, tem 60 anos e estudou até o ensino fundamental. Ela nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade e reside em uma casa na parte central, mais movimentada do bairro, onde há várias peixarias. Sua residência é em meio à vegetação, com as criações no terreiro e uma pequena horta. Mora com um filho adulto. Sua popularidade também vem do fato de ela ser a fundadora de um grupo folclórico. No momento da entrevista, estava se preparando para uma viagem internacional com o grupo de siriri da comunidade. Bastante articulada, consentiu com a realização da pesquisa pois está acostumada com os meios de comunicação.

1) ... é que a prefeitura junto com o governo do **e[stado]** eles fizeram um apanhado de **todo[]** o[] **me[]tre** da cultura dos que **já** vem antigo de **muito[]** **ano[]** intão pra valorizá **má[]** a[] **pessoa[]** que luta né pela cultura eu foi também **e[]colhido** de te feito uã gravação de un[] quinze dias aqui é tudu dia contá um pouco da m[]ia vida de quando eu comecei né pra **t[]segá** até **hod[]ge** não foi **fá[]cir** então é:: aí eu gravei fizemo a matéria aqui contando um pouco da comunidade da **hi[]stória** como surgiu porque eu tô com sessenta e quatro ano[] quarenta e oito de vida cultural e a **gente já** enfrentô muita[] paulera tivemos muita[] baReira[] muito não né ma[] nem por isso a **d[]gente det[]fo** eu **det[]fei** de luta pela nossa cultura então todo mundo fala ocê é uã grande **mestra**, você é uã gueReira uã **batajadora** porque eu lutei e muito esse eu vou falá pro cê não foi **fá[]cir** ma[] **hod[]ge** graça[] a deu[] são gonçalo antigamente era **e[]crito** são gonçalo pirdido porque nó[] num ti[]na nada aqui era um buraco **i[]trada** num ti[]na ponte num t[]ia num ti[]na luz água num ti[]na nada aí a primeira fundação de moradore[] que eu fundei aí eu comecei a **trabajá** a **que[]tão** da ... (pela ponte) porque era só um **puntjão** e acunticia muito acidente a **d[]gente** caía a noite **di[]pencava** do

puntijão né aí quando foi um belo dia eu Reuni com a mãe e fomo lá e táquemo fogo no **reito** da ponte do pau ... foi lá no **coroner** torqato essa época dante que era prefeito ... **hodge** todo mundo qué se pai do **fijo** né aí fundei **crube** de mãe associação de **pelcadô** e **cerami**ta aí mña **fija** foi lutano com siriri e cururu o povo tã preconceito falava que dança de siriri era dança de véjo eu foi ino que quebrei o tabu que aí eu fundei o primeiro grupo aqui que não tã em lugá nejum **chamava** nova **esperança** foi o primeiro grupo que **existiu** que era todo **oce** veio e eu tã dezessete **anu** nessa época tã **dgente** de oitenta **anu** setenta né era biloca biuína comadri adair **lurde** madrija **sirvia** padrijo ivo marante ieiê odile du essa tuma tudo que dançava e **lo riginardo** euripe morô nó fizemo um **mê** noite cuiabana no hotel fazenda mato grosso show com liu arruda ieu que **vi**tia liu aRuda ... - ieu num fui **vi**ti ele ma ele me **tjingo** tudino ma onde que tá essa égua corna que me deixo eu loca aqui no **tjow** ele me **tjingo** me contaru **catfoRa** quebro **lá cara** - ... **nó** perdeu um grande **arti**ta que era liu arruda depo desse nova **isperança** foi moReno **o** músico dançarino saino foi acabano e **nó** (fomo ficano muito poco) aí o **pessoá** montaro outro grupo **tjapéu** de **paja** depo cabo duma ve ocê nem via ma fala aí eu comecei com **a** criança não tia **má** grupo todo mundo **atjava** **diffici** **metfe** e daí veio o **frôr** Riberinha criançada ele tava pequeno ainda depôs nó montamo um grupo no **adarto** botelho que chamamo zé bolo **frôr** porque ele moReu terminô o dia dele aí no **adarto** eu conheci ele bem veijo brânco a cabiçija dele cabiçija brânco cabelo bem **pitfainzi**no grenhijo assim a **dgente** tem uã **hi**tória de vida de muita luta e **difficurdade**. ... eu quero montá tipo um museuzijo um arquivo do nosso **artista** eu tenho de **dgedgé** era muito amigo da **dgente** **trabajei** fe muita campanha quando ele tava **ho**pitalizado **carnavar** quanta ve ele veio aqui trazê a Rainha e o Rei momo prá fazê encontro que eu fazia aqui no são gonçalo então a **dgente** tem uã **hi**tória de vida bem com **bataja** com **ba**tante luta ma eu não me aRependo e eu sinto feliz por ter mantido e preservação se eu não tivesse feito com a cara e a **coradge** não tã ma siriri cururu e **Ra**queado em cuiabá prá fazê o primeiro **fe**tival começou lá no museu do Rio com trê grupo quatro co grupo **mejó** idade de **matirde** e esse ... menino foi **frôr** ribeiriña, **fror** do campo e **tjico** **sale** e o grupo **tjhapa** e cru **tjeguei** e falei prá vuolo se **nó** levantá um **fe**tivar a nossa cultura daí foi o primero passo ... daí foi aumentano **má** pareceu **otro** grupo que tá aí **ba**tante até **hodge**...

Informante 02

A informante 02 pertencente à primeira faixa etária, com 62 anos, solteira e estudou até o 5º ano. Ela nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade, em uma casa na parte central e mais movimentada do bairro, onde há várias peixarias e é irmã da informante 01. Sua residência é em meio à vegetação, com as criações no terreiro e uma pequena horta. Mora com um irmão. Ela é ceramista e dançou no primeiro grupo de cururu e siriri da comunidade. Consentiu a realização da pesquisa pois está acostumada com os meios de comunicação.

2) ... quem começou a **fel**ta de são gonçalo êle era **bat**finho assim o finado venancio como que ieu posso falá magro assim como curicaca **arto** assim não era **bat**fotinho como é o **co**ffa, **ma** ele bem **e**lcuro do cabelo grenho memo ele era lá do barão ieu num sei como que namorô fia e casô com **fja** de benidita ... ele **trot**fe o santo de lá casa dele era bem aí onde é dina que **nó** Rodeava a casa com o santo no domingo com são gonçalo que ele **trot**fe do barão de **mergaço** no domingo era só cururu ieu era primeiro da fila pra dançá o siriri e Rodea a casa co santo **del**po do **armoço ója** todo mundo que tava lá moçada Rapaziada **vejarada** tudo aRodeava co são gonçalo e **ele** tocano a viola tio candi era um do primeiro que tocava e a **gente** Rodeano e bateno **parma trê** Rodada aí entrava pra dentro era aqui num era lá no barão de **mergaço** que **nó** ia e **depô** que ele foi embora continuo **lurde** fazeno a **fel**ta ele levo o santo que ele trocô num é compro ele **d**zá veio co santo de lá **lurdes** que troco otro com adair essa tuma que é esse que tem até **hodge di**que num **pre**ta fala comprá **di**que é trocá ... **lurde** que continuo a **fel**ta com dona dita mãe de **tfico** de vete ele fazia no centro **curturá** aquele antigo que tia **dua** sala de aula era **ba**tante **d**gente ía na **fel**ta vĩa do **cut**fpó de tudo esse do são **franci**co quebra pote tudo discia de a pé o cururuero com a **mujé toma** era cururuero pai dele **lo manoe** **tomá** cantadô de cururu ele **lo locádio bão** ele morava aqui no **arraia** capão é aqui **arraia** é lá na bera do **a**farto de lá ele vĩa e trazia **ma** cururuero só **bão** bugre e aqui tio candi que fazia a primeira que era **ma** **arto bat**finho que era a **vo** do bugre **ma** entrovava bem oitavava bunito a **vo** dele aí fazia um empalizado e a **fel**ta **ma** só cururu de dia e de noite e a dança de são gonçalo **nó** manhecia dançano são gonçalo **sor** vĩa brotá::no e **nó** tava lá agora nem trinta minuto num vai não:: aquela tuma que entrou prá dançá tia que i até o fim que era era a primera **di**cansava e vĩa a segunda e a **ter**era era **trê** Rodada tem **ve** ocê tava muito cansado **mat**fucava um pé punha outro no **leu lugá** num tinha **pobrema** tia naĩ sempre era dançano ela tava na frente **atrá** do tirado do cururuero “venha irani o mĩa **fija**” eu sem gra::ça que era prá dançá **dominga** que é **ma** boa que vai **go**ta dessa Ropa e era só **d**gente daqui memo eu **atfo** que só aqui que tem na vaZinha tamém tem... (cerâmica) é poco que **fa** agora eu memo tem **ve** eu tenho até::... **sardade ma** eu penso assim aí tem que fazê acabamento né a **d**gente num vai te **ma** nesse tempo zene que lisá::va prá mim de noite me **ad**judava lisá e agora **atfo** que num vai tê **ma** essa né e eu também **d**zá **trabajei demá**:: nesse... ah era ótimo **fija** tinha a casa do artesão a **d**gente **d**zá **trabajava** com aquele né sintido mamáe era vivo **bão** prá fazê a cerâmica ela que queimava aprindi tudu **nó** aprendemo com ela daí **arguã** coisa que inventava **dominga** foi muito boa prá inventá **otra** coisa **ma** **d**zá era coisa dela que mamáe num fazia fazia **aquele** pote, jaRo ela **go**tava de faze **aqueles** **frôr** aí então **dominga** faz **iguázinho** ela fazia e ela carcava assim ficava tão bunitinho aquela **frôr** assim na **taja** ou vaso entendeu? ieu **tfeguei** de fazê grandão assim de encomenda terminava de fazê a boca assim de pé e pra **Recojê** lá dentro **de**te forno aí zene abria má a boca do forno **nó** foRava bem punha ele entrava vinha mamáe me **ajudano** Recoiê assim vazão pote **baRigon** assim mas era boni::to que era **ma** só que dava muito **trabajo** demá de **trabajo** agora poca **d**gente que **fa** ... **ma** eu **go**tava de queimá cerâmica o forno era aqui atrá lembra por que aqui é a casa mĩa e a tuma sentava tudo aqui **ojano** me **ad**judano eu queimá cerâmica ... até **brijava a** coisa que ela lisava **gida** fazia cerâmica **nessa** forma também **fa** **ba**ta::ante bolinha... tem dia dá **sauda:: de depô** eu alembro falo não dá muito **trabajo** ocê quebrá o baRo aí tira aquele grosso põe de **mojo** fica o fino ali aí ocê soca o caco que **d**zá queimou o baRo nosso daqui que é caco né aí soca no pilão coa **mi**tura aquele fino aí vai massá o baRo aí pra **trabajá** tinha fôlegu massano ele cada pelota não tinha outro meio num era aposentado era **pe** cá e cerâmica... pegava o baRo na **vorta** do Rio a **d**gente pagava tio candi cobrava a **d**gente barati::nho ele o então buque ele sempre tirava prá mim aí ele trazia **tfegava** lá no baRanco ele tirava da canoa aí ia pagá um pra caRegá pra mim ditinho

sempre caRegava agora na onde que eu ía guentá subi o baRanco caRegá caRinho **tf**ieio cada pelota **de**l**te** tamanho lá na **vorta** na curva do Rio, santana que fala **at**fo que é perto do santana e é bunito o baRo né? há até meio azul de tão branco bunito que ele é na ida ocê ía bem de discida a subida que era ... sempre tinha que leva um pra i **ad**judano e num podia **en**tf**e** a canoa podia se piquena e ... eu sempre alembro mamãe falava pra **nó**l “**e**l**cuta** aí é **argum** motor que **d**zá vem o meu **deu**l meu irmão o **d**jesu**l** cândido **enco**l**ta** aí” porque só onda a canoa pesado co baRo “cuidado num travessa” daqui ela gritava tio candi **at**fo que até tava uvino aí **depo**l passava aí ele travessava ia para lá:: pra **bat**fo ma**l** era muito sacrifício se tivesse assim um barco co motor pra tirá pra **d**gente esse baRo bão demás pra pele **ma**l não era do caco só aquele fini::nho ... a queimação o fogo na cara que é o doído quentano ocê tá co lenha grosso e na hora que tá no contra fogo? o quentá ocê tá quentano aí na porta do forno aí vai empuRano a**l** brasa ino **ma**l pra lá o contra é a lenha cumprida e fina aí empuRa a**l** brasa no todo**l** canto aí vai pono trê**l** pau pra cá trê**l** pau pra lá **depo**l vai aumentano só tomava água do filtro de **geladera** nem **tf**egava perto aí a hora que começava esse daí a hora que ia brandano ocê ía no**l** buraco uvido falava uvido do forno **olhava** assim “ainda tá preto este esse nosso aqui era sês aí m**ia** **fija** vai “ma**l** um poco **de**l**te** lado meno**l** pra cá” mamãe **go**l**tava** de vê ela memo que queria aprendi com ela daí eu que fiquei queimano daí ele ía “m**ia** f**i**::a venha vê tá b**ão** **dema**l” aí tinha que brandá aquela lavareda aí ocê vai **e**l**piá** tá boni::to tá té tremeno aí ocê **o**java tava tudo **vermejo** se tinha **argum** toquinho ocê tem que **pu**tf**a** o que tá la no fundo senão ele **depo**l sai fumaça e ele **preteja** aí pronto cabô passava dia intero quentano ficava boni::to vem **vermejo** fazia **aquele**l **d**zaRo aí aquele **bojo** ma**l** agora to **melhó** trabajei **ba**l**tante** e agora to aposentado ía no campo pegá lenha fazia Rodia punha na cabeça prá queimá tudo **de**l**ta** grussura ... assombrção a **d**gente nem num pensava se é **hod**ze a **d**gente tem medo é de **d**gente vivo né? nunca vi **ved**zo falá ali na porterinha tinha demá**l** de assombrção prá la de **bad**zi tem **uã**l manguera manga coco num sei tem uã discida de **pe**l**cadô** assim ali que **di**l**que** pisáro na carne mole **di**l**que** assombrção **di**l**que** pisava e ele né ... mas **at**fo que era mintira aí contaro a **d**gente muito medroso pra cá num tinha lu**l** aqui no são gonçalo a **d**gente ía **assi**l**ti** tilivisão lá no dona **lurde**l ... **arguém** que andava sozinho que pisô nessa carne mole porque de do**l** num parece nada quando **nó**l ía pra lá de noite “cuidado a carne mole” cada um ía pra perto dotro pra moRe de medo ... também vi falá essa tuma tinha medo de passa por aí quando zen**i** **e**l**tudava** ía de **bicicreta** ma**l** ele**l** ía de do**l** de noite mamãe falava parece que tá pareceno essa assombrção aí Reza que eu vou fica Rezano bastante né? o minhocão **di**l**que** era como uã canoa de bruço que era ... eseeeee lá da**l** pedra que vem falá poço dali do poço pra cá quando ele**l** vinha vino **di**l**que** tio **sirvino** falô pra mamãe com a finada tóla esse:: “fica queto mamãe Remava com ele na frente **d**zoana guarda o Remo **de**l**ta** só eu que vô aqui tenteano **di**l**que** vinha aquele dize assim **olha** de lado **d**zoana ma**l** ocê fica queto de **longe** ele**l** viro aquele batelom que vinha Rodano **iguár** canoa lua **crá::ro** era má**l** de meia noite demoro passado hora mamãe demá**l** viro **ojo** pra trás e falô ué nenê cadê sumiu o trem o batelom tio **sirvino** era pessoa bem assim **e**l**periência** né e aí brotô bem perto dele**l** se **tf**ega lá no porto ocê desce tira mamãe Rápido e passa a coRente na **e**l**taca** e sobre prá cima mamãe queria sabe viro tóla “fica queto **bamo** subi **d**zá quando **tf**ego ali tinha um pé de tarumero imenso **tf**ieio de **rai**l buni::to aí no porto nosso mamãe subiu Rápido pego na mão de tóla e subiu co’ela tinha uã **i**l**cadinha** **d**zá passô a coRente na **e**l**taca** aqui em cima Reato bem memo quando tio **sirvino sarto** da canoa que veio co Remo assim **di**l**que** veio aquela onda que **d**zogô a canoa aqui em cima co Raiva ele fundava a canoa tio belo que moReu foi **pe**l**cá** e num **vorto** cassaro cassaro e num conseguiu **at**fa foro **at**fa lá pra **bat**fo **di**l**que** co um furo na **te**l**ta** **di**l**que** branquinho ele que moReu afogado **di**l**que** foi ele **ma**l **graça** a **deu**l parece que acabô moReu ou foi embora aquele ondão deRepente num tem hora pra ele parecê.

Informante 03

A informante 03 pertence à primeira faixa etária, com 68 anos, casada tem sete filhos e estudou até o 5º ano. Ela nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade, mora em uma casa no final da comunidade, onde há várias peixarias. Sua residência é em meio à vegetação, com as criações no terreiro e uma pequena horta. Mora com seu esposo, é dona de casa e ceramista e dançou no primeiro grupo de cururu e siriri da comunidade.

3) antigamente acontecia cada coisa ... a tuma conta dessa **ve** que foro prá **fe**ta no mutum **di**que caRo **de**fo **ele** lá porque num tinha como sigui **ele** com mala de sapato de Ropa prá trocá prá toma banho aí foro de a pé **lond**ge demá! áh quase moReRo de tanto anda daí é lucura e aí **d**zida a:: **deu** me livre nunca **ma** **vorto** ... **ma** notro tempo era **dificir** ir pra lá na época que **en**fia aí **depô** foro ateRano **já** ateRo a ponte lá é **i**trada de **t**ão só que agora **já** aRumaro ateRo tá **ma** **arto** e **nó** fiquemo de travessa uã **ve** foi eu ivete zézinho e wélito fomo com ele no caRo aí **t**feguemo lá na ponte tava **t**feio aí pusemo o negócio na cabeça e travessemo co água pra cintura e tinha lugá **ma** fundo um puquinho.. **o**ja a **d**gente quando tá novo ocê num **at**fa **dificurdade** de nada vai... **d**zida **di**que nunca **ma** ieu teve vontade de ir **mad**gina nesse tempo que **ocê** foro... **di**que uã **ve** o sena foi deru um saco **t**feio de sapato p'ele levá fundô **di**que esse saco de sapato um **t**fumbo de pesado áh vontade de **sortá** esse saco de sapato pra Rodá **ma** **t**fegava na **fe**ta ía **carsá** o que na **fe**ta? dessa **ve** eles passaro apuro aí **d**zora contô pra nó também que foro no casamento de nhádeca aRumaro caminhão moravum lá casamento **at**fo que no barão né, **ma** foi boni::to **ele** casaru nuã **lan**cha **t**fego o barco tudo acompanhano **ma** a onda ía perto da casa assim **t**feio que tava dessa **ve** **nó** travessaru nesse pedaço de tratô tinha **d**gente que travessava na água no tratô a:: casamento de nhádeca mandou cunvida todo mundo daqui nesse tempo usava **ve**tido biloca usou muito ieu quase nun usei porque eu tava assim moça tava usano menos **ve**tido gôde daquele Rodão **me**lmo assim **di**que a **d**zora **vi**tido um desse daí aí quando **t**fegaro lá na **fe**ta a tuma **d**zá **mad**zinava **di**que o **Rapa** do caminhão que levo **ele** desceu aquela parte **de**trá! prá dá a mão prá desce ela **di**que nem lembro falô “a:: eu vo pulá daqui de cima” aquele povão que tava na **fe**ta **i**perano **t**fega o casamento “quando eu pulei o **vi**tido veio na cabeça ficou só com a **carsinha** há:: má! Riro... veio um padre novo alegrinho ele é **carlo** nome dele **creide** com morena eu **acho** que ele **d**zá deve tá assim que fica só na **igred**za né? má! a **úr**tima **ve** que ele veio aqui ele fazia missa ainda tava lúcido assim interinha só que eu **at**java assim a noite esse padre vim dirgino caRo pois é dessa **ve** bateu no caRo de maria e ieu ainda falei “perigoso ele vim sozinho” porque a idade a **vi**ta eu nem num lembrei se era uã caminhonete ... **ma** então contaru otra **história** do **assarto** eu **at**fo que aqui no Rio cuiabá num tem **d**zacaré quase parece que falô que foi ali po Rumo de travessá... o home até falô que quem **ajudou** ele foi um que vende **i**pitinho um home que tava por ali parece que era cedo que pegô telefone que ele conseguiu ligá... yuri uma **ve** que Robaro uma caminhoneta de dessas dele falô que tinha seguro e ele falô quando ocê **at**fa dá o caso de **at**fa tá tudo **e**torado porque o dono vai co tudo cuidado **ma** **ele** coRendo de policia é buraco é tudo quanto é trem... esse é o pior de tudo se leva num lugá desse de **dir**mantfe como que vai **at**fa nunca... ainda **esse** que **ele** tenta leva passá assim ainda tem **uma**

baReRa né ainda consegue... vete tá lá pro mutum deide ontem tá **mejor** da coluna não caiu **ma**... um dia desse leandro tava de moto e foi ãa capivara outra ve| foi um **catfoRo** que tava coReno **di|que at|a** q tava de caRera **atrá|** duma capivara ele saiu eu falei a mei **fijo** vai com **deu|** num demoro vem leandro **vortano** eu **i|piei** ué será que ele esqueceu **argũma** coisa né foi por aqui nessa **i|trada** de **tfão** ele falo que **at|a** que o cachoRo tava coReno atrás dum veado porque ele viu um trem que travessô a **e|trada** entrô no mato assim Rápido num deu dele vê o que que é foi ino e o **catfoRo** veio e travessô na frente dele foi ele pro **tfão** e o **catfoRo** também saiu gritano... **vorta** leandro tudu **sudzo** a Ropa **i|trada** de **tfão** né tava assim meio **mojado sudzou** tudu a butina aí panhô outra Ropa **ve|tiu** aí que **vortô**... antes no são gonçalo que eu lembro era cerâmica que era que todumundo né fazia por aqui então tinha que panhá lenha no mato tirá os baRo prá fazê quando não tirava na baRanca do Rio tinha que se no quintal no fim do teReino que tinha aí **ele|** iam pegá e caRegava era um sacrifício imenso pra ele| trazê prá casa aí iam socá aquele baRo no pilão batia com **matfado** pra colocá na água prá molecê aí ía massâ o baRo pra iniciá fazê a cerâmica né então era muito sacrifício naquele tempo desse povo que **trabajava** assim tinha que pegá lenha no mato que era prá fazê a queima era muito difici a vida mamãe falava que aprendeu com titia maria de tio **ba|tião** que insino ela que era esse pai de **e|ter** então mamãe aprendeu com esse aí e foi ensinano ieu que nunca tive tempo de aprendê direito porque **d|á** fui começano fazê otra coisa serviço de casa lavava Ropa comida então ieu nunca fui capaz de **met|fe** com nada de cerâmica de levantá uã peça assim aí tinha a queima a noite ta::rde da noite queimano mamãe falava loça nesse tempo, agora que fala cerâmica era o dia inteiro aquele forno com aquele fogo aí quando **tfegava** a noite tinha que colocá **ma|** forte aí pra hora que via que tava bem **crá::ro** ía **fet|fava** não punha mais lenha prá ele ficá naquela brasa até não era a noite inteira ía até um pouco **nó| go|tava** porque era criança ficava lá brincano quando tirminava notro dia tirava e aí limpava be::m e caRegava no Rio prá levá no porto pra vendê **ent|fia** a| canoa papai levava vendia tudo pra lá essa época pra cá num tinha nada (tem copo limpo aí na pia si minina), o pai de mamãe **di|que** era de oro preto de minas gerai| e ele veio prá cá com a| **última e|pedição** que vieram pra daquela| bandera só que aí acabô o negócio de vim **bu|cá e|cravo** e ele acabô ficano como muito| **di|que** ficaram por aqui memo tenho sangue minero aí ele veio nessa época e aí ele comprô saiu **esse|** título de teRa que ele comprô aqui outro tempo a **d|gente** não **conver|java** direito co pai com mãe sobre **essa|** coisa antigo daqui essa **igred|za** memo que falam que tinha aqui fernando que falo um dia que **arguém** conto pra ele que tem o alicerce lá ainda a **d|gente** nunca **conver|jo** com ninguém sobre isso um dia perguntei prá **lurde|** se pai dele seu **d|zaim** que era **ma|** antigo falava e nada **ma|** pai de **Jo ne|tô** era **portuguê|** memo o pai de antonho lope| também era **portuguê|** por isso que tá esse nome aqui **nó|** aqui na Rua eduardo **lope|** era pai de antonho **lope|** tiraro antonho dorileo de tudo tá só um pedaçu ali **atrá|** é a rua da cabeçera **tfega** do gamela prá cá é **nó|** esse eduardo **lope|** cada pedacinho é um nome aí fica tudo enleado cada um é um CEP esse antonho dorileo era lá do **co|fipó** pai de compadre irtes eu lembro dele ainda tem outro pedaço **ner|jo** fernande| **Jo ner|jo** ele foi moradô daqui muito tempo marido de dona **ar|idina**... que ficasse a Rua intero **ner|jo fernade|** era só um CEP tudo um só agora ... lembro de papai com ele nesse tempo ele era fino tomava um golinho de pinga outro que bebia **ba|tante** era tio neco também ele que **fe|** o **nego|jo** de tirá mamãe da teRa tudo na vida da **d|gente** passa, a **d|gente** num **e|pera** uã coisa desse porque tem **ve|** ocê **e|pera** uã coisa de uã **d|gente i|tranho** que num é nada nosso e esse era irmão de mamãe ele encotrava com mamãe abraça::va porque ele morava lá na cidade aí vinha aqui era cumpadre **tforava** **ma|** teve **corad|ze** de fazê tudo isso mamãe veio prá cá ficô aqui em casa num tinha essa arinha tinha um quartinho que **prantava** milho prá guarda madurava punha aí **ma|** ficamo aqui memo tinha **ba|tante** armadô na sala **nesse|**

quarto tudo tinha prá armá Rede **deu** memo viu o que que ele **fe** com a própria ermá dele **ma** o nome do papé da teRa é manóe coRea de abadia avô de mamãe **ma** **di**traviaro o documento.

Informante 04

A informante 04 pertence à primeira faixa etária, com 80 anos, viúva possui oito filhos e é analfabeta. Ela nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade, mora em uma casa no final da comunidade, onde há várias peixarias. Sua residência é em meio à vegetação, próximo ao rio. Mora com um filho solteiro, é dona de casa e ceramista e dançou no primeiro grupo de cururu e siriri da comunidade.

4) ... **fa** cinco **ano** que ivo moReu essa dor essa **fa::rta** a **sardade** né? é que **džanero** **cu**ta **ma** pra passá né? **depo** vai de tudo ... eu nasci aqui e tô até **hodge** eu nasci ali na **tfacra** que papai tinha aqui **depo** vendeu e mĩa ermandade tudo tamém mamãe era **arcina atfo farta dema** dela eu sento aqui parece que tô veno ela andá ali tem dia a **džente atfa farta** né? nó participava da **fe** ta de são gonçalo agora num saio daqui prá parte nenhum só quando vô na missa o no médico tem cinco **ano** que nem vô ali no baRanco **ma** na **fe**ta de são gonçalo eu vô agora inventaro fazer **se**ta sábado e domingo de primero era só sábado e domingo agora **džá** começa **de**de **se**ta tudo tempo teve o cururu e o siriri e a dança de são gonçalo esse num fica sem que esse a dança é a Reza do santo muito bonito que é quem sabe tirá porque **džico** ainda num tá sabeno muito tirá tudo assim memo num tirá como era pai dele que sabia intirinho seu **Ridži** eu **go**tava **dema** dele **conver**fa::va agora também **džá** moReu a **mujé** dele... aqui antigamente num tinha nada ... essa **lu** e essa água naquele tempo o Rio era boni::to a água né que até **tf**erava a água **depo** foi ficano desse **džeito** aí nem banho ocê num pode tomá nesse Rio figa é só **i**lgoto tá tudo diferente... **ante** nó punha motor no Rio prá **putfá** prá **entfê vazija** tudo a **vazijada** aqui aí passava pedra num ficava a coisa **ma** bonito **go**tosos prá **gente** bebe agora esse memo que a **džente** compra num sabe como que é né? eu com papai com **essa** criança **meu** ermom nó **prantava** de tudo começava **de**de aRo **fedção mijo** e **depo** vinha verdura o serviço era esse aí depô que vendero lá prá **batfo** aí nó fomo **prantá** lá dentro do **cutfipó** como que nós **cojia** a coisa lá... eu **de**de ano **džá** sabia até Remá canoa **trabajei ba**tante com meu pai aí casei com ivo **ma** eu nunca **pe**quei eu **go**tava com ivo de pulá lambari eu ía na canoa com ele com a laparina na frente e ele pelotano aí acompanhava onde que tava o lambari e **su**pendia a lamparina ele batia na canoa **ója** **ma** **entfja** a canoa só esse que era o serviço de **pe**caria meu... naquele tempo nó fazia o azeite de **petfe** né agora ninguém num qué... pegava ele cozinhava a hora que ele começava a saí fervura ocê ía com a coisa catano tudo que ía boiano **ma** aquele azeite era uã beleza até verde **entfja** a lata de querosene e levava no porto prá pessoá comprá vendia era naturá ocê fritava o **petfe** na gordura dele que era **go**tosos agora frita nesse óleo num dá nem **go**to ía vendê no porto de canoa ivo **trabajava** na Roça com **essa** criança aí vinha **džantava** tomava banho e saia pro Rio prá taRafeá quando era meia noite uã hora **ele** vinha com **petfe** e enfiava na canoa e ía vende lá no porto esse que era o serviço... e

era **ba|tante pe|ffe** ... teve um dia aqui que quando descia a lufada do curimbatá **ó|ja essa|** criança panhava assim vinha prá berada panhava com mom aí veio uã tuma da **univer|sidade** aqui fazê **intrevi|ta** com ivo ele contô a:: **ma| at|faro** graça demá| que era muito impossive ... naquele tempo nunca tinha troço prá tirá foto né prá **mo|trá** prá **ele|** como é verdade e tinha **d|gente** que ainda falava que ivo tava mintino ... e ele Ria e **at|java** graça... **ma|** ele nunca viu nada no Rio quem viu foi **tf|ico** um dia aqui memo ficô com medo ele tava no Rio **pe|cáno**... um dia ele ía ino madrugada pro porto lá que falava que tinha aquele lugá que vendia sabão ele ía passano lá **di|que** ía Renteano **di|que** viu aquele trenzinho que pulo bem na proa da canoa ele falo **ma|** o que que é esse? foi ficano até com medo **ma|** não parô foi ino com ele lá quando **tf|ego ma|** prá frente um bocadinho ele pulô dentro d'água **di|que** era o negrinho d'água... porque comadre dita viu aí no Rio ela com.. o **tf|iquero** dela era lá no baRanco e ela foi de tarde prá por comida pro porco ela viu ele no Rio **di|que** com a carinha infolado facerano prá comadre dita ...pessoá não acredita **at|ja** que é mentira... bem **nó|** casemo **nó|** morava aí com mña madrinha com tio manelito aí na **i|trada** aí **ele|** íam prá cidade prá ir na **fe|ta ele| go|tava** de ir na cidade e eu com ivo ficava lá prá durmi uã semana intero **nó|** via galinha **tf|ocano** na cozinha **me|fia** com galinha e gritava ía no pote a gente via bem o **baru|jo** do pote que tirava a tampa pra bebe... aí um dia ivo falô eu vou vê e levanto não tinha porta aberto a panela tava tudo tampado num era nada quando passado um dia torno vim o **nego|o depo|** desse dia que ivo levantô prá e não viu ele não apareceu **ma|**... não sei quem que era **nó|** não via... só o barulho... ivo fazia **ba|tante** música do **fror** Ribeirinha era só ele que fazia e ele **já** fazia música ocê vê pessoa faz a letra **ma|** não tem tom **ma|** de ivo era **compreto d|zá** era só prá cantá Roberto **luciardo** gravô **trê|** música de ivo o que ele canta mais é o Rala-Rala... eu dançava siriri no primero grupo daqui era boa **e|perança** aí cabô fico só o **fror** Ribeirinha...esse **nó|** saia prá toda parte... **ma|** nesse tempo **nó|** dançava o siriri memo e agora **d|zá** do **fror** Ribeirinho **d|zá** mudô num é só siriri já é otro| ... **ante|** num tinha tanto grupo agora que inventaro **ma|** tem ...

Informante 05

A informante 05 pertence à primeira faixa etária, com 60 anos, solteira tem 3 filhos e estudou até o 5º ano. Ela nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade, mora em uma casa na parte central da comunidade, onde há várias peixarias. Em sua residência funciona uma peixaria. Mora com seus filhos, é dona de casa e ceramista.

5) ... eu nasci aqui nessa casa... era bão são gonçálo antigamente não tinha **asfartu** era só uã **i|tradinha** cabia no máximo **dua|** pessoa passano né? em cima era só matu essa época ainda peguei essa época né? aí com o tempo foi evoluino começo fazê uã **i|trada** de tratô abriro uã **i|trada** maior não tinha carro nem **bicicreta** não tinha nada nessa época usava **ma| tf|aRete** foi **mejorano**... **a|** casa era tudu de pau a pique antigamente **ma|** depô| melhorô... **ma|** era muito **difícir** de vive era só pe|ca e **a|** mulher fazia cerâmica **ma|** só que alguma| fazia porque nós era tudu piqueno ainda mña mãe me|mo... era mña bisavó mña vó e mña mãe ela| que fazia cerâmica era poti panela e muringa só esse| trê| tipo de

peça que fazia antigamente... era muito **tfuvoso** antigamente agora só chove na época das água né? **džanero** feverero e **mar]o** aí passano esses trê] mê] **džá** não **tfove** ma]... a] **ve]** a **džente** prá **armoçá** com a **tfuva** em cima tinha que **i]perá** a **tfuva** para um poquinho pra pode desce pro Rio pra **pe]cá**... meu pai era pescadô então quando ele falava assim nó] tudo senta::do aquela criançada papai falava assim **i]pera carma** eu **džá** vo pegá **petfe** descia pro Rio e pegava o **petfe** e trazia prá nó] comê... m]ã m]ã falava assim eu criei meu] filho no **cardo** de **petfe** tem até uã propaganda aí na tilivisão que ela fala “criei meu] **fijo** no **cardo** de **pexe**” aí esse] meu] neto de agora m]ã] filha fala mamãe a s]ora foi criado no **cardo** de **petfe**? foi sim sabe como que era? m]ã m]ã cuzinhava o **pexe** tudinho até dimanchá aí ela cuava e colocava na mamadera prá nó]... a:: ave maria mamãe que que é isso? falei é verdade nó] mamava tudinho na mamadera bebia o **cardo**... deu] me livre vote mamãe não aí eu Ria criança não era assim ... era **cardo** de **petfe** porque o **petfe** era cuzidu antigamente só cumia cuzido não comia frito nem assado nada... então nó] cumia assim aí ele] caia na Risada não era assim não má] era **difícir**... tinha a **fel]ta** de são gonçálo fazia cada dia dum **fel]tero** fazia uã **fel]ta** né? aí por **exemplo** a Rainha era uã a **fel]ta** era lá **tfegava** outro ano a **fel]ta** era lá na casa não tinha nada de fazê salão era só na casa a] **ve]** fazia um falava impalizado ele era um Rancho de **paja** que fazia antigamente aí fazia a **fel]ta** era piqueno não tinha muita **dženti** só o povo daqui dava era o salãozinho **džá** quando **tfegava** outro ano... aqui em casa **tfego** de fazê mamãe **fel]** aí na frente de **paja** e fazia a Reza e dança de são gonçálo só que tinha e o cururu e muito bonito que era a **fel]ta** levantava o **ma]tro** também nessa época quem **mit]fia** com a **fel]ta** era tereza lurde] **džá** faleceu só tem uã que ainda tá vivo dérci essa] trê] que **mit]fia** com a **fel]ta** de são gonçálo ela] que começaro foi creceno e depo] **džá** começaram a fazê no salão nessa época era uã quadra nem tinha o centro **curturá** era **de]coberta** fazia a missa tinha sino e aí se **tfovia** cabava tudo porque num podia tampá né? tinha que adia] porque é dia de semana ma] quando cai dia de semana então fazia dia de sábado... meu pai tocava siriri e cururu ele cantava e tocava ganzá e meu avô viola então a **dupra** era bugre então o] do] cantava **džunto** toda **fel]ta** que tinha se não tava meu pai e meu avô não tinha graça...porque ele] que começava a cantá o cururu toda **fel]ta** ele] que começava... a dança de são gonçálo quem tirava era um o porque aqui num tinha o tiradô... eu **a]fo** que eu era criança num lembro nome dele... quando tirava pra fazê impalizado tudu ía ajudá a] mininada o] home fazia o impalizado e as **mu]jé** fazeno bolo... tinha **tfá** co bolo essa época **džá** tinha nunca **fartô**... ma] a comida antigamente não era como é agora era aRo] macaRão... essa] comida agora fa] **chuRa]co** tudinho... era tudo anima::do era muito boa a **fel]ta** de são gonçálo... agora **džá** evoluiu **ba]tante**... a]farto a Rua tem **ba]tante** **pet]faria**... a **fel]ta** de são gonçálo hoje é **compretamente** diferente de antigamente mas **džá** é trê] dia sábado e domingo antigamente era tudu de graça eu alembro... eu **ad]udava** cuzinhâ todo mundo **armoçava** só que era piqueno o povu levava até cumida prá casa sobrava demá]... **ója** muito poco **džente** daqui muita **džente** de fora **se]ta**-feira é má] **curturár** o cururu siriri dança de são gonçálo sábado era o baile e domingo o matinê ma] só que todo] agora **met]fe** com **pet]faria** tão tudu **trabajano**...tá mudano...ma] tudu era b]o morá aqui no são gonçálo num tem lugá **melhó** eu nunca qui] saí daqui nunca saí daqui eu larguei de marido porque ele queria saí daqui né? queria morá no **o]mar cabrá** eu falei não num quero eu num vô **de]fa** mea m]ã num vô **me]mo** agora quando que eu vou ele falô então tá **b]o** aí ainda moro um tempo aqui depo] num deu certo... meu pai moReu cuidei de mea m]ã e eu aqui fazê **iguár** papai só saio daqui quando **ca]cudea** quando moRe...

Informante 06

A informante 06 pertence à segunda faixa etária, com até 50 anos, casada tem dois filhos e estudou até o 9ª ano. Ela nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade, mora em uma casa no final da comunidade, onde há várias peixarias. Sua residência é em meio à vegetação, na beira do rio, é dona de casa e ceramista.

6)... ante[a **fe|ta** aqui era diferente bem [eu **cilo** mudou daí fico aquele lado de cá fazeno baile era um colega de tutu de vanica **di|que** meio tomado eu tava dançano com zé veio e pediu pra dançá comigo com aquela sem graça que tava larguei dele no meio do salão aí ele falo “aaaaa ocê num vai dança má|?” falei não ocê tá com **pajaçada** e saí fora do salão aí ele veio vino assim por detrás[de mim aí aquele avacil que viu e veio vino falou o que que foi? falei esse cara aí pediu prá dançá comigo e fica fazeno **pajaçada** no meio do salão eu num vô má| dançá com ele aí o loredil viu que **atfo** que ele queria vim prá tomá sastifação aí loredil ficô dançano comigo não sai prá lá esse cara é **pajaço**... eu num dançava não... ieu fui no baile com puiúca e ela é quetinha coitado num tem boca assim e eu **dzá** sô bucuda ai esse sapinho era bão prá **tfamá** a **dgente** prá dançá tonto vinha tirá ocê prá dançá ninguém ía “quem que vai dançá com **dgente** tonto?” o cara veio tonto com a garrafa **debatfo** do braço aí eu falei assim ocê num vai dançá com ninguém tonto ... aí ele num quereno falá aí o homem veio eu grudei no braço dela ela falou a:: eu num vô dançá o homem falou por que que ocê num vai dançá? eu falei porque ele não vai e|prementa pega no braço dela pro cê vê eu **ratfo** essa gaRafa na **lá cara** a puiúca queta por ela ía dançá ocê tem que falá... odacioso co gracinha uai ocê| num lembra de finado [eu **arberto** que morava ali no dona acilina um dia ele **tfego** aqui eu tava de quatorze prá quinze ano e **e|ter** também era assim cabelo bem lo::iro né aí ele veio de lá co gracinha comigo o home insuportáve aí eu falei a e? ocê **gol|ta**? peraí vô **tfama** papai papai [o **arberto** tá falano **be|tera** esse [o **arberto** falo o:: menina praga ele era pá frente e **e|ter** coReu ficô atrás[de mim e papai só andava com trinta e oito na cintura ma| papai num i|cutô e ele finco num caRerão prá lá aí notro domingo ele **vorto** eu peguei e **dzoguei** ele lá na **batfada** lá em **batfo** pergunta prá essa| criança Rolo lá prá **batfo** falei pronto agora o home moReu fico **djemeno** lá no fundo aí depo| ele falou prá papai essa [a menina é uã praga fico lá na bera do Rio papai que foi tirá ele de lá... aqui antigamente aparecia a| coisa **odir** tava na **fel|ta** lá pra cima e falo a:: eu num vô e|pera cabá essa **fel|ta** vô embora **dzá** tô com sono e veio **di|que** quando ele passo a ponte veio vino e aí ele viu um trem branco **di|que** veio vino e ele **atfo** que era vento ou **arguém** que vinha vino aí ele pego e num ligo continuo andáno aí quando ele **ojo** prá trás[de novo **di|que** era um trem bem gra::nde assim parecia um padre de batina **veltido** corpo dele até doía e aí o troço fofô atrás[dele má| aí que ele coReu falô **ója** ma| eu coRi que quando foi **tfegano** perto lá de casa eu **dzá** tava morto de cansado quando eu abri a porta que eu entrei e tranquei o troço **tfego** e ranho a porta notro dia tava ranhado assim como se fosse unha que desceu... ma| ninguém sabe i|pricá o que que era... papai uã ve| contô que tava **dzogano** taRafa com aquele [eu acilino **di|que** **dzá** tinha **dzogado** um monte de ve| **dzá** tava com a canoa **tfείο** papai falô assim a:: tá **bão** **bão** bora **di|que** o [o acilino falô não **bão** **dzoga** má| uã ve| aí nó| **bamo** embora **di|que** **ója** quando foro saí pro meio prá **dzogá** essa taRafa prá pegá o **petfe** **di|que** óia pareceu um trem que saiu do fundo da água um trem tão feio que parece

que **ojio** do trem parecia um faró de caRo **vermejo**... assim que **dzá** pareceu prá ele| prá num por ma| a Rede que a tuma fala **di|que** quando é assim dá **sinár**... é a natureza que cobra... óia **di|que encojero** essa taRafa e num virô a hora que **tfegaro** na berada... porque existe...o boi d'água também **exi|te... exi|tia...hodze** pessoá num vê ma| **exi|tiu**... colocava assim quando **insi|tia di|que** num demorava a tuma falava lá vem ele **di|que** vinha derrubano Rivirano tudo que era canoa aquele trezão com aquele| **ojão** que parecia fogo... e ele Revirava canoa memo... eu num sei se foi ivete com meu padrinho que **di|que** tava ino de canoa aí prá cima num sei se era de dia **di|que** um porco un| do| porquinho assim na bera do baRanco tâ::o bonitinho o| porquinho que falaro a:: bamo panhá aquele| porco deve tá perdido **ója** na hora que foro prá pega o porco ele fe| assim pulo a canoa e foi n'água cade o porco? nunca má| viru o porco ... e zé **di|que** um dia quando **tfego** na ponte que o farol do caRo lomeô era um porco tipo um piavinha daquele| pequenininho branquinho o trem **di|que** tudo encoidinho assim ele deu ré e desceu do caRo pra pegá o porco na hora que ele desceu **di|que** o cabelo dele arrepio que ele olho cadê o porco? num era porco sumiu ele entrou dentro do caRo e corpo dele aRepio tudinho... eu uã ve| tinha dezessei| ano| eu **trabajei** lá na casa de hélio **džora** que **trabajava** lá e eu fui prá **adžudar** eu **dzá** encrenquei com a **véja** lá era demá| de miseráve vinha trazê trem azedo prá **džente** aí eu falei prá ela a sñora tá pensano que eu sou algum **catfazo** algum porco prá comê trem azedo eu pegava e **džogava** fora dona **pikutfa dzá** moReu até aí ela vinha de lá tocava telefone dona luíze mandava nó| atende ela coRia na nossa frente eu fui tomano raiva da **véja** eu falei prá **džora** eu vou embora tá de noite eu vou embora se eu fica aqui eu vou dá nessa **véja** fui lá no quarto arrumei a| coisa na sacola “num vai mña **fija** tá **e|curo**” eu num tenho medo de **e|curo** peguei o ônibu| e vim **tfeguei** no **cutfipó** ía ser se| hora| **dzá** tava **e|curo** falei e agora? **dzá** tô aqui num **vorto** prá trá| e eu na certa que eu sabia que o| guri essa| tuma que **i|tudava** ele| vinha de **bicicreta** eu falei vô **arcança** eles né? aí daqui prá lá eu carcô na **foja** e vou coReno e aquele **i|tradão** mato **arto** da **artura** dum trem e tinha o| loco do **adarto** botelho a **hi|tória** que ele| **e|capava** ólha criança quando **tfegô** eu vinha andano um breu de **i|curo** que ocê num **entfegava** nem um **parmo** eu Ranquei o sapato coloquei na sacola eu falei sem sapato eu coRo má| né e eu vim vino e **e|cutei** uã **conver|aiada** eu **i|cutei** um monte de **džente conver|ano** aquele mundo de **conver|ero** de criança de home de **mujé** eu apressei e cadê? e eu **e|cutava** a **conver|a** e num via ninguém quando **tfegô** em frente da casa daquele menino catarino que eu **ojei** nun tinha nada só via vento de mato que fazia a:: e a **conver|a** continuava na minha frente pensei comigo falei o que? fofei no caRerão coRi dali até lá no minha madrinha quando **tfeguei** lá eu tava até sem folego coRi e num **olhava** pra trá| não eu **tfeguei** lá e pedi prá essa tuma porque esse dia num teve aula **tfeguei** lá num guentava nem falá o:: criança leva eu até lá depoi| da ponte a vô nada ninguém tinha **coradze** de vim ocê tá loca andá de noite aí ... e eu saí coReno vim pará aqui em casa nem era essa casa era de pau a pique eu finquei no caRerão **tfeguei** na porta do fundo mamáe eu vim de lá aqui e num vi ninguém na minha frente... o **conver|ero** fico prá trá| eu **simpri|mente** travessei e vim coReno e vim embora de lá pra cá eu ando aqui **quarqué** hora nunca má| vi nada... aquela casa velho lá do começo eu **dzá** passei ali de a pé e nunca vi nada **atfo** que é o medo que fa| né?

Informante 7

A informante 07 pertence à segunda faixa etária, com até 50 anos, é separada, tem quatro filhos e estudou até o 9ª ano. Ela nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma

das famílias mais antigas e tradicionais da localidade. Sua residência é em meio à vegetação onde também funciona como uma peixaria, é dona de casa e ceramista.

7) **olha** aí **fel'ta** tinha primero **fel'ta** de santo antonho no dona dita e depôl' são pedro no dona nhanhá é bem ali prá cima da casa de tia chápreta num tinha aquelel' manguerão? ali que era ãa casa com salãozão na frente assim que era... eu ascançei um ano essa **fel'ta** só aí cabô... aí lá de dona dita também elel' pararu de fazê porque envelheceru né o! que fazia a **fel'ta**... aí inventaru a **fel'ta** de são gonçalo que veio **dérci** professora tereza e lurdel' e começou a fazê a **fel'ta** de são gonçalo má! nesse tempo toda comunidade participava cada um dava ãa coisa prá fazê a **fel'ta** aí era o cururu **sul'pindia** o **ma!tro** aí vinha a dança de são gonçalo aí dançava a dança aí o siriri um poco e comia a sopa... aí cabava a **fel'ta** do santo de cururu aí ía prá bera do campo que ía tê o torneio né? era aqui prá cima no campo de **lô ner!o** a:: ma! era bunitu meu deul' do céu... era todú mundo vinha **ent!ia** a bera do campo com charanga ocê não chava ninguém em casa nesse são gonçalo no **d!zogo** era aquela torcida aquela filicidade... aí foi passano o tempo foru mudano a **fel'ta** começou **d!zá** a fazê só num lugá que cada ano fazia numa casa como se ocê era Rainha ocê era **Responsáver** por a **fel'ta** aí depôs pararu... aí **d!zá** começo a fazê só no centro comunitário **me!mo** que era **majó** e foi ino... e a **fel'ta** não foi mai! só cultural assim já foi **fel'ta** prá ganhá dinheiro que nesse tempo num era... esse tempo bebia licor pinga e num era nada vindido era tudu de graça aí depôl' ficô tá até **hod!ge** aí lutano **d!zá** não é má! a **me!ma** aligria porque se torna diferente um bocado tem ãa ideia otro bocado tem otra né? aquele tempo todú mundo sentava **conver!ava** e acertava **hod!ge** não cada um tem uma ideia não aceita... nem o! **fel'tero** num é como antigamente ... eu lembro vovó nair criava porco prá vendê pra podê comprá o! trem da **fel'ta** ela guardava dinheiro era um compromisso que ela tinha... o! rei... vovó quase tudu ano era Rainha ela mamãe tudu foru ... fazia a **fel'ta** bunita com **ba!tante** fogo! a sopa era uma comida **simpres!** ma! **go!toso** bem feito... e depôl' foi cabano que hoje já... nem o torneio que era ãa coisa bonita num tem má! assim tem má! nó! o! próprio moradô **d!zá** nem vai... má! **d!gente** de fora do que da comunidade má! fazê o que? a vida muda me!mo... aqui era sacrificado... algun! que tinha caRo bem poco... a locomoção nosso aqui era má! de **bicicreta** nó! ía prá **el'cola** de **bicicreta** ou de a pé né? daqui no Raimundo pinhero e nó! ía aquela tuma que rapidinho nó! táva lá... e agora veio essa novidade de **pet!faria** prá todo! né? aindo mudô má! porque agora num tem mai! tempo de participá da! coisa só se for de noite porque de dia tá todú mundo na! **pet!faria** **trabajano** quase toda! aí casa aqui virô **pet!faria**... começô atravél' da **fel'ta** de são gonçalo que o **d!zaimé** começo a vir pro são gonçalo ajuda na **fel'ta** de aniversário de cuiabá porque são gonçalo é má! velho que cuiabá né? então elel' vinhão prá fazê a **fel'ta** de são **bão d!zisu!** aqui no dominga! aí outra vel' fe! no centro comunitário aí ele começô a dá essa! ideia do povo coloca essa! **pet!faria** que ía dá certo e graça! a deul' deu certo **me!mo**... foi ótimo prá todo mundo... um dia ainda falei prá maria esse home pode tê o defeito que tivé ma! ele foi ãa pessoa que deu um chute certinho prá nó! né? ãa ideia valiosa que olha tudo que teve condição de colocá tá bem... lá dotro lado do rio que elel' ainda num tivero essa ideia porque se elel' colocá vai ter lucro também porque é bera de rio inda agora que **alfarto** tudu... era muito bão nó! **me!mo** fazia aí **fel'ta**... nó! queria dançá num tinha **fel'ta** nada... nó! arrumava uma **fel'tinha** e ocê dá bolo fulano dá num **lô** que... nesse tempo era má! barato porque num tinha **cerved!a** era ponche que nó! bebia... ocê dá **larand!a** ocê dá bananinha abacaxi maçã otro dá uma garrafa de vinho... olha nó! fazia lata de querosene aquela! latona assim ... num tinha nem **d!zelo**... bibia quente... nó! bibia e dançava até... aí nó! **prant!ava** de **vorta** pra casa de noite que era esse! baile uma

ve] era lá no dona dita otro no tia **djoana** era aí no tereza aqui em casa onde dava nó] ía... ma] era bão... a infância nosso foi muito boa... tinha brincadeira nó] trabalháva estudáva divertia num tinha droga esse tempo... bebida num era como **hodge**... num era essa bibidaiaada como é hoje... nó] contratava até banda nó] infrentamo uma banda porque nó] quiria era amigo culto que nós fizemo] o dinheiro da portaria só deu pra pagá o musico má] nó] ficamo contente porque nó] dançamo namoramo e divertimo... o **condzunto** era]eu nhonhô era melhor banda de cuiabá o conjunto guarani e depô] era o de farofa eu e] **queço** o nome... só cabo o baile por causa de uma briga com a tuma dotro lado...

Informante 08

A informante 08 pertence à segunda faixa etária, com até 50 anos, casada tem dois filhos e possui o ensino médio completo. Ela nasceu e reside na comunidade é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade. A informante é funcionária pública e se identifica também como ceramista.

8) ... eu acho assim que aqui no são gonçalo mudô muita coisa assim de quando eu era criança eu falo pra milena mãi filha que nó] já andamo muito a pé e hoje em dia a gente não sai se não for de carro moto ou uber né? ma] nó] andamo tanto a pé nó] ía daqui até lá na coophema ou coxipó prá pegá ônibu] tinha uma dificultadi... ma] aqui tinha i]cola eu e]tudei um bom tempo aqui até num tê má] mãi série aí nó] fomo prá coophema e pro raimundo pinhero aí nó] já ía de **bicicreta** deixava lá no jorge e subia a pé eu **creide** adriano **cri]tina** luisinho e não era perigoso como agora ... nó] ía pro centro também com mamãe e o] guri falava parece que você] tão ino prá praça devagazinho... nó] ía devagã::r num tinha pressa...nó] ía lá pro vovó também a pé... hoje em dia a gente anda co medo ... na época de **fe]ta** de são gonçalo nó] ía tirá i]mola nó] ía com didi e gida travessava o rio lá prá cima aí wise] ou alguém travessava nó] descia lá no tio zeu e ía desceno depo] nó] vinha pra e]te lado de novo e na vila mutum... nó] ía a pé de casa em casa co santo só numa caxinha a tuma ía a pé a] veze] saía cachorro duma] casa... uma ve] nó] fomo naquele bra] lá sempre teve cachorro **brabo** aí dominga] foi na frente quando nó] **assu]tamo** o] cachorro viero tudu latino de lá prá cá nó] fechemo a portera e de]amo dominga] co são gonçalo pro lado do] cachorro e nó] ficamo prá cá a dominga] gritava “cria::nça o **ca]forro** vai me morde”... aí nó] ía casa por casa... no bar gida queria comprá coca tuda hora até hoje né? e a] casa que tinha alguã coisa assim como goiaba nó] parava prá pegá... uma ve] aquela nina e]culhambo nó] “ocê] sai dotro lado do rio prá pegá mãi fruta”...era divertido tinha uma casa que era um monte de jornal no chão prá não sujá a casa nó] quando ía lá num queria nem entrá co medo da **mujé** brigá... a fe]ta nessa época era boa ma] agora é mai] gente ante] tinha mena] pessoa só povo daqui memo tinha era cururu levantá **ma]tro** ma] num tinha banda é de un] tempo prá cá que tem baile... ante] era só cururu siriri e a dança de são gonçalo era só do] dia sábado e domingo era missa e o **tfá** co bolo... naquela época a dança era trê] rodada mamãe fala e depo] que foi diminuino prá te otra] coisa né ma] a dança de são gonçalo me]mo é trê] rodada demorava a] pessoa que fazia promessa ía nesse dia prá cumpri ... quem passava por **probrema** de fratura porque são gonçalo é protetor do osso] né? e quinta-feira até hoje é assim nó] vamo prá faze massa o] bolo até hoje eu ajudo a fazê bolo... no primero grupo de siriri da] criança eu dançava da época

meu era **cri**tina ferpa wanderlei crodô e fernando que tocava **bad**ji algun| já morreram...aqui mudô muito muita gente a| **fe**ta ante| era ma| **car**mo... é muito calor... ocê fica até ruim...por isso que fala vem o progresso ma| também vem o **tran**s|torno né?

Informante 09

A informante 09 pertence à segunda faixa etária, com até 50 anos, casada tem três filhos e possui ensino superior incompleto. Ela nasceu e reside na comunidade é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade. A informante é proprietária de uma peixaria.

9) ... eu lembro que não tinha asfalto e tinha muita cerâmica e a tuma de cima e a tuma de baixo o siriri e cururu tinha em **toda**| a| **fe**ta **essa**| comidas **tip**ica| você via na casa **da**| pessoa não tinha peixaria como hoje ... e o rio era limpo nó| discia pra tomá banho ... **na**| pedra tomava sol via o| pescador pescano com as canoa cheio de peje ... **depo**| que nós fomos conhecer a **hi**stória a nossa **hi**stória com os **bandeirante**| da colonização e tal ... hoje parece que tá tudo meio **i**quecidu esses dia me falaru que só tem quatro **cerami**ta no são gonçalo ... é uma coisa tri|te tem que **re**lgatar e aqui dentro da nossa comunidade **nó**| **temo**| a **ga**stronomia o turismo é artesanato o folclore as dança e festa de santo que movimenta porque a **fe**ta de são gonçalo agrega toda a questão cultural daqui estamos num momento de união da comunidade... **do**| **filho**| do são gonçalo **talve**| **atravé**| de um memorial uma intervenção do estado ou do município mesmo para **re**lgatá isso ou até mesmo de uma associação comercial entre as pe|arias mesmo que hoje é o grande fortalecimento do bairro do comércio aqui então eu acho que todo mundo se unisse podia fazer essa parte né? nós temos que criar uma associação porque já existe a associação das **cerami**ta do bairro da igreja então acho que ... hoje nós estamos com vinte e sete peixarias quase todas as casa aqui virou pe|aria primera coisa quando a pessoa chega em cuiabá qué come peixe procura no *google* e já aparece a rota do peixe o são gonçalo beira rio ... então todo mundo é direcionado pra cá mas o que precisa? uma **i**n|strutura do bairro que nós ainda **infeli**mente não temos infraestrutura não temos uma valorização por parte dos **governante**| sem apoio por isso **precisamo**| dessa associação comercial... hoje a comunidadi não vive **má**| de outra coisa porque a gastronomia se fortaleceu de uma forma que deu uma condição financeira de vida completamente diferente para as pessoas daqui... economicamente... aqui vem muito turista até dos estados unidos... então antigamente era o barro a cerâmica e a pesca agora ela perdeu espaço para a gastronomia... esse processo começô mais ou menos em dois mil e três lá no firmino mas era bar ele fazia curimba frito ... **má**| pexaria veio quem iniciô foi camila que abriu a pexaria depos o padre aí viemos nós o sabor cuiabano em dois mil e cinco nós vamo fazê quatorze anos em julho... é recente mas **fe**| uma grande mudança...

Informante 10

A informante 10 pertence à segunda faixa etária, com até 50 anos, solteira e está cursando o ensino superior. Ela nasceu e reside na comunidade é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade, é filha da informante 9 e neta da informante 4.

10) ... eu não sei muita coisa daqui não tenho muitas informações porque a minha geração pego pouca coisa minha vó que me conta sobre lenda sobre minhoca as coisas culturais ribeirinhas né? eu sei mais sobre as coisas daqui agora... o flor ribeirinha as danças que ainda existe... mas sobre a história do que aconteceu nem na escola eu não estudei história regional eu perguntei pra um professor meu porque eu tava estudando pra fazer a unemat e lá cai história de Mato Grosso aí eu achei pouca coisa na internet ele que me indicou um livro e até explicou sobre o começo eu tinha dúvida se foi aqui ou no Coxipó do Ouro e ele falou que foi aqui primeiro e o enem não cobra história regional né? aí a gente acaba sem conhecer a nossa própria história... eu sei porque moro aqui e minha família conta mas uma pessoa que tipo faz faculdade comigo não sabe... eles acham que aqui é zona rural por causa do rio tipo fora da cidade... e pelo que eu li nem sei se tá certo a diferença entre Cuiabá e Vila Bela é que eles chegaram aqui primeiro né? e depois que foram pra lá e lá que foi a primeira capital ... e Cuiabá era pequeno era uma vilinha nessa época... aqui também morreu muita gente né minha vó conta que o avô dela os filhos ia pesca e via as coisas do rio ela fala assim que “no rio tem mais olho do que fora tem mais vida lá do que aqui fora” eu lembro que meu filho caiu de moto bem nessa ponte daqui do São Gonçalo e ele contou que queria *vazá* logo com medo de parecer alguma coisa pra ele ... e minha bisavó biloca contou que teve um sonho com uma pessoa falando pra ela busca um ouro ali na frente só que ela tinha que ir de madrugada e sem ninguém junto que ela ia achar uma caixa com ouro pra ela... então tem muita coisa... a igreja de São Benedito lá do centro diz que era uma mina né? tem ouro até hoje lá ... o meu professor disse que lá tem uma arte barroca... e era só índio aqui a gente parece índio os traços né? eu e você puro índio né? eu fico aqui às vezes olho esse mato e imaginam como era aqui antes e essas coisas que aconteceram é muito loco né? a gente lê e fica imaginando tem gente que vem aqui na pexaria e fala que não sabia que existia aqui... o garçom que trabalha aqui é cuiabano e veio aqui a primeira vez entregando móveis pra minha mãe e que vai comê peixe em bom sucesso era muito escondido aqui os avanços vieram pra melhorar mas tem perdido muito da cultura aqui... e depois eu lembro que na época da Copa eles falaram um monte de coisas que iam fazer aqui ... uma orla exigiram que todo mundo melhorasse as pexarias com atendimento que até falasse inglês ... mas eles não ofereceram nada... não fizeram nada ... nem veio muito turista pra cá porque eles achavam longe... ficaram só perto da arena pantanal e caiu o movimento aqui... isso abrangeu uma união na comunidade porque já perdeu muito da cultura não só aqui mas em Cuiabá inteiro também até os museus daqui estão fechando não tem nada nenhum que fale sobre ... a história a gente não conhece porque a maioria fechou ninguém investiu nisso tem o Minsc Museu de Arte e só eu acho ... a secretaria de cultura não tem programa pra isso... tá difícil ...

Informante 11

O informante 11 pertencente à primeira faixa etária, tem 80 anos é analfabeto. Ele tem seis filhos, nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade e reside em uma casa na parte mais movimentada do bairro, onde há várias peixarias. Mora com um filho casado, é cururueiro e pescador aposentado e dançou no primeiro grupo de cururu e siriri da comunidade. No momento da entrevista, tocou a sua viola de cocho e cantou cururu lembrando de quando saía para todas as festas nas redondezas.

11) ieu nasci aqui no são gonçalo antel num tinha movimento aqui nóŕ usava máŕ era siriri cururu e brincadeira de carnava sempre nóŕ tinha aqui maŕ era poca **dzente** e aí esse **negóŕo** ficô muito tempo depoŕ esse povo de fora que foi **ŕjegano** aqui máŕ po perto aqui prá cuiabá eleŕ foro **goŕtano** do **dzeito** de nóŕ faze o siriri aqui porque aqui tem aparecido muita **dzente** prá sabe **deŕde** o começo como que foi aqui quem começo o siriri num foi eu não foi o **peçoár** de lá daŕ pedra foi um tár de tote **saluŕtiáno** ocê pergunta prá tico esse peçoá de lá dali o máŕ **vêjo** agora tá seno só tico né? esse tote **saluŕtiáno** era cururuero tirava siriri ele cantava catira ele era bão prá tudo ele que me insino tirá siriri ieu e o finado candi que moReu então isso fico como uã prova que até **hodze** ainda mantêm agora que o candi moReu aí ieu passei a tirá siriri com si minino ieu tirava também co finado venâncio que era meu cunhado que era lá do barão de **mergaço** (moReu também ele era bão de ...) aí passei a tirá com ivo e **dzico** aqui tá vino **dzente** procurá **dzá** veio **dzente** até do como que **ŕjama**...uã cidade até grande... belém do pará veio trêŕ são aqui me procurá que ele queria sabe o fundamento do siriri que tá em primero lugá o cururu e o siriri aqui então ieu tenho aqui viola ganzá aviamento tudo de tirá o siriri né... aí ieu **moŕtrei** preŕleŕ vem **dzente** de poconé barão de **mergaço** seguido tem povo aqui que essaŕ minina é **quadzi** tudo lá do barão tudo mĩa subrinhada luí **dzelin**, esse **ŕfica** tudo meuŕ parente maŕ graçaŕ a deuŕ vai ino bem o peçoá tá **goŕtano** muito agora ieu que fiquei sem o cumpanhero ieu canto bem co **dzico** ele é bão prá cantá num tem otro melhó pra canta esses máŕ criança ninguém num qué aprendê ieu **dzá** falei ieu tenho uã viola bem dizê nova porque é bem velado ieu tenho uã **purŕão** de netaiada aí a **dzente** tá em cima da teRa é passagero né? então esse dia ieu falei prá essaŕ criança que é meuŕ parente ermá ermom ieu num tenho máŕ moReu tudo pai mãe então a viola eu dei pro minino esse minino de nega que ele é **infruído** co tudo aŕ coisa ele é bãozinho que é o que pede prá ele faze ele faŕ na hora então ieu falei **dzá** vo dá a viola prá ele porque uã hora desse ieu moRo deRepente aí tudo vai quere a viola e ieu **dzá** dano anteŕ de moRê não a viola avô dele deu preŕle antes de moRê em vida então a viola é dele essa viola que tá aí é dele eu to coŕele aí maŕ **dzá** é dele maŕ que é bão é tem aparecido tanta **dzente** boa aqui coŕessaŕ **petŕaria** aí **ója** ieu tenho tanto amigo que eu vo te falá a **dzente** vai conheceno um a otro né? ieu num tenho um lugá que ieu foi que o peçoá **recramasse** de mim tudo lugá que ieu vô **oja**... quando silei morava em campo grande pergunta prela namorada ieu co mĩa **mujé** lá aŕ minina vinha me **bedzá** na frente de mĩa **mujé** aí ela falo assim: **dzá** teve bão agora num **preŕta** má... é isso memo tudu lugá que ieu vô **peçoá goŕta** de mim aqui no talaia tem um peçoá do mimoso a:: se ieu quisé ficá tonto é meia hora todú mundo qué pagá **cervedzá** pra mim é:: poconé tão loco prá ieu i lá porque ieu canto **Raŕqueado**

também eu **dzá** cantei com aqueles pessoá lá do henrique e **craudino** só o **pel cuma** que nesse dia num tava né? então eles **atfaram** que ieu cantei **mejó** do que elel que são **profissionár** né? cantemo lá no luze quando deu dol trêl dia veio uã moça aqui foi lá no dumingal que falaro que quem tinha cantado lá era violeiro de dmingal aí ela falo ele foi meu violeiro mal ele num tá tocano mal não ele mora ali **embatfo** aí elel viero aqui mal eu tinha caído eu quebrei **elste** braço aqui exatamente os dedo que eu ponteio a viola fico adurmicado agora tá melhó mal num tá como era né? **atfo** muito importante a mĩa vol né graça a deu ieu num tenho o que **recramá** do povo não tudu lugá que eu **tfego** ieu so muito bem arricibido e trato todo mundo bem também porque a obrigação nosso é tratar bem né? tem **dgente** que nem tratá otro num sabe ele **converfano** com a pessoa tá **martratano** otro na **converfa dzá** vi uã porção... ano passado na **felsta** de são gonçalo ieu **adzudei** tirá um siriri no grupo de marco agora **elste** ano num sei se vão te o siriri mal eu **atfo** que tem é pra te logo passa o **dzanero** já vem o feverero... quem começo com essa **felsta** aqui foi meu cunhado finado venâncio ele era lá do barão de **mergaço** ele que troxe esse são gonçalo pra cá então a **felsta** começo ali porque elel tinha devoção lá mal **diique** num fazia então ele troxe e a tuma aqui animaro de fazê a dança do são gonçalo e fico até **hodze** aqui tinha o nome mal não tinha a **felsta** de são gonçalo a **felsta** era **hodze** em dia tá mal adiantado era fazia o cururu a dança do são gonçalo e aí tirava o siriri mal depol que passo prá essa tuma daqui aí animô fico mal animado a **felsta** né? de **selsta** pra sábadó e sábadó pra domingo é a dança do siriri no domingo é o bailão o **Raqueadão** toca tudo al coisa mal tá bão que melhora melhora grande antigamente num tinha nada e era **difícir** porque **elste** corgo daqui aí num tinha ponte não aí foi pidido nosso pro candidato então aqui tinha **balstane** candidato mal num tinha um pra agradece a binfitoria que eles fizero ieu to só **elcutano darmí** tinha uã **porção** aí que mandava na **felsta** vinha fazia comício **adzudava** até na **iltrada** né? e sempre dminga também falava aí um dia ieu falei assim **bamo** fazê uã Ronião **tar** dia e convida os candidato e eu vô agradece os benefício que elel fizeru né? aí ieu comecei **delde** vicente volo ocêl alembra dele? o pai ele foi o primero candidato que **adzudo** nól aqui só que ele moReu mal ele **goitava** do pessoá daqui aí foi **tfegano** aquela pessoa que viu a **infruência** começo a aparece e falá que ía **adzuda** e **adzudo** esse num tinha **iltrada** então quando era tempo das água que **entfia** o Rio aí ocê queria ir lá pra pedra ou pro **cutfipó** tinha que caí n'água ou então aRodeá por aqui passá pra **vortá** pra ir pro **cutfipó** depol **cutfipó** que fel a ponte melhora grande aí veio o **alfarto** né? então eu agradecei elel e elel me agradecerem também pelo presente aquele governo de... dante ele fez um benefício pra nól que tudo esse eu falei no comício todo ano quando era tempo das água nós **dzá** ficava de **ojo** no Rio porque alagava quanta vel nól mudemo daqui ieu sempre tinha cavalete aqui e mudei parece que dua vel daí num mudei mal porque se **desjava** ol troço aqui robavam tudo botava cavalete e durmia por aqui memo aí depol que fel quem começô que falo que ía faze a ponte foi aquele coroné merélio que podia **detfa** a ponte que ele fazia ocê sabe que **hodze** em dia tem **dgente** de **ojo** grande então o empretero que pegô o serviço pra fazê ele queria que sobrasse pra ele fel a armação da ponte fico que num passava prá lá e nem pra cá fico aquele bruto de vão nal cabeça sem **dzeito** de... aí converfemo com Roberto frança que podia **detfa** que o **relto** ele terminava como ele termino falei de tudo o dante foi esse que corto a alagação aqui foi em setenta e quatro né a alagação grande que mudemo mudô todo mundo ele fel a **baRadze** lá como q **tfama**? manso aí num alago mal nós mudava lá pro firme então fazia **baRaca** né mal era um **trabajo** assim como aqui eu tinha vaca cavalo porco galinhada a:: e **pranta** que perdia não **desedzo** tudo minha **pranta** depol que ele fel a **baRadje** que num alago mal a:: melhora grande num alago mal até **hodze** só se for um **caftigo** ele moReu também mal **detfo** benefici feito deu há de botá a **arma** dele num **bão** lugá eu **desedzo** bem pra todo mundo eu não **desedzo** bem só pra um não eu **desedzo** pra todo

mundo ... o minhocom era um troço que todo mundo via o minhocom sabe? ele num **mo|tra** cara cabeça ele **mo|trava** o corpo como uã canoa de bruço esse tempo de lufada que ele sempre parecia mas ele **di|que** nem **met|fe** com a **dzente** também esse aí do outro lado **fijo** de **Jo antonho** catete falava que ele parecia lá na baRanquera pessoá **apedred|zava** ele batia parecia que era um coro “bufffo, bufffo” **met|fe** com coisa que num é da conta né? eu **tfeguei** de vê ele uã **por|ão** de ve| ma| ocê num vê a cabeça nem o Rabo só o lombo é **mi|tério** de deul né? meu avô foi porque eu sou neto de borori né so neto de bugre contava que o que tem no seco tudo tem no Rio tudo tem na água tudo o| **bi|fo** que tem no seco tem na água ele falo deve se memo né? eu sei duã **mujé** que parecia ali dotro lado **di|que** parecia de preto aqui de frente no porto **di|que** a pessoa que num tá no lugá dele que aparece moRe muita ve| tem muito pecado fica zanzáno tinha o gritadô que gritava aí po campo eu **tfeguei** a coisa ma| **tri|te** do mundo ocê **e|cuta** o grito dele **Jo** cabelo Repia tudo sem ocê vê aquele grito a| tanta da noite **di|que** são a| pessoa muito **marvado** que num **at|fa** num tem um lugá pra ele ficá ele fica... ma| é por coisa de deul memo tá pagano o| pecado que ele **det|fo** tava fazeno aqui aí no **caRapitt|fo** **di|que** ele vinha até na bera como que **tfama?** é poço do nardim **di|que** até aí o trem o **bi|fo** **tfegava** gritano... eu **trabajava** lá na **tfacra** lá em **bat|fo** e ele veio gritano pro lado de lá **oja** meu cabelo fofa tudo aRepio tudo aquele grito tão **tri|te** gritano... esse aí tinha um **tar** de quelemente ele morava lá no campo mas era um homem **bão** pra rezá pra benzê esse eu sei que era um benzedô quelemente ele era um paraguaio quando ele **i|cuto** o grito que ele falou pra **mujé** dele **tfamava**... ora como que era **dzente**? isabé ... isabela num sei quá que era “**fet|fa** a porta que o gritadô **dzá** grito em **tar** lugar **tar** Rumo” que ele tava cabano de **fet|fa** a **dzanela** ele **di|que** quando ele gritava saia coisa de fogo aí **di|que** ele começo benzê o corpo e começo a Reza e com um facão uã **e|pada** e cortano que **di|que** o **bi|fo** foi **afa|tano** o trem **di|que** é pessoa que fez muito pecado em cima da teRa mas agora **at|fo** que parô num ouvi má| fala... no ingordadô **di|que** **tfego** de **dzente** **dzoeja** prum **tar** de **Jo zébio** e ele num tava sozinho se fosse mentira ele num ía conta né? ele era **Jo zébio** um **tar** de **dzoaquim** outro era eu conheci ele tudo conto que era verdade que grito uã **di|tância** e quando **assu|to** **dzá** grito perto dele e **di|que** com **pet|fe** com **pet|fe** vendeno lá na **vad|za** grande então botava as cambada na frente no varapau assim no ombro né? num tinha caRoça pra por **dzogaro** o **pet|fe** e tudo **dzoejo** de mão po peito e Rezano Rezano o que sabia aí o troço ía **afa|tano**... é **tri|te** **di|que** tem até **hod|ze** o **bitt|fo** d’água no nardim no tudo esse| poço tem aí nesse poço daqui papai contava que quanta| ve| finado ricardo que era irmão desse finado candi que cantava comigo era testemunha má| também já moReu quanta| ve| ele| coRero aquela **por|ão** de canoero que tava **pe|cano** pacu **assu|tava** saia aquele boisão aquele **tfifrão** no meio do poço a tuma **dzogava** a vara de anzó na canoa **oja** aqui pra berada ... mas **di|que** o boi passava e num **met|fia** com coisa no tão que ele vinha **dzá** fundava num via ma| nada... tem cada coisa no mundo que **comprica** a **dzente** né? mas é bão a **dzente** sempre sabe de a| coisa... esse quelemente memo eu vou conta uã **hi|tória** pro cê aqui moro um tar de luí| gonzaga ele **go|tava** muito de mim ele tinha uã chácra ali onde é do andré ele| são Rico tem um dragão lá ele| **met|fe** com draga e lá **met|fia** com **moad|ze** e eu que ficava no lugá dele lá tinha uã tuma de cortadô de cana tinha **ba|tante** empregado e eu que era o encaRegado aí esse tinha um cavalo libuno era manso de sela ma| o cavalo quando ele **e|capava** virava um sataná| o cavalo num entregava se tinha cerca ele ía na cerca ele cortava tudo ave maria aí eu foi lá eu levei ele pra fica lá porque tinha bastante **pa|to** lá tudo é cercado e ele corto aqui corto feio memo aí logo pego **bi|fera** pego **bi|fo** e o luí| gonzaga ele era **embarcad|ta** ele **viad|zava** pra curumbá porto murtinho a| ve| passava mêm sem ele parece eu que fazia tudo pra ele aí **tfego** ele falo assim: “ocê num tá curano esse cavalo? falei **Jo luí|** curô ele quase todo dia e o **bi|fo** num caba ele falo pra mim assim “vai atrá| de quelemente pra ele benze

pro cê”... por esse **sor** que tá lomeano ele morava ali dotro lado de lá peguei mĩa canoa foi lá no porto e falei com ele ele era um home bão ele falo “eu vo lá co cê” ele veio eu **dzá** tinha pegado o cavalo tava maRado num pé de goiabera **oja** ele **tfego** e a **bitfera** corto assim ele falo **oja** eu vô benze o cavalo má| ocê num vai má| cura ele não num cura senão a benzeçom num vale ocê vai vê hora que eu benze ele a primera ve| ele benzeu a primera ve| o cavalo **batfava** assim saia dibuiano dá **nodzo** do ocê vê caino da fervura aí ele falô **detfa** passá má| um poquinho eu vo benze dua| ve| aí ocê me travessa pra lá e amanhã eu benzo de lá pra cá num vo percisa vim ele sarô **hodze** em dia num tem má| o **pressoár** de Reza a benzeçom é iguá Reza é a Reza num credita má|...

Informante 12

O informante 12 pertencente à primeira faixa etária, tem 72 anos e estudou até a 4ª série. Ele tem seis filhos, nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade e reside em uma casa no final do bairro, onde há várias peixarias. Mora com sua esposa e um filho solteiro é pescador aposentado.

12)... óia aqui era papai **metfia** com **pelcaria** e nó| **metfia** com uma Rocinha uã coisa e otro eu depo| que fiquei hominho com treze ano eu **dzá adjudava** nico dono daquele **polto dzofre dzá** peguei **trabajá** fui ficano má| home e fui tocá boiada pra **lo ner|o** com **vardi** nó| ía **bu|ca** boiada **dzá** travessei com dua| boiada na ponte **dzúlio** mi|a vino do poconé pra cá e do Rosário oe|te **putfei** muita boiada aqui do mimoso aí eu sufri demá| tempo de novo má| graça| a deu| eu venci **arguã** coisinha que a **dzente** tem foi adquirido aqui eu nunca sai daqui falava a:: ocê tem que ir pro garimpo ir não sei pra onde pra adquirir eu não e herança que eu teve foi só **e|te** daqui de papai só esse pedacinho porque o **Re|to** foi esse| **do|** braço que me deu e papai ...papai crio doze **fijo** num é brincadeira oito homem e quatro **mujé** ele era daquele que **go|tava** de toma um mé iguá **lo sirvino** pai de **tfapreta** má| era daquele que num **detfava farta** nada num era homem que batia **tfegava** tonto em casa mĩa vó morava sempre **dzunto** com nó| **tfamava** Rosa ele era daquele que o dia que papai tava fazeno **negolo** ela cortava uã varinha verde assim e engomava papai memo depo| de casado... nó| fomo criado com **dificurdade** sofrida **ója** que tocá boiada quanta| ve| nó| passava quinze dezoito dia posano por lá com **tfuva** eu com finado **vardi** e **dzedzé** foi uã dua| ve| com nó| ma| graça| a deu| venci ... aqui no são gonçalo não tinha nem **i|trada** ocê| num lembra que antigamente pra ir lá no começo tinha que aRodear por lá por um **tar** do corgo grande eu quando namorava pra ir lá ía de canoa porque aí era um matão eu ía cedo de lá pra cá vinha pra Rodá no Rio é mais **fácir** né? porque esse pedaço aí **di|que** era assombrado ali de **badzi** pra cá ali era a porterinha era só mato eu alembro uã ve| eu era pequeno vinha vino com vovó ela **trabajava** lá ela manga tava inicioano a cair ela falo tinha uã manguinha assim no **tfchom** tava de tardizi::nho vou panhá essa manguinha aqui vê se ela tá boa lá no pé da manguera repetiu o que ela falo ... vovó “cru| crem deu| pai” e nó| ó na caRera... meu avô moía bem aí vô manelito que era pai de papai **endzenhão** desse tamanho fazia Rapadura eu cedo ía pra lá prá **adjudá** toca boi e ele fe| uma| forminha pra mim de|te tamanhinho como uã **catfa** de **fo|to** maiozinho aí vovô depo| que formava a rapadura falava **detfa** de ivete aí eu fazia aquela| forminha punha a

Rapadura e secava e levava na **i|cola** pra mim maRetêa com a gurizada esse tempo num tinha caramêlo partia no meio e vendia por cem duzentos ré| eu fazia dinheiro ... eu **de|de** pequeno tudo que eu tenho eu comprei com meu dinheiro eu primero num esqueço nunca eu comprei um cavalo **tfamava** oro fino esse cavalo eu cabei de cria essa| criança nuã **tfarrete** com ele duro vinte e dois ano comigo aí comprei uã vaca **tfamava** minerva eu falava papai me dá uã novilha eu era encucado com gado papai não tinha pra dá e dessa aí eu fui adquireno se eu fosse um cara que tivesse teRa **hodje** eu era Rico aqui na fazenda trevisam em oitenta e três| eu vendi cento e vinte rês| eu **trabajava** e meu gado ía só aumentano ma| num tãa onde por aí cumpadre **tfiquito** deu| que me perdoa de falá ele **dzá** moReu ma| ele fe| uã traição pra mim um dia me falô cumpadre **Jo carlo** trevisam falo pro sã tirá o gado daí porque ele vai **prantá** aRo| na área aí tudo bem eu vo tirá o gado aí **djordje** tava aqui comigo e désio era piquitinho eu num podia monta aí ele falo a **dzá** Rumei compradô pro gado vendi vaca de quinze miRé| e vaca de bezeRo vinte e três| fe| eu vende meu gado e num **prantô** nada... ma| eu sofri eu parece que vô fazê cinquenta e dois ano de casado **hodje** eu **vedjo** a tuma casá e larga briga a **dzente** tem né? ma| fala que fico zangado com ela pelo meno| tres| dia sem fala assim não ...e vovô fazia aquela Rapadurada e num tinha pra quem vendê ía no porto de canoa e vendia barato se a rapadura tivesse o preço naquela época que tem **hodje** nó| ficava Rico... e aqui no sã gonçalo tinha vovô manelito tio dengo **Jo dzosé** de morae| lá pra cima lá dotro lado tinha lutino **Jo** verissimo lui| gonzaga **dzoaquim** pae| un| oito agora não tem nenhum nem por brincadera ... cabô memo ... essa finada tereza era craque prá fazê Rapadura ela que dava o ponto que batia o **tafjo** ela e antonho lope| ele e aurélio era moedô e punha até na hora de batê de ir pra forma tinha dois **tafjo** um de doze lata e outro de desesse| parece fazia oitenta cem rapadura todo dia... aqui era tudo pobre a família ma| bem que tinha aqui era meu avô **Jo** ademá pai de comadre sirvia lá em **batfo** compadre **dzosé** e pra cima era **Jo ner|Jo** o **Re|to** era tudo pobre... ele era gordo demá| a **tfarrete** dele era penso assim do lado que ele sentava... era muito serviço por isso que ninguém era gordo... notro tempo como que nó| pegava peso era lavano Ropa no Rio panhá lenha no mato socá tudo a| coisa que ocê ía comê ... aqui passava aquela| **lantfa** que passava subino o Rio era o| guaicuru nhambiquara que vinha com boi lá de corumbá desse mundo trazia prá vendê... aqui no porto fazia um degrau com **entfada** ma| quando Rumava **tfuva** tinha que coRê pra panha água porque depo| que **tfovia** ninguém num descia má| ... naquele tempo que tava Ruim de **petje** nó| tarrafeava de noite tinha o **tar** de encontro uã tuma prá la e outro pra cá taRafeava da boca da noite até meia noite pra pegá curimbatá pra leva no porto perdia a noite intero... **di|que** quando viro avião a primera ve| pensaro que era o fim do mundo ...e pra **i|cutá** Radio também nó| ía lá no **Jo** ademá e lá no manelito ninguém num tinha aí saía aquele bandareco pra escutá Radio **i|cutá dzogo**... tinha **fel|ta** aqui no dona dita de santo antonho aquela bailão criança agora ninguém nem num liga pra dançá tem demá| de baile nesse tempo não era só **fel|ta** de ano aí quando **tfegava** no tempo da **fel|ta** e tinha de dona tita dotro lado e aqui de sã pedro de nãhá que era bem aí então a todo mndo tinha que fazê Ropa novo e comprá sapato novo memo que num tinha ma| a:: **fel|ta** do ano tinha que tá com Ropa novo... mandava fazê no **arfaiate**... ma| essa **fel|ta** aqui de dona dita é ma| antiga do que essa **fel|ta** de sã gonçalo de agora nó| era tudo criança e vinha um povão **pessoar** do **ter|jero** que travessava e vinha pra cá na **fel|ta** de santo antonho esse tempo num tinha nem lu| era um impalizado enorme de grande e o **condzunto** só bão que tocava né? um dia quando acabô a **fel|ta** o zenio pediu pra linor leva ele no porto de canoa levo ele e aí ele falo a vou subi ali pra trocá o dinheiro e num **vorto** má|... aqui de primero ninguém num tinha **tfarrete** depô| que compraro eu que tinha primero e a tuma falava vete tá bem metido tá de **tfarrete** ... nem num **ojava** de lado... nó| saia pra todo **fel|ta** mamái que saia com nó| quando o **condzunto** guarani tocava por lá era novena todo

sábado que nóŕ ía então papai levava nóŕ lá no **coŕŕipó** pra **iŕperá** passá o **condzunto** guarani no caminhão aí nóŕ ía co' eleŕ...

Informante 13

O informante 13 pertencente à primeira faixa etária, tem 70 anos e estudou até a 4ª série. Ele tem quatro filhos, é viúvo e nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade e reside em uma casa no final do bairro, onde há várias peixarias e dançou no primeiro grupo de cururu e siriri da comunidade. Mora com um filho casado, é agricultor e pescador aposentado.

13)... quando nóŕ era criança tinha que desce no Rio pra panhá água pra pôr no pote pra assenta pra bebe água podia tá **sudzo** com **ciŕco** nóŕ panhava e cuava pra bebe nóŕ fomo criado com essa água do Rio e todo mundo era sadio num tinha doença quase né? agora mudô a maior parte nóŕ fomo criado com papai com **peŕcaria** e ía no porto e vendia o **petŕe** aí nóŕ tinha que ir **dzunto** com ele de canoa porque a **iŕtrada** aqui era aquele de engana bode era só de a pé e cada direito de uã pessoa assim tinha uã cerquinha prá passá pro vão tinha um **coŕŕete** pra passa ... máŕ a vivência nosso aqui foi bunitu e bem **trabajosa** porque nóŕ tinha que ir pra Roça nóŕ **prantava** melão melancia tinha um canaviá lá no campo tinha que travessá o corgo pra vim pra cá nóŕ **prantava** prá lá do corgo aí de madrugada nóŕ vinha pra por na canoa pra ir pro porto tinha veŕ tava **ŕfoveno** nóŕ tinha que ir com papai nóŕ ía não era bermuda era **carŕão** ía assim pra **ŕfegá** em **batŕo** da ponte e trocava de ropa pra **ŕfegá** no porto pra subi o **petŕe** ou lenha tinha o **dzangadô** que caRegava o **petŕe** pro mercado e pra vendê na Rua era de caRinho de mão num tinha **ŕfaRete** num tinha nada e o **petŕe** que máŕ vendia era o curimba e agora o povo **diŕque** num come porque o pacu pintado dorado aí veŕ tava **dificir** prá pegá aí nóŕ ía até no Rio acima taRafeá subia de tarde passava lá na guarita nóŕ era unŕ quatro cinco de canoa e lá pra desce na descida assim é um caidô d'água que se ocê fosse e perdia o **canár** ía um atráŕ dotro num podia saí de tráŕ senão ocê caia na pedra nóŕ comprava quebra torto no zé ceba pra nóŕ leva pra comê lá aí quando nóŕ vinha era pra pagá a **diŕpesa** lá quando nóŕ viesse com o **petŕe** aí quando nóŕ num pegava passava e nem **iŕpiava** pro zé ceba... nóŕ ía pra todo lugá de canoa na **feŕta** no engordadô de **bicicreta** nóŕ largava no mato prá **ŕfegá** de a pé... uã veŕ fomo eu e vete no baile no baRerinho engarupado e a **iŕtrada** de santo antonho ainda era de **ŕjom** e pra ir no baRerinho era areia maŕ nóŕ ía...quando não tinha o **petŕe** papai comprava **taja** de dona **dzoana** cerâmica pra vendê aquelaŕ **taja** gra::nde pintada e lá no porto comprava tudinho tinha um **tar** de **ŕŕico** paulo que vinha do barão aí **ŕfegava** aqui ele comprava aí **taja** também pra desce pra lá e vendê... era só aqui que fazia essa cerâmica era maŕ biuína dona **dzoana** dona nail e minha madrinha maria o **Reŕto** foi aprendeno depôŕ com eleŕ aí adair fazia aqui nóŕ **bardeava** pra queimá lá no biuína caRegava todo esseŕ pote na mão desseŕ grandão aí veŕ ocê punha pra queima num queimava direito tinha que **vorta** otro dia pra por otra veŕ tinha veŕ Rebentava porque quebrava conforme o fogo que punha se põe muito fogo queimava se põe poco ficava preto tinha que sabe aí depôŕ eu com adail aprendemo queimá aqui nóŕ punha o fogo ali práŕ oito hora no forno quatro hora da tarde nóŕ **feŕfa** o forno aí pra cima a tuma **feŕfa** de

noite o forno nóſ nunca **fetfemo** forno de noite aqui em casa e queima iguázinho é só num **fartá** com fogo... ocê sabe que tá bão na hora que tá **vermejo** aí no **džora** tem dia vai noite intero ... tem que sabê queimá... agora ocê pograma a hora que tá **bão** deliga é elétrico... depóſ nóſ levava tamém na casa do artesão entregava e depóſ que vendia aſ peça por mēſ que ocê ía pegá o dinheiro aí sempre nóſ fazia a peça máſ por **batſo** que doſ otro pra vendê violento né? que se põe caro num vende o barato vende máſ... nóſ ía pegá o baRo lá na baRanquera nóſ saía daqui com a canoa pegava baRo lá dotro lado do Rio lá em **batſo** nóſ panhava a baRo punha no baRanco e subia pedaço em pedaço aqui em cima um dia caiu um baRanco no buque quebro perna dele... é lá era **difícir**... antel era só esse agora queima com baRo de **quarqué** parte com esse baRo nosso daqui memo e queima bem maſ o de lá era **eſpeciár** memo era branco tinha a veia dele procê tirá tinha uã parte em cima era **miſturado** com areia **embatſo** era baRo no meio que era o baRo de pote aí tinha o tauá que nóſ **diſcubrimo** pra lá onde é dom **boſco** que tinha uã lagoa nóſ ía panhá lá o tauá é o baRo que passa na cerâmica pra lisá né? nóſ ía de canoa tinha que trazer na lata de querosene porque ele era pedacinho pequeno num sai tóra e é **difícir** esse tauá pra pegá nóſ ía de tuma rancá lá naquele pirizá atráſ de casa de **džão** tatu porque só de um num Rancava tinha que se **baſtante** pra cavucá tira e **mujerada** caRegava no caRinho tinha que passa por **batſo** do arame aí trazia no caRinho de mão memo... maſ foi **bão** nóſ criamo tudo essaſ criança só com **peſca** e Roça e num saiu ninguém do Rumo né? ninguém seguiu torto tudo certo ... antigamente no poço do vidão aparecia troço no nardim também troço sumiu no nardim e aparecia no sumidô... aí tinha unſ cavalo que coRia lá na praia de dona luize aí eu com papai ía subino de noite pro porto nóſ **eſcutava** cavalo coReno naquele praião a hora que nó viemo do porto paramo lá pra lá o Raſto do cavalo não tinha neũm... maſ nóſ num via nada só **eſcutava**... vê eu **džá** vi aſ coisa nesse Rio aí em frente da draga um dia eu tava **peſcano** parado dotro lado e a draga tava bem aí **ója** saiu um tufo d'água pra cima **džogo** a água lá em cima e desceu assim aí começo a Roda aquele **ciſco tſeio** de lodo parece um mato podre que tava por **batſo** que saiu maſ eu **atſo** que esse dia de tanto a draga **puſſa** fico acumulado esse **ciſco** aí ferveu lá em **batſo** e **iſprudiu** pra cima esse dia se tem uã canoa por perto ía subi com esse tufo ... **diſque** é gál que fica no fundo d'água... antigamente nóſ tinha a praia que nóſ tomava banho divertimento era praia tinha uã aqui no porto de casa outra lá pra cima na pedrera e ficava lotado de **džente** nóſ travessava pra **džoga** bola lá no campo dotro lado água dava na cintura nóſ travessava o Rio... depôſ que essa draga começo **puſſá** cabô a nossa praia... tinha um **saranzár** bem no meio que nóſ pulava ele pra **peſcá džurupensem** no Rio **tſeio** né nóſ travessava e pegava **džurupensem** aúfa agora aqui em casa procê desce no Rio sai da bera da água **džá** tá no fundão... cabo aquele tempo que nóſ tinha divertido... **ója** aqui se num fosse aquela baRage não tinha máſ só que depóſ que feſ o manso o Rio num **entſeu** máſ... **entſente** antigamente nóſ num mudava enquanto a água num **tſegasse** aqui na porta papai punha um pedaço de tábua na porta baReava com baRo pra água num pulá pra dentro da casa pra nóſ fica lá dentro num saía enquanto num invadia nóſ num tinha medo o que era pirigoso era o Rio **coſſipó entſia** de uã hora pra outro em duaſ hora ele **entſia** metro de **artura** nóſ entrava com canoa dentro da casa pra saí com móviſ nóſ mudava daqui pra ir lá na pedrera de canoa Remano nesse correntão saia lá em frente da casa de dona nail tinha uã bacaiuvera grande lá tuma maRava cabo da canoa nele né? maRava **džau** nele lá nóſ mudamo uã veſ no **ſo nerſo** uã veſ lá na usina e outra veſ na **iſcola** da **tſacra** doſ pinheiro fiquemo lá aquela tuma a o pessoá trazia mantimento pra nóſ que tudo era da bera do Rio ninguém num tinha nada nóſ tinha uã Roça lá no parque cuiabá nóſ ía de **tſarrete** trazia virdura todaſ aſ coisa... outra veſ mudamo naquela casa vélho que fala que é assombrado nóſ durmimo máſ de trêſ mēſ lá e num vimo nada... lá era baReado aí tivemo que fazê **mutſirum** prá levantá a parede... num é pra toda pessoa que parece aſ coisa

porque nessa casa memo **di|que** tinha um enteRo tinha que sê pra pessoa que ele quisesse dá e a pessoa num tinha **coradje** de ir lá Rancá do| que tentó tirá lá saiu coRido uã ve| foi **ana|tácio** tento tirá ma| num conseguiu aí um que foi lá **di|que** foi com tratô cavucô e **atfô** o trem lá no fundo ma| dentro do| **catfote** era só panela **véjo** e **carderão véjo** num tinha oro nenhm não era pra ele né?... em frente da casa de camila tinha um enteRo até um parente meu tento tirá lá tamém cavucô ma| num **atfô**...

Informante 14

O informante 14 pertencente à primeira faixa etária, tem 68 anos e concluiu a 4ª série. Ele tem dois filhos, é casado. Nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade e reside em uma casa no início do bairro, onde há várias peixarias. Ele também dançou no primeiro grupo de cururu e siriri da comunidade. Mora com sua esposa, é agricultor e pescador aposentado.

14) ...nó| **de|de** se| sete ano **djá** começava **trabajá** cada serviço má| **brabo** do que otro só serviço de **prantá** limpá e ante| o **principár** serviço que a| pessoa era capinero corta capim cortava o capim pra leva no porto prá vende pro **pessoár** lá naquele tempo era caRoça aí vinha caRoçero de toda parte aí **djá** levava o capim e otro| que ía **adjunto djá** levava o **petfe** pra vendê no mercado do porto onde é o museu do Rio **hodje** é o memo lugá ma| naquele tempo era **difícir** demá| né? o| cara que comprava a maioria num tinha nem **tfáRete** era só esse caRinho de mão e a Roda dele era feito de madeira... lá no porto era tudo **car|ado** num tinha uã Rua com **asfarto** era paralepipi... **incrusive** eu **assi|ti** uã **Reportadje** que passou do| cara tirano areia no Rio dentro d'água com pá pra por na canoa com aquele| batelão grandão de índio feito aí pro nortão aí trazia **tfegava** aí pra tirá areia...eu vi isso lá no porto também ...quando meu pai num levava capim no porto minha mãe fazia cerâmica **taja** pote aí fazia e queimava naquele forno de baRo aí **entfia** a canoa e levava no porto pro| compradô tinha um homem que **tfamava** olirio faria que comprava quase tudo essa| cerâmica daqui... o capim era pro| cara que tinha caRoça caRocero que falava cavalo buRo pra dá de comê ele|... naquele tempo a cidade aqui tinha **dgente** que ía pelo Rio empuRano batelão e otro| que tinha caRoça ía falava caRoceRo... meu pai ía e começava a reparti capim **de|de** o começo da cidade fernando coRea nesse tempo todo aquele| médico quem podia má| um pouco tinha boi e cavalo na casa dele| que ía e todo lugá ele entregava um pouco a **úrtime** **viadje** dele ele saía aqui de casa nove hora| da manhã que caRegava ele Rodeava e quando era má| ou meno| uã hora da tarde ele descia lá no porto e aqui o **pessoár** levava um batelão grande de capim **tfegava** lá ele **entfia** a caRoça e saía Repartino de novo **úrtime** entrega dele um **fetfão** grande de| quinze un| trinta quilo era lá no quarenta e quatro nesse tempo era desesse| bc o **quarté** no **el|corecê** de lá pra cidade intera de caRoça ele vinha embora base dele **tfegá** aqui em casa era nove hora| da noite aí ía tratá do| buRo da caRoça dá de comê e **il|pera** ele come aí pra tira o emborná e por ele no **palto** aí que ele vinha embora uma| de| hora da noite todo dia só domingo que num Repartia capim e o primero serviço nosso foi aprendê corta capim ... aí fomo crescono e **adjudano** a| ermandade tudo **pelcano** que nesse tempo era liberado

taRafeá e tinha muito **petfe** vendia maí era muito barato e tinha que leva daqui no porto... oí pintado que pegava tinha que abri ele a banda porque num vendia pintado intero era só a banda o **petfe** naquele tempo era muito ... aí fomo crescendo e começamo a pega muito **petfe tsegava** na seca dava aqueleí cardumão de pacu que era oí Redero de **aRaítão** era doí Redero era aquelaí Rede de cento e vinte cento e quarenta metro Rodeava o Rio intero e cercava aquele cardumão de **petfe** na época da seca abril maio e **dzunho** eleí ficava acampado na bera do Rio com máí **dzente** deí doze cara pra **putjá** a Rede **atfo** que num teve **dzeito** de **firmá** ou **argum** que tem uã foto desse tempo... tinha tanto **petfe** que um domingo desse **dzá** faí tempo uní cinquenta e cinco anoí por aí nóí **dzogava** bola que **deíte** lado não tinha campo aí todo domingo assim meio dia nóí travessava oí homem e aí moça que torcia proí time e um Redero desse tinha dado uma Redada ele cerco o cardume de pacu assim e **putfô** e era tudo só praia só areia na seca a tuma **dzogava** bola coRia de cavalo aí nóí falava **iípia** aí eleí tinha dado a Redada pra **batfo** e pra cima e nóí travessemos **ója** tinha tanto pacu que tava **mojano** nóí na canoa de tanto **petfe** eu nunca vi pacu como aquele dia nasci e criei aqui... eleí tinha um **dzacá** tão grande pra pegá quantia memo ficava na bera da onde eleí ficava acampado era de taquara amarela e cabia quatro pessoa dentro quando entrava pra matá o **petfe** de tão grande... esse dia eleí **entferam** quatro **dzacá** de **petfe** num tinha máí onde pôr eleí **iítaquiaram** a Rede aí na bera da praia o **cofipó** coRia bem aqui assim não tinha mudado ainda eleí cortaro pau no matu **embauvera** fizeram ponta nela e **iítaquearam** e prendeu o **petfe** assim de Roda e **petfe** boiano memo que não tivesse tirado nada ... aí nóí fomo pro outro lado no eícorecê nóí passemos pro lá e oí Redero é tudo conhecido da **dzente** **quarqué** um que quisesse era só **tsegá** e **adzuda** **putfa** a Rede ocê tirava doí trêí quatro pacu quanto ocê queria era **petfe** demáí...

Informante 15

O informante 15 pertencente à primeira faixa etária, tem 57 anos e estudou até a 8ª série. Ele tem dois filhos, é casado. Nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade. Reside em uma casa no início do bairro, onde há várias peixarias. Mora com sua esposa e um filho solteiro, é pescador aposentado.

15) ... então antigamente a **iítrada** num tinha... e era oí doí lado do são gonçalo aqui e lá naí pedra só travessa o Rio essa usina **tjama** usina são gonçalo quem sabe tudo é dona **durce** ela sabe tudu **deíte** lado ela que **diívendô** o nome do baiRo de **caRapiífo** que era porque tinha uã fazendinha aqui que **tjamava** fazenda **caRapiífo**... bem na **iítrada** ali ocê num passô nuã casinha **véja** assim do lado direito? era ali a fazendinha da dona luíza aí **trabajô dzedzé ucridão** nonô titinho tudu **trabajô** com essa **mujé** aí na roça cortava capim pra dá pra gado é Roçava **paíto**... piti é Ruim pra guardá aí coisa... aquela **mujé** que vai **adzudá** ocê fica tranquilo... oí doí lado é são gonçalo num adianta querê inventá... um amigo meu que **metfe** com são me falô que comprô aqui duã **mujé**... papai contava que essa usina era grande demáí até no aeroporto era **canaviár** dessa usina... aí ele me falô que no **papér** do teReino dele lá perto do parque do lago do aeroporto é **iícrito** usina

de são gonçalo... era teReino da usina na **i|critura** com esse nome por isso que fala que **de|te** lado também é são gonçalo... eu **de|te** lado tem vinte e cinco ano| que casei má| do lado de lá dezoito eu lembro bem que da **i|trada** que passava na frente di casa da casa de **|o ner|o** e discia Rodeava por lá e tinha um manguerázom um areom pra travessá nesse tempo tudu mundo era lamparina e vela... quando titio **seba|tão** moReu que foi a lu| pra lá ele que foi lá pidi a lu|... ele morava pertinho de mamãe ali no **dzairo** tudu nó| era **sortero** era guri... aí ele pedia pra roberto frança falo pra ele eu quero que ocê promete pra mim que ante| deu moRe ocê consegue **putfá** uã lu| aqui pra nó|...era **difícir**... aí até que ele **putfô**... porque o baiRo era pequeno num tinha nada era sítio só matu... o ônibu| era assim o ponto **finár** era ali na entrada do santo antonho dali ocê pegava o onibu| e **sartava** na sede do operário no **finá** da **vadz**a grandí era esse linhão o Retão... dum tempo pra cá como que cresceu... aí nó| **prantava** a| viradura e **pe|cava** nó| taRafeava de noite... sofrimento... nó| dicia lá no engordadô pra subi taRafeano... **hodje** é esse **colta** verde na baRanquera e subia Remano até no porto prá vende o **petje**... até que compramo uã **tf**aRete aí que forgo nó| ma| depôs compro o cavalo aí no| tinha do| cavalo... na época de viradura de vete de melom caipira nó| ía quatro cinco **tf**aRete na Rua daqui na fera do porto lá no dutrinha era sábadô de manhozinho... até na boca de melom lá uã hora passava um caRo... e **dzá detfava** lá no dona nail...pois é antigamente ôi nosso hábito lá no são gonçalo era onze hora| desce pro Rio pra toma banho ninguém tinha banhero fazia pricisão no matu olha tudu mundu lá em casa ieu compadre tico lico nó| pegava o| cavalo e descia no Rio **tf**egava lá na pedrera água limpo num tinha essa| cohab pra **sudz**a a água num tinha **sudzera** puluição ocê entrava n'água tomava banho dava banho no cavalo aí tudu mundo subia de tarde a mema coisa tudu dia era esse daí memo com **tf**uva ía no matu... fala procê... Rádio não tinha o primero que comprô foi **|o** ademá aí **|o ne|tô** compro era marca *semp* aí tia **dz**oana lá em casa num tinha era sete oito hora tava tudu mundo durmino nó| sofria com **mo|quito**... papai contava que **e|curicia** ele descia pro Rio prá pega un| curimbatá subia pra mamãe cuzinhá pra nó| comê nó| era pobre demá|... falava **sirvino** a| criança tão tudu durmino papai falava acorda prá aprendê comê na hora que deu| dá... tinha **ba|tante** desse| curimbina... tinha o| cardume antigamente o **petje** criava no **pantanár** aí tinha certo a lua que ele| saía lá pro barão a **petfada** saía no Rio e subia má| era semana saino **petje** e subino aí virava o cardume porque era muito **petje** aí a tuma via boiá e **dzá** avisava **lo::ndje** assim á passô um cardume em **tar** lugá assim e num tinha esse atropelo e vinha vino a notícia a tuma co| Rederão parada né? pegava má| de **mir petje** porque tinha demá| vinha tudu **dzunto** pacu pintado piau procê te uã ideia eu era guri a tuma fazia gordura de **petje** pra fazê **grátfa**... e barbado curimbatá esse| daí num vindia ficava cuzinhano o dia intero e tirava a gordura e depô| colocava de novo no fogo pra apurá a tuma cozinhava com gordura de lambari porque ela era tão fina... a:: má| é bunitu uã lufada de lambari a tuma saía a noite com uã lamparina no bico e batia na canoa assim e ele| **assu|ta** com a **craridade** e pula ocê vai daqui ali assim a canoa **dzá** tá meado de lambari... ma| agora mudô não **detfa** mas o **petje** cria e subi e fizeram a **tran|pantanera** a é **turi|mo** não **a|fartô** má| Rumaro um poco da| ponte ela tem que dá a vazante né porque a| ponte é tudu **batfo** porque lá é uã Rigião **batfa** a água passa em cima tudu ano é assim...

Informante 16

O informante 16 pertencente à segunda faixa etária, tem 40 anos e estudou até a 8ª série. Ele é solteiro, nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade. Reside em uma casa no final do bairro, onde há várias peixarias. Mora sozinho e é cozinheiro em uma peixaria da família na comunidade.

16) ... ieu tava **bidziano** prá finado antonho lope] e curí que punha Rede né? aí fiquei ali na bera do baRanco na hora que eu vi o **fi]car** só por teRa e num vi por água e eu gritei “a Ra::ça” e mandei de caRera e mandei memo de caRera entrei naquele portão de dona preta aí o **fi]cá** foi atrá] di mim e ele **djá** tava preparano pra atirá dona preta co dominga] que grito co ele] num atira ele é demente ele é doente da cabeça pelo amor de deu] num atira ele ele é loco da cabeça luquinho aí o] pulicia falaru “ele é loco ma] sabe dá **sinár** pra **fi]cá** né?” eu saí coReno quase **ra]guei** o arame no peito passei coReno por **batfo** da cerca varei no buraco nem aRanho minha] **co]ta** e num cortei nada de tanto apuro que eu passei ... vai lá panhá um café pra mim **djá** cabá de conta essa] **hi]tória**... e outro era do passarinho era pra ele dá trê] **assubio** aí ele fico **abatfadinho** no mato aí o **fi]car** veio pro baRanco e por teRa por Rio aí **di]que** quando ele foi avisá no primero **assobio** foi fifiu quando foi no segundo o **fi]car** deu uma coronhada nele e ele fe] fiu... **djitúlio** ele coReu lá pra horta né do **fi]car** aí vete **atfo** que leandro com wanderlei tinha ido cedo pra fazê a cova porque **djitulio** tem o pezinho assim foi fazeno a cova demá] de pequeno...

Informante 17

O informante 17 pertencente à primeira faixa etária, tem 45 anos e estudou até a 8ª série. Ele tem um filho, é solteiro, é pescador e nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade e reside em uma casa no início do bairro, onde há várias peixarias.

17)... essa] **hi]tória di]que** antigamente muita gente via ma] era assim raridade né? tem pe]cadô que fala que o minhocão até pirsiguia ele aí no rio onde **djá** se viu um trem desse...**badzi** que conta **di]que** ele ficava sentado de frente de casa dele no porto dele memo e via o minhocão passano no rio...olha mato pra mim foi feito pra bicho esquece de mim com luta de mora no matu deus me livre matu eu já moro nele é daqui pro centro ... tem gente que sente prazer de vive no matu ave... orlando é fazedô de **currár** de cerca outro que tem un] de] anos que tá trabalhano no matu uns cem quilômetro] pra frente do mutum prá esse oco de matu... a mulher dele trabalhava aqui catorze ano] de empregada doméstica ela abandonô o sirviço pra ir morar com ele prá lá... lá tem lugar que não tem lu] e tá só água agora se dá uma dor de dente no cê lá ocê morre... em mimoso não tem

médico nem **ho|pital** nada até ocê chega em santo antônio... aqui tem um monte de **hi|tória...** de assombração teve um que eu vi esse daí eu vi memo eu namorava franci| uma menina que trabalhava na casa de zelito e eu vim de lá prá cá já era mai| de meia noite tinha feito essa **i|trada** há pouco tempo ocê puvu falar que essa rua daqui travessava por aqui direto na entrada do são gonçalo num tinha essa **vorta** aí no começo ela saía lá em cima naquela chacinha gramado lá aí depoi| que neco comprô e desviô aqui e perto da casa **vejo** era só **ca|calho** eu sempre andei sozinho num tenho hora num tenho medo de a pé... a lua tava **craro** demá|... porque todú mundu fala que é assombrado ocê **dzá** vem **pre|tano** atenção nela e **dzá** vem co medo eu vi um cara com um **t|apeusão** branco de terno tudu branco sapato branco eu vi ele daqui aí nesse trem vino pro meu lado prá **t|egá** na rua e eu passano só que eu fui passano e olhano e quando eu passei por ele un| de| metro ele parô no meio da rua com a mão na cintura e eu tinha que passá eu tive que **su|pende** mña cabeça prá vê a cara dele carculei que tinha un| cinco metro ... falei não **exi|te** isso aí na hora meu cabelo deu uma arripiada assim ma| eu não corri não vim andano e olhano ele ma| ocê vê que num é **dgente**... o troço era imenso...ele fico lá parado no meio da **i|trada**... aí nessa casa **vejo** memo di|que tinha um enterro esse uto daí tento cavucá e teve outra| pessoa também tento cavucá e só **at|faro** ferradura de cavalo prego tudo **vejo** ... quando não é prá vc **di|que tran|forma** ... o pessoal fala que **at|fa** que tiraro daí o enterro ... lá dentro ocê entra tem doi| pausão assim cumprido a tuma fala que ali que era o enterro... só de entrá lá seu corpo **dzá** arripia é um lugá **e|tranho** eu entrei lá quando **lo riginardo** morava lá dua| ve| nunca má|...ele moro lá depô| que **seba|tião** deu p ele morá... ele **di|que** ouvia barulho de noite parecia que caía a| coisa pro **t|ão**... ma| ele num tinha medo precisava mora lá né?

Informante 18

O informante 18 pertencente à primeira faixa etária, tem 30 anos e estudou até a 8ª série. Ele é solteiro, peão, nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade e reside em uma casa no início do bairro, onde há várias peixarias.

18) ...a:: eu **dzá** andei **ba|tante me|fia** com gado pro pantanal com papai boiadeiro... aí no mimoso tinha um cara que matava por graça matava e não era capa| da policia pegá ele **di|que** ele podia tá sentado assim a policia passava ele nem **di|que** ele virava outra coisa não era ele que a policia via era outra coisa e era ele memo que tava sentado ele não largava duma carabina andava pra tudo lugá que ele ia era com essa carabina a pessoa que ele num **go|tava** dele ele falava “há vo mata aquele cara ali” e **t|ego** aquele finado antonho **dzoão** que moro aí na| pedra ele| até são parece parente de vovó nair **di|que** lá era um **bolit|fero** di|que o **bolit|fero** falo pra ele **t|amava tad|giba** o cara que matava o rapa| tinha negocio de **fe|ta** ele fazia **fe|ta** de santo antonho então **empre|tava vasija** de fazê doce como todo mundo fa| de **fe|ta** né? um empre|ta **vasija** dotro ele ía **empre|ta tat|fo** aquele| panelão **di|que** ele vinha com um **tat|fo** na cabeça muntado e o **tad|giba** na porta

do **bolitfe** a **i|trada** passava ssim ele viu ele vim vino **craro** que era o nome do cara que fazia a **fel|ta** aí **di|que** ele falo pro **bolitfero** ocê que que vê trupé daquele **tatfo** no **tfão**? ele falo o que que ocê vai fazê? eu vo atirá nele só pro ocê ve o trupé por que que oce vai **metfe** com homem que num tá **metfeno** com ocê? não ma| ele **percisa** moRe hum viro o cano da **i|pingarda** pá de lá caiu o **tatfo** co homem co tudo morreu... (e saiu andando...) há:: **di|que** num tinha **dzeito**... morreu doente aqui no barranco **arto di|que** era uma praga esse **tar** do **tadziba** morreu de doença lutaro pra mata ele num foru capa|... aquela| pessoa **brabo** de antigamente **dzá** tá comodado agora quase tudo **dzá** morreu e lá era perigoso... **di|que** teve um dia lá **tfego** um rapa| lá tava com a **mujé** dele a **mujé** bonita **tfego** esse cara **graloso** foi falo assim “eu vo tirá a **mujé** daquele **rapa|** prá dançá” aí **di|que** outro falo “ocê tá **be|tiano** rapa|? **metfe** co **mujé** casada ele tá com marido” esse **varte** tava lá viu tudu foi lá e falo pa **mujé** e o rapa| o marido da **mujé** ranco o **revórve** pra fora mato ele na mema hora... aí a tuma falo que esse cara não era nem pra ir preso... depof| o **varte** falo que nem num prendero ele a policia falo que não ía preso não ele fel| o que deve né? como que o cara vai odaciá com a **mujé** dos otro há:: ... as **fel|ta** pra lá é grande **bão** demá| a tuma tão loco pra me leva pra lá mas eu num to fazeno **quel|tão** dia vinte tem **fel|ta** lá de **dzanero** é são **seba|tião**... lá no mutum eu **dzá** foi muito na **fel|ta** no mimoso eu conheço assim seguido eu ía lá tirá gado lá tinha **bal|tante** cara que também é boiadeiro sempre saia com a **dzente dzá** vi demá| uma **por|ção** de onça ocê **dzá** viu ele? a onça é pirigoso no lugá **sudzo**... esse| dia aconteceu um caso aí pra **batfo** mas tem **dzente** que é burro no mundo o homem com um filho o guri parece que tava de doze treze ano o homem **dzá** foi morado daí do rio **abatfo** conhece o lugá aí ocê passo dali da praia grande pra **batfo** eu sempre falava pra tuma **nego|lo** de **pe|cá** a| tanta da noite sem uma lanterna pra sai no seco pra marrá cabo é um perigo onça é traiçuro ele anda ocê num vê rumô iguázinho um gato que vê ocê repara um gato... então o home **di|que** levo o guri de cumpanhero o guri qui| ir com pai e lá num largo que sempre pararu pra **pe|cá** tinha um barraco de palha lá ele **di|que deffo** o guri e falo pra ele - eu vo desce vo **pe|cá** ali em **batfo** agora memo eu venho - hum:: ele demoro lá quando **tfego** a onça **dzá** tinha passado tava cabano de come o guri... aí pra **batfo** tem demá|... eu **dzá** foi vária| ve| numa fazenda no barão de **mergaço** mundão do pantanal aí fomo buscá um gado lá aí lá o fazendeiro falo “o gado num tá preso oces vão no campu com essa rapaziada daqui pra apartá o gado pra traze” foi eu e um **tar** de nico moro ali dotro lado na usina aí os rapa| que era de lá da fazenda falo “**ója** oce| do| fica aqui e nós **bamo** saí prá tocá o gado pra cá e::sse oce| fica de **ojo** aí porque aqui tem muita onça o nico falo “tem memo eu num vo desapea do cavalo” e ele| saíru e tinha um **catforrão** digramado pra onça aí num demoro eu **i|cutei** latido do **catforro** dava um latido e parava e eu via trupé no **tfão** eu muntei no cavalo poi| a onça passou assim e o **catforro** passo atrá| falei “oce tava certinho nico né? ma| sorte que a onça passo assim co cachorro atrá| dela e **atfo** que nem num viu nós ma| se ele vesse era só de carrera... eu **dzá** tava muntado memo... aqui onte teve um **dzermano** tá doe::nte amigo de papai do **dzeito** que eu vi ele duvidá num vai durá dia não... eu falei **dzermano** oce tá doente? ele falo to muito doente... ma| to aqui passeáno e contô um monte de **hi|tória** e ele uma vez **di|que** foru campia com irmão dum amigo dele o má| criança foi tamém com a tuma dia de domingo **di|que** num tinha o que fazê **dzunta** aquela tuma de rapaziada pra ir caçá tirá coro de manta de capivara de **bi|fo** que vende o coro e esse porco do matu caititu e aproveita a carne e o irmão do home **di|que** tava com dezesse| ano parece **dzá** era má| de de| hora quase onze hora e tava meio **londze** e tinha matado um caititu aí encontraru era un| se| ou oito parece aí um falo “que sabe de uma coisa eu num vo má| caça bão bora? aí esse um falo “há se oce| quise ir oce| vai eu num vo eu vo entra nesse mato aqui tem caça” e ficou sozinho lá aí **di|que** esperaru ele nada quando foi no **e|corecê** bateru atrá|

pra ve se ele tava perdido né? hum **atfaro** só a ossada dele que a onça tinha comido bem perto do lugá que pararo a onça tava ali pertinho memo do rapa[...

Informante 19

O informante 19 pertencente à primeira faixa etária, tem 28 anos e possui o ensino médio completo. Ele tem um filho, é solteiro, é vigilante e nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade e reside em uma casa na parte central do bairro, onde há várias peixarias.

19) ... a minha infância no são gonçalo foi muito boa porque a gentfi tfinha muita convivência com os primos né e toda a minha família do lado do meu pai é de lá aí geralmentfi nos finais de semana quando não tfinha aula não tfinha nada prá fazê a gentfi ía prá lá nós tfinha muita amizade brincava jogava bola soltava pipa brincava muito no campo de bola que sempre teve lá era muito dziverfido ... a:: mas na minha época a gentfi já não tfinha muito costume de pescá no rio a puluição já tava demais se não me engano só uma ou duas vez eu fui **pefcá** com meu pai e assim a gentfi não tfinha muito costume não já não era tão abundanfi tamém como eles falavam antes né? já não tfinha tanto peixe nessa época... que eu lembro ... mas no são gonçalo nós aprontava um monte de coisa... **felta** de são gonçalo a:: eu sempre fui toda vida **de/de** pequeno tanto por meu pai ser de lá como eu tamém nasci e criei lá praticamente então **de/de** que eu me conheço por gentfi eu tô lá na **felta** de são gonçalo... e o cururu e siriri sempre teve também e pra mim é uma das **tradzição** mais bonita que tem na dança aqui do estado dzi mato grosso eu assim a meu ver só falta um pouco mais de apoio assim para os grupo dzi siriri e hoje também tem **vário** grupo dzi cururueiros acho que só falta um pouco de apoio mesmo porque a tradição é bonita antfiga muito antfiga que vem passando de geração em geração... antigamente acontecia muita coisa que ninguém sabia o que que era... e os mais velho contava que da pontfi que tinha né? que aparecia naquela ponte antfiga do são gonçalo que muita gentfi tfinha **vi/to** na ponte antiga de madeira... mas eu **graça** a **deu** nunca cheguei de vê meu pai fala também nunca chegou de vê mas assim o que eles falava prá nós é isso aí a gentfi num sabia o que era e nem o pessoal mais antfigo mas eles falam que aparecia muitas coisa lá... mas agora o principal tá sendo o grupo né? o flor ribeirinha eu dancei lá ... a experiência pra mim foi muito boa eu dancei cerca dzi **se** sete **ano** e **de/de** daquela época o grupo já vinha já era um dos melhores do **el/tado** mesmo dzisparado sem estrutura sem coreógrafo sem nada porque o ... quando eu entrei o grupo já era campeão do **fe/tival** dzi siriri aí logo depois no segundo entrou um coreógrafo chamado paulo medzina começô a coreografá o grupo e aí fomos bi e tricampeão... foi muito bom... aí sim já tinha um certo um pessoal que cuidava das ropa o pessoal que cuidava dos figurino dzi tudo as música era ensaiada já tfinha um certo apoio no grupo mas o flor ribeirinha sempre foi o principal grupo no **el/tado** de mato grosso e eu dancei esse tempo aí mesmo viajei para **vário** **lugare** mostrano a cultura a dança pra mim foi muito bom.

Informante 20

O informante 20 pertencente à primeira faixa etária, tem 21 anos e possui ensino médio completo. Ele é solteiro, seminarista e nasceu e reside na comunidade até hoje é de uma das famílias mais antigas e tradicionais da localidade e reside em uma casa no início do bairro, onde há várias peixarias.

20) eu nasci e vivi minha vida intera aqui no são gonçalo **de** lado do rio... e esses dia foi a reporta³ lá daquele lado sabê sobre a culinária e eu nunca vi falá que Júlia fazia esse **pa**tel de peixe... aí ela foi e inventô uma paçoca de pacu aí o home foi era do *sbt* parece o reporte foi com totó bodega e Júlia foi fe³ o peixe tudinho prá pôr no pilão prá socá num sei o que... nessa hora o home filmano passô um gato aí o home falô aí entro um gato aqui a Júlia falô a:: esse gato lama pop em homena³ ao apresentadô ... falei esse gato nem dela num é veio lá da **e**trada e Júlia pra puchá saco já coloco lá... vontadi de puchá o saco... você sabe de otro dia que tava **intrevi**tano lá e tio nhô contô que tava no palco lá no são gonçalo e a câmera tava virado e **di**que olharu baji tava em baixo bateno no palco ei **entrevi**ta eu... eu num guento essa pessoa que vem de fora prá cá e fica falano eu so **pauli**ta tenho do³ ano que eu moro aqui... ma³ gente será que não tem um cuiabano que nasceu aqui e que sabe fazê essa cumida... vem no são gonçalo pega de fora a fora aí quanto³ que tem que sabe fazê que sabe cuzinhá fazê tudu tipo de peixe precisa tá pegano gente que vem de fora? eu falo que eu fico revoltado... um dia mamãe zangô demá³ quando tomate tava caru subiu demá³ o preço aí mamãe **assi**tino tilivisão um home ensinano fazê mujica de pintado aí o home falô e insinô tudinho deu os ingrediente e falo aqui vai colocâ o tomate ma³ pode sê que o pessoal riberinho num tem tomate prá colocâ porque tá caro... há:: mamãe zangô **demá** ... palhaço pode vim olhá aqui minha geladera nunca fiquei sem tomate... falei mamãe vai **i**culhambá o home daqui lá... sem nicissidade... **algun** coloca massa de tomate ma³ antigamente nem **exi**tia por aqui massa de tomate... não ma³ eu falo que da geração de agora prá frente a gente compra tudo e não aprende fazê nada comida o peixe daqui... é até vergonha ocê fala que mora na bera no rio e não sabe fazê nada... e que é cuiabano daqui... hoje eu passei essa vergonha tava na mesa almoçano com os minino e conversa daqui conversa dalí aí o minino falô assim onde você mora é perto do rio né? falei ah meu pai quando o rio tá cheio eu até brinquei **pe**ca lá da sala abre a porta e tá **assi**tino e **pe**cano... é verdade memo?... falei há:: para também não exagera... ele perguntou você tomo muito banho lá no rio? falei gente se eu conta pra **você** é até uma vergonha pra mim eu contá que não sei nadá ... aí o otro que já foi lá em casa cê tá brincano? eu não acredito numa coisa **de**ssa falei pode acriditá... mamãe co papai sempre tiveru muito medo o barranco ali é muito alto eles sempre foram muito medroso assim com essa **que**tão de banho de rio **essa** coisa... papai também nunca foi de levá **nó** pro rio então o pessoal sempre discia **ma** **nó** muito difícil... é aquela coisa quando você tá fora é diferente... a³ pessoa fala e aí você come muito peixe toma muito banho no rio? quando você tá fora de uma realidade você que tá ali ma³ quando você tá ali dentro nem sempre é a me³ma coisa né? eu falo pra ele³ olha parece que ficô assim algo tão comum você fala que mora na bera do rio que lá em casa a³ vez³ é até difícil comê peixe... banho de rio então muito meno³... pra nó³ é natural normal... não tem muito **mi**tério... um dia até briguei com um professor ... ele falô pra mim numa aula na **i**cola e aí tem comido muito curimba? falei olha o sio me **re**peita

família de meu pai tem um monte de pexaria eu como pacu pintado e peraputanga eu nunca coloquei um pedaço de curimba na minha boca... mora na bera do rio e não come curimba eu falei moro na bera do rio não moro dentro... foi só risada ... a tuma lá do seminário que ri de eu contá essa **hi|tória** eu não sô capa| de ficá queto... tem gente que é sem noção... sai com cada conversa fiada... esses povo que vem de fora e ainda fala mau daqui... esse| dia tinha uma mulher ali eu tava **i|cutano** ela tava na casa da frenti e ela falano mau que aqui era feio que não sei o que que tudu era longe que lá onde ela morava que era o lugá aí eu cheguei na casa da mulher pra pegá a chave da igreja e botaro eu na conversa eu só **i|cutano** essa mulher falano ... eu peguei e falei dona aqui tem dua| coisa que eu acho que onde a senhora mora não tem ela falo o que? eu falei aqui tem aeroporto e rodoviária como a sñora chegô a sñora é livre pra voltá... não precisa ficá preso aqui ... ma| ela ficô sem graça... não ... eu falei **de|de** a hora que eu cheguei a sñora tá **e|culhambano** o lugar como se fosse uma obrigação ... a sñora pode ir imbora...

CAPÍTULO 4

DESCRIÇÃO, TABULAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS NO FALAR CUIABANO

O objetivo deste capítulo, é tendo por base as entrevistas apresentadas no capítulo três, descrever e analisar as ocorrências dos usos e das variações das consoantes mais características no falar cuiabano. Serão descritas, tabuladas e analisadas segundo seu uso e variação de acordo com cada informante, e quanto à faixa etária, gênero, por células e nas células entre si. A fim de investigar, a partir desses dados se o falar cuiabano está em um processo de conservação ou inovação.

4.1 As consoantes no falar cuiabano

As consoantes pesquisadas, de uma maneira geral, não apresentam um grande número de disparidades em relação ao português falado em outras regiões brasileiras. Serão descritas, tabuladas e analisadas segundo seu uso e variação de acordo com cada informante e posteriormente quanto à faixa etária, gênero, por células e nas células entre si. Serão feitos gráficos para melhor visualização desses dados e posterior análise e conclusões sobre o estado atual do falar cuiabano na comunidade de São Gonçalo Beira Rio. Os dados preliminares apontam para a manutenção de traços característicos da variedade cuiabana na faixa etária 1, entre os velhos e o apagamento dos traços mais marcantes como, por exemplo o uso das africadas entre os mais jovens.

Serão descritos os fenômenos mais característicos dessa variedade que foram analisados neste trabalho, elencados a seguir:

- a) a variação entre fricativas e africadas [ʃ] e [ʒ] ~ [tʃ] e [dʒ];
- b) a variação entre sibilante e chiente [s] ~ [ʃ] em início de sílaba;

- c) a variação entre sibilante e chiante [s] ~ [ʃ] em travamento de sílaba medial ou final;
- d) a variação entre a lateral e a vibrante alveolares [l] ~ [r] nos grupos consonantais pl, bl, tl, cl, kl, gl fl, vl – o rotacismo;
- e) a variação entre a lateral, semivogal posterior e a retroflexa [l] ~ [w] ~ [ɭ] em posição de travamento de sílaba medial ou final,
- f) a troca de /b/ por /v/;
- g) a iodização [λ] ~ [j].

- **A variação entre fricativas e africadas [ʃ] e [ʒ] ~ [tʃ] e [dʒ]**

Conforme Cristófar (2005, p. 12), os sons [tʃ] e [dʒ] são na verdade alofones de /t/ e /d/, isto é, um alofone pode ser uma ou múltiplas expressões fonéticas de um mesmo fonema. As africadas; /t/ /tʃ/ e /d/ /dʒ/, diante de /i/, apresentam-se no falar cuiabano com articulação predominantemente oclusiva, sem o traço da fricativa final.

Teyssier (1982, p. 25) afirma que o caso das palatais, a africada /tʃ/ escrita ch, também se distinguia da simples /ʃ/ escrita x, ao passo que hoje o [ch] de <chamar> pronuncia-se como o [x] de <deixar>. A essas duas surdas correspondia uma única sonora, que representamos por /(d)ʒ/, ex.: trager; já. Este fonema foi inicialmente a africada /dʒ/ mas perdeu, num determinado momento, o seu elemento oclusivo inicial e passou a /ʒ/. Torna-se difícil saber se tal evolução ocorreu durante o período que estamos estudando ou depois dele.

Santiago-Almeida (2009, p. 139), constata que as realizações dessas africadas como fricativas são mais frequentes na fala dos menos estudados independente até de faixa etária. Já aqueles que possuem maior grau de formação escolar mantêm contato com variantes linguísticas díspares da cuiabana e, principalmente, com menos de 40 anos de idade, em média, somente recorrem a tais fonemas em contextos bem específicos, envolvendo familiares, amigos, colegas ou em manifestações culturais.

Silva Neto (1980, p. 97) afirma que,

[...] estará mesmo correta e poderá ter-se como indubitável a relação entre o /tch/ do Norte de Portugal e o presumido /tch/ regional brasileiro? Poderá realmente dizer-se que tal fonema teve a mesma

duração do [tchê], pois é provável que já estivesse desaparecido no século XV. Para se poder dar a exata interpretação histórica do [tch] e do [dj] é indispensável, segundo nos parece, estabelecer-lhes a área geográfica e respectiva base humana. A área geográfica se estende pelo interior de Mato Grosso, São Paulo e faixa costeira do Paraná, precisamente uma área de colonização paulista. Esse falar é precedido por um longo período de bilinguagem, em que se falava, a par da portuguesa, a língua dos índios”. Saint Hilaire afirma que a maneira pela qual os brasileiros daquelas áreas, citadas acima, emitem o /ch/ português era totalmente índia, não era /tch/ nem mesmo /ts/, mas um som “un som mixte molemente articule”. Silva Neto conclui que “dada a sua peculiar base humana e área geográfica, o /tch/ se constitui o resultado e a continuação de uma pronúncia de aloglotos.

As africadas [tʃ] e [dʒ] são um dos traços mais característicos no falar cuiabano e também, provavelmente, o mais carregado de estigma, por soar como “diferente”. Neste trabalho constatou-se a realização deste traço principalmente na faixa etária 1, entre os mais idosos. Já na faixa etária 2, entre os mais jovens, sua realização possui um índice pequeno em alguns e quase inexistente em outros.

- **A variação entre sibilante e chiante [s] ~ [ʃ] em início de sílaba; entre sibilante e chiante [s] ~ [ʃ] em travamento de sílaba medial ou final**

Segundo Teyssier (1997, p. 54), a pronúncia chiante de /s/ e /z/ implosivos, posição final de sílaba, é normal no português europeu. Trata-se do mesmo fenômeno observado no litoral brasileiro como no Rio de Janeiro, Santos, nordeste e no Pará, possivelmente sendo herança da variante europeia trazida pela família real e cerca de quinze mil portugueses que vieram para o Brasil no início do século XIX.

Esse fato histórico certamente colaborou para a fixação de /s/ e /z/ implosivos na costa brasileira, porém acredita-se na chegada dessas chiantes no Brasil antes da corte e que a presença da realeza não tenha sido a única explicação para que elas ficassem preservadas no português brasileiro, pois as mesmas são produtivas em falares longe da costa, assim como no falar cuiabano. Há, no entanto, duas diferenças entre a pronúncia cuiabana e a do português europeu. A primeira está no contexto pois no português europeu a surda só ocorre em final absoluto ou travando sílaba, diante de uma consoante surda. No falar cuiabano, por sua vez, a chiante pode ocorrer nesse contexto europeu, bem como em posição intervocálico, em início de sílaba e depois de retroflexa.

Segundo Antenor Nascentes (1922), o sotaque carioca muito tem a haver com o lusitano. Basta notar o /s/ chiado e as vogais abertas em palavras como “também”, características comuns em ambos. É sabido que os portugueses e os cariocas chamam o /s/. Isto é, o /s/ em fim de sílaba é pronunciado /ʃ/ — como o /ch/ de *chato* — se for seguido por consoante surda — /k/, /f/, /p/, etc. — ou, no fim de palavra, por pausa longa; e é pronunciado /ʒ/ — como *j* de *jarro* — se for seguido de consoante sonora — /b/, /d/, /g/, etc. Porém se chia o /s/ também noutras regiões do Brasil.

Segundo Cardoso e Mota (2012, p. 887), entre os dados fonético-fonológicos, cita-se a distribuição do /s/ em coda silábica, como em <estrada>, <casca>, <mesmo>, <desvio>, <três>, <arroz>. Quanto a esse fato, os dados do ALiB referentes às capitais mostram, quanto à variação entre alveolares e palatais, áreas não contíguas, assim distribuídas: (i) áreas de predominância de variantes palatais, representadas, principalmente, por Rio de Janeiro, Belém e Florianópolis, mas onde se incluem, com índices menos elevados e, em alguns casos, restritos ao contexto medial, capitais do Norte (Macapá, Manaus, Boa Vista, Rio Branco e Porto Velho), do Nordeste (Recife, Salvador, Aracaju e Natal) e do Centro-Oeste (Cuiabá); (ii) áreas em que se documentam índices mais elevados de alveolares, destacando-se Porto Alegre e Curitiba, no Sul, as três capitais do Sudeste (Belo Horizonte, São Paulo e Vitória) e, no Centro-Oeste, Goiânia e Campo Grande. Ainda se incluem nesse grupo, embora com índices um pouco mais elevados de variantes palatais, do nordeste, Teresina, Maceió, Fortaleza, João Pessoa e São Luís.

- **A variação entre a lateral e a vibrante alveolares [l] ~ [r] nos grupos consonantais pl, bl, tl, cl, kl, gl fl, vl – o rotacismo**

Nos grupos consonantais /pl/, /bl/, /tl/, /kl/, /gl/, /cl/, /fl/ e /vl/, observou-se no *corpus* que em todas as ocorrências da alveolar ocorre rotacismo, outro fenômeno facilmente observado em outras regiões brasileiras: <compretei> por <completei>, <compretou> por <completou>, <terraprangem> por <terraplanagem>, <dupra> por <dupla>, <simpres> por <simples>.

O rotacismo, fenômeno muito produtivo nas variedades rurais e urbanas na língua portuguesa, é a transformação da consoante lateral /l/ na vibrante simples [r] nos encontros consonantais, ou na retroflexa [ɭ] no final de sílaba. Segundo Cox (2008), é também “um processo fonológico segmental encontrado ao longo da história da língua na

Península Ibérica em sua expansão em outros continentes. Não é improvável que se trate de uma deriva fonológica pré-românica”. Sabe-se que esse fenômeno já foi descrito em vários trabalhos que abordaram documentos antigos desde o galego português tendo sido detectadas essas ocorrências nas obras: *Notícia do Torto*, *Auto da Barca do Inferno*, *Os Lusíadas*, entre outros.

Segundo Leite de Vasconcelos, (1999, p. 100) que encontra-se este “vício” ainda no dialeto beirão de Castelo Rodrigo, povoação vizinha à fronteira espanhola – *exprimicar*, *exemplo*, no vernáculo antigo acha-se *repricara* em vez de *replicara*”. O grupo /pl/ primitivamente transmudou-se na palatal *ch*: *plantar* – *chantar*, mais tarde em /pr/ – *placere* – *prazer*. É devido à reação erudita a conservação do /l/ no português moderno.

Sobre o rotacismo no falar cuiabano Cox (2006, p. 96) afirma que é um fenômeno muito produtivo, pois se tratava de um fenômeno linguístico que reunia indistintamente falantes da zona rural e urbana, pouco ou muito escolarizados e letrados, “[...] pela sua associação com ruralidade, oralidade e analfabetismo era um traço estigmatizado e timbrado com a pecha de caipirismo”.

A hipótese de o rotacismo ter sido trazido para a região da Baixada Cuiabana pelos bandeirantes é provável, se se considerar que eles vinham da região de Piracicaba, berço do dialeto caipira. O que explicaria a incidência do fenômeno entre os falantes, cuja história de vida está ligada à Baixada Cuiabana. Contudo a sua persistência e intensidade no falar cuiabano estão, certamente, ligadas à difícil e escassa comunicação da região com outras partes do país ao menos até as primeiras décadas do século XX, à falta de escolas e, conseqüentemente, ao baixíssimo grau de letramento da população, à quase inexistência da imprensa, à distância do aparelho estatal com sua burocracia e linguagem formal e protocolar, entre outros fatores de unificação. O rotacismo não teria encontrado barreiras para florescer numa cultura predominantemente oral, a salvo da pecha de forma inculta ou de erro que poderia macular-lhe a inocência e alçá-lo à condição de um comportamento linguístico indesejável a ser evitado ou corrigido. As forças centrípetas que poderiam frear e tolher a florescência do rotacismo, se existiam e agiam, eram tênues. (COX, 2006, p.105)

Dunck (2002, p. 45) a respeito da influência das línguas indígenas no falar cuiabano, destaca principalmente a etnia bororo, que habitava a região em que hoje se localiza a comunidade de São Gonçalo Beira Rio e Coxipó, “[...] que não, dispondo de /l/

em seu sistema fonológico, provavelmente os bororós tendessem a pronunciá-lo como /r/, cuja articulação lhês era natural, uma vez que fazia parte de sua língua”.

Zambotto de Lima (2005, p. 94) encontrou na Comunidade de Mata-Cavalo ocorrências do rotacismo em 100% dos contextos, independentemente do grau de escolaridade dos falantes e de outros fatores, como faixa etária, por exemplo, sendo o rotacismo detectado na fala de todas as gerações dessa localidade.

Para Cox (2006, p. 96) o rotacismo é um traço de fala notadamente luso no cenário das línguas românicas que acompanhou, primeiro a rota dos colonizadores portugueses e, depois, a rota dos bandeirantes paulistas através dos quais se chegou a Baixada Cuiabana.

Cox (2009, p. 11) assegura que atualmente o falar cuiabano vem sendo identificado menos pelas suas consoantes africadas e mais pelo fenômeno do rotacismo. Santiago-Almeida (2000) afirma que na narrativa espontânea houve 100% de ocorrência de formas rotacizadas.

- **A variação entre a lateral, semivogal posterior e a retroflexa [l] ~ [w] ~ [ɭ] em posição de travamento de sílaba medial ou final**

As consoantes que são representadas pelos grafemas <r> e <rr>, ou seja, a vibrante múltipla alveolar /r/, a *tap* vibrante simples alveolar [r], a fricativa velar [x] e a retroflexa /ɭ/. O grafema <r> em posição intervocálica ou seguindo consoante na mesma sílaba tem como tendência ser pronunciando como *tap*, ou vibrante simples no falar cuiabano.

Como constatou Santiago-Almeida (2000, p. 110) igualmente neste *corpus* quando temos <r> em início de vocábulo, ou <rr> em posição intervocálica a tendência geral no falar cuiabano é pronunciá-los como vibrante múltipla. Nos contextos destacados acima pode ocorrer também a realização da fricativa velar. As formas podem coexistir até mesmo em um mesmo falante e mesmo vocábulo. Quando temos <r> em final de sílaba, no interior de vocábulo, a tendência é para a realização da retroflexa, como se pode observar no dialeto caipira brasileiro. A retroflexa também pode ocorrer em posição intervocálica. Quando temos <r> em final de vocábulo, a tendência é para a supressão da consoante.

Para Amaral (1976, p. 7), este /r/ caipira assemelha-se bastante ao /r/ inglês post-vocálico. É, muito provavelmente, o mesmo /r/ brando dos autóctones. Estes não possuíam o /rr/ forte ou vibrante. Esta troca é um dos “vícios” de pronúncia mais radicados no falar dos paulistas e caipiras.

Segundo Leite de Vasconcelos, (1999, p. 08, Apud DRUMMOND) “o [l] muda-se em /r/ também em arma (alma), arto (alto), ardea (aldeia), acredita-se que seja influência da língua Tupy”. Este fato não se limita ao português da América, mas se estende ao espanhol. É interessante o que a respeito diz Cuervo:

[...] artura, gorpe habra, etc, és comuníssimo em el hablar vulgar de algunas comarcas de las Castilhas, y em Andalucia y Extremadura: es uno de los rasgos com que caracterisan el language compesino los dramáticos espanoles lo mismo Tirso que Juan del Encino, Torres Naharro y Lopes Rueda, igualmente común es en la colombiana.

Afirma Mattos e Silva (2004, p. 141) que o português brasileiro enfraquece as consoantes em posição final de palavra, posição em que o português europeu apresenta articulação forte. Vocalizamos o /l/ final em /u/, ou no vernáculo de não escolarizados, sobretudo de áreas rurais, é eliminado, forma essa estigmatizada socialmente (anima/l/ no português europeu anima/u/ no geral do Brasil e anim/a/). Aspiramos o [r] final ou o reduzimos a zero (ama/h/, am/a/), embora seja encontrado em áreas brasileiras o /r/ vibrante próprio ao português europeu.

As consoantes que são representadas pelos grafemas /r/ e /rr/, ou seja, a vibrante múltipla alveolar /r/, a *tap* vibrante simples alveolar [r], a fricativa velar [x] e a retroflexa /ɻ/. O grafema [r] em posição intervocálica ou seguindo consoante na mesma sílaba tem como tendência ser pronunciando como *tap*, ou vibrante simples no falar cuiabano.

Segundo Amaral (1976, p. 10) a consoante /l/ em final de sílaba, muda-se em /r/: quarqué, papér, mér, arma. Por exemplo em <tal qual>, cai apenas o segundo l, porque o primeiro se tornou intervocálico: <talequá>. E ainda a locução adverbial <malemá>, que quer dizer “mais ou menos” ou “assim assim”. Segundo Lima (2007), não inferir daí que houve queda de /l/, esse /l/ que passou primeiro em /r/ e depois caiu este fonema, de acordo com uma das leis mais rígidas, e mais facilmente verificável, da fonética dialetal. É de notar-se ainda que a pronúncia em questão (má, só) é mais comum entre os negros, que, submetidos, em geral, ao império das mesmas leis, quando no mesmo meio, não deixam de diferir dos caboclos e brancos em mais de um ponto.

Só não se percebeu algum tipo de alteração da consoante lateral alveolar /l/ em posição inicial de sílaba.

- **A troca de [b] por [v]**

Teyssier (1997, p. 40-41) afirma que desde o galego-português a consoante /b/ realizado como bilabial e /v/ labiodental eram fonemas distintos, e continuam sendo no português comum de hoje. Entretanto, há uma zona ao centro e ao norte de Portugal em que são um único fonema, como em espanhol. Esse traço de pronúncia chamado “a troca do /b/ pelo /v/” demonstra, portanto, a origem provincial do locutor. Afirma, ainda, que as pesquisas dialetológicas modernas traçam geograficamente, com precisão, a zona de distinção entre /b/ e /v/. Desde então, os gramáticos e ortógrafos portugueses apontam esse uso como “erro”, pelo qual os portugueses do norte se vinculam aos galegos e, de um modo mais geral, aos espanhóis. De qualquer forma, conclui-se que é complexa a explicação desse fenômeno e que ele teve por efeito marginalizar mais uma vez os falares do norte em relação aos do centro e do sul.

Confirma Amadeu Amaral (1976, p. 9) “[...] /b/ e /v/ – muda-se às vezes uma na outra, dando lugar a várias formas sincréticas: burbuia e vevúia – borbulha, bassôra e vassora – vassoura, berruga e verruga – verruga” dentre outros. Esse traço é marcado até hoje como estigmatizado, no português brasileiro, onde esse fenômeno, dentre vários outros citados neste trabalho, existem nos falares interioranos, no chamado dialeto caipira.

Consoante a Santiago Almeida (2009, p. 210) que das consoantes oclusivas (/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/) apenas a bilabial sonora /b/ apresenta alterações em sua pronúncia no falar cuiabano, pois em alguns vocábulos é possível registrar a alternância de /b/ com a fricativa labiodental também sonora /v/, como ocorreu, neste *corpus* em torno de 50% na fala dos participantes da primeira faixa etária, entre os mais velhos como em: bamo, brabo, embauvera, assobio etc. Já na segunda faixa etária não registrou-se essa realização. Não se trata de fenômenos exclusivos do falar cuiabano. Eles também podem ser registrados tanto em outras regiões brasileiras, quanto em falares de Portugal. Essa alternância /b/ e /v/, bem como a síncope do /b/ no vocábulo < *tamém* > foram registrados.

Aponta Amaral (1976, p. 19) que o caipira prefere quase sempre /v/ a /b/: jabuticava, mangava, beréva, tiriva, taióva, saúva. A origem destas incertezas está em que a nossa fonética nem sempre possui sons exatamente correspondentes aos indígenas. O /u/ consoante /w/ foi desde cedo interpretado de vários modos: por uns como /v/, por outros como /b/, por outros ainda como /gh/: é o que explicam as variações caraguatá, carauatá, cravatá, - capivara, capibara, capiguara, - piaçava, pioçaba, piaçágua (cf. Piaçagùera), etc. O povo, direta e inconscientemente influenciado pela fonética indígena,

conserva ainda sinais dessa influência na própria incapacidade para bem apanhar o som distinto de /v/ em vocábulos portugueses: daí pronúncias, que às vezes se ouvem, como guapô por vapor, etc.

- **A iodização [λ] ~ [j]**

Segundo Amaral (1976, p. 11) o /lh/ vocaliza-se em /i/, processo que se dá com o /l/ molhado em países como Cuba, na Argentina (caje = calle, cabajo = caballo) e na França onde, desde o século XVIII, posteriormente começou a se acentuar a tendência para a vocalização deste fonema (batáie, Chantií = bataille, Chantilly).

No fim de sílaba travada, no interior ou final de vocábulo, a tendência é pela realização da retroflexa: *igual, soltemos, alguma, sinal, mal, tal, principalmente* etc. Nesse mesmo contexto o mais comum, no português brasileiro, é ocorrer a iodização da alveolar /l/, como também registrou-se no falar cuiabano: *curral* e *manual*. Ainda notamos, nesse contexto, a supressão dessa alveolar.

A perda e a alteração da lateral palatal /j/ possivelmente sofrem estigmatização, pois estão correlacionadas a fatores sociais que lhes conferem menor prestígio, fonema característico [j] no dialeto caipira. Melo (1981), na mesma direção, relaciona esse processo de iodização à linguagem popular e a pessoas incultas.

Os quais destacaram várias ocorrências dos traços encontrados até hoje no falar cuiabano, corroborando dessa forma com a afirmação do conservadorismo do português brasileiro conforme Cunha (2000, p.115).

Ao agrupar os fenômenos por informante, considerando as variantes inovadoras e as variantes conservadoras, pretende-se observar a distribuição geral dessas variantes partir dos dados indicados.

Um dos questionamentos que norteiam a esta pesquisa está atrelado ao falar dessa comunidade no contexto atual, tendo em vista o processo de variação e mudança linguística a que toda e qualquer variedade linguística está sujeita e que constatou-se que nesta comunidade os participantes da faixa etária 2, os mais jovens, ambos os gêneros, masculino e feminino, realizam poucos traços dentre os mais característicos do falar cuiabano.

Os dados preliminares apontam para a manutenção de dois traços o uso do /r/ retroflexo e o [ʃ] nas duas faixa etárias e outros que já se incorporaram ao português popular brasileiro e o apagamento dos traços mais marcantes como o uso das africadas, principalmente entre os mais jovens.

Os usos e as variações encontradas nas falas dos participantes serão descritos e distribuídas por informantes e acompanhados de exemplos dos usos e variações nos quadros abaixo:

Quadros com os resultados relativos dos (as) informantes

Quadro 1: Resultados relativos à informante 1 (mulher acima de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/ʃ/	%	[tʃ]	%	ʃegar, deʃo, ʃamava	18	100%
04	22,22	14	77,78			
/ʒ/	%	[dʒ]	%	dʒunto, hodʒe, dʒente	16	100%
04	25	12	75			
/s/ inicial	%	[j]	%	Jo riginardo	02	100%
02	100					
/s/ medial	%	[j]	%	diʃpencava, artiʃta, ceramiʃta	22	100%
5	22,7	17	77,3			
/s/ final	%	[j]	%	muitaʃ, luʃ, eʃprementa	61	100%
6	9,8	55	90,2			
/l/ medial	%	[ɫ]	%	dificurdade, matirde, sirvia	06	100%
2	33,3	4	66,7			
/l/ final		[r]				
6	66,7	3	33,3	fácir, coroner, carnavar	09	100%
ROTACISMO	%	[r]	%	frô, crube,	05	100%
		05	100%			
Troca de /b/ por /v/					Não houve ocorrência	
Iodização /lh/	%	[j]	%	batajadora trabajá fijo	12	100%

Quadro 2: Resultados relativos à informante 2 (mulher acima de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/t/	%	[tʃ]	%	tʃeio, enʃe, puʃa	28	100%
08	28,6	20	71,4			
/ʒ/	%	[dʒ]	%	bodʒo, vedʒo, badʒi	44	100%
06	13,6	38	86,4			
/s/ inicial	%	[ʃ]	%	ʃo manoé, ʃo locádio,	03	100%
03	100					
/s/ medial	%	[ʃ]	%	diʃpencava, goʃtava	131	100%
36	27,5	95	72,5			
/s/ final	%	[ʃ]	%	muitaʃ luʃ raiʃ	46	100%
6	9,8	40	90,2			
/l/ medial	%	[ɫ]	%	curturár, arguã		100%
/l/ final		[r]				
6	66,7	3	33,3	Iguár, arraiár,	09	100%
ROTACISMO	%	[r]	%	bicicreta cráro pobrema	05	100%
		05	100%			
Troca de /b/ por /v/					Não houve ocorrência	
Iodização /lh/	%	[j]	%	brijava mojo ojava		
2	7,4	25	92,6		27	100%

Quadro 3: Resultados relativos à informante 3 (mulher acima de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/t/	%	[tʃ]	%	enʃia, coʃipó, ʃorava	39	100%
03	7,7	36	92,3			
/dʒ/	%	[dʒ]	%	igredʒa, dʒaime, coradʒe	28	100%
04	14,3	24	85,7			
/s/ inicial	%	[ʃ]	%	ʃô nerʃo	01	100%
01						
/s/ medial	%	[ʃ]	%	feʃta, veʃtido,	37	100%
4	10,8	33	89,2			
/s/ final	%	[ʃ]	%	eleʃ, deuʃ, portuguêʃ	75	100%
5	6,1	70	93,9			
/l/ medial	%	[ɫ]	%	sortá assarto vortano	06	100%
2	33,3	4	66,7			
/l/ final		[r]			09	100%
6	66,7	3	33,3			
ROTACISMO	%	[r]	%	creide, cráro	03	100%
		03	100%			
Troca de /b/ por /v/					Não houve ocorrência	
Iodização /lh/	%	[j]	%	oja,mejor, mijo		
01	14,3	6	85,7		7	100%

Quadro 4: Resultados relativos à informante 4 (mulher acima de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/f/	%	[ɸ]	%	ɸiquero, aɸa, ɸocano	22	100%
05	22,7	17	77,3			
/ʒ/	%	[dʒ]	%	dʒanero, hodʒe, dʒente	20	100%
04	20	16	80			
/s/ inicial	%	[ʃ]	%		0	100%
0						
/s/ medial	%	[ʃ]	%	baʃtante, iʃtrada	28	100%
8	28,6	20	71,4			
/s/ final	%	[ʃ]	%	maʃ, veʃ, depôʃ	43	100%
10	18,9	33	81,1			
/l/ medial	%	[ɭ]	%	luciardo, arcina		
2	40	3	60			
/l/ final		[r]		naturár, pessoár		
6	66,7	3	33,3			
ROTACISMO	%	[r]	%	fror, compreto, luciardo	05	100%
		05				
Troca de /b/ por /v/					Não houve ocorrência	
Iodização /lh/	%	[j]	%	mijo cojia trabajei	11	
01	9,1	10	90,9			
						100%

Quadro 5: Resultados relativos à informante 5 (mulher acima de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/t/	%	[tʃ]	%	ʃurra co, pe jaria, de jã	25	100%
07	28	18	72			
/ʒ/	%	[dʒ]	%	dʒente, dʒunto, adʒudava	15	100%
05	33,3	10	66,7			
/s/ inicial	%	[j]	%	Jo arberto	03	100%
03						
/s/ medial	%	[j]	%	fe tero, de coberta	11	100%
2	18,2	9	81,8			
/s/ final	%	[j]	%	dua , meu	35	100%
15	35,7	20	64,3			
/l/ medial	%	[ɻ]	%	asfartu, armoçá	10	100%
4	40	6	60			
/l/ final		[r]		difícir,		
1		6			07	
ROTACISMO	%	[r]	%	dupra, compretamente,	04	100%
		04				
Troca de /b/ por /v/		01	100%	bão	01	100%
Iodização /lh/	%/	[j]	%	mejorano, fijo, paja		
01	12,5	07	87,5		8	100%

Quadro 6: Resultados relativos à informante 6 (mulher abaixo de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/f/	%	[ɸ]	%	ɸeio, peɸe, caɸaço	18	100%
04	22,22	14	77,78			
/ʒ/	%	[dʒ]	%	dʒogá, dʒora, coradʒe	16	
04	25	12	75			
/s/ inicial	%	[ʃ]	%	ʃeu cilo	02	
02	100					
/s/ medial	%	[ʃ]	%	simpriɸmente, diɸque	61	
6	9,8	55	90,2			
/s/ final	%	[ʃ]	%	diaɸ, tivemoɸ	20	
15	75	5	25			
/l/ medial	%	[ɮ]	%	Arberto, vorto, argum	06	
4	66,7	2	33,3			
/l/ final		[r]			09	
6	66,7	3	33,3			
ROTACISMO	%	[r]	%	bicicreta, expriɸar	05	
		05	100%			
06	66,7	03	33,3			
Troca de /b/ por /v/					Não houve ocorrência	
Iodização	/lh/	[j]		véja fija foja		
5	16%	10	74%		10	

Quadro 7: Resultados relativos à informante 7 (mulher abaixo de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/t/	%	[tʃ]	%	enʃia, aʃava, prantʃava	8	
04	50	04	50			
/ʒ/	%	[dʒ]	%	dʒaime, dʒisuʃ, cervedʒa	16	
06	37,5	10	62,5			
/s/ inicial	%	[ʃ]	%	ʃeu nhonhõ, seõ nerʃo	02	
02	100					
/s/ medial	%	[ʃ]	%	suʃpindia, meʃmo	25	
7	28	18	72			
/s/ final	%	[ʃ]	%	todaʃ,	51	
31	51,7	20	48,3			
/l/ medial	%	[ɫ]	%	aʃfarto vorta	04	
1	25	3	75			
/l/ final		[r]		Responsáver,	09	
6	66,7	3	33,3			
ROTACISMO	%	[r]	%	bicicreta simpreʃ	03	
		03	100%			
Troca de /b/ por /v/					Não houve ocorrência	
Iodização	/lh/	[j]		trabajano majó oja		
7	78%	2	12%		9	

Quadro 8: Resultados relativos à informante 8 (mulher abaixo de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/t/	%	[tʃ]	%	entʃia, aʃava, prantʃava	10	100%
02	20	8	80			
/ʒ/	%	[dʒ]	%	hodʒe, dʒaime, dʒisuʃ,	8	
01	12,5	07	87,5			
/s/ inicial	%	[ʃ]	%		0	
0						
/s/ medial	%	[ʃ]	%	eʃtudei, iʃmola	10	
2	20	8	80			
/s/ final	%	[ʃ]	%	dʒisuʃ, diaʃ	52	
22	35,5	30	64,5			
/l/ medial	%	[ɻ]	%	car ^o mo	0	
0		0				
/l/ final		[r]			09	
6	66,7	3	33,3			
ROTACISMO	%	[r]	%	creide, probrema	04	
03		01				
Troca de /b/ por /v/				brabo	01	
		01	100%			
Iodização	/lh/	[j]		trabajano, majó, oja		
2	67%	1	33%			

Quadro 9: Resultados relativos à informante 9 (mulher abaixo de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/t/	%	[tʃ]	%		6	100%
06	100	0	0			
/d/	%	[dʒ]	%		9	100
09	100	0				
/s/ inicial	%	[ʃ]	%		0	
0						
/s/ medial	%	[ʃ]	%	hi tória, fe ta, ga tronomia	27	
11	40,7	16	59,3			
/s/ final	%	[ʃ]	%	toda , filho , atravé	46	
25	54,4	21	45,6			
/l/ medial	%	[ɫ]	%		0	
0		0				
/l/ final		[r]			0	
0		0				
ROTACISMO	%	[r]	%		0	Não houve ocorrência
		0				
Troca de /b/ por /v/					Não houve ocorrência	
Iodização		/lh/	[j]		Não houve ocorrência	

Quadro 10: Resultados relativos à informante 10 (mulher abaixo de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/f/	%	[ɸ]	%		0	100%
/ʒ/	%	[dʒ]	%		0	
100%						
/s/ inicial	%	[ʃ]	%		0	
0		0				
/s/ medial	%	[ʃ]	%		0	
0		0				
/s/ final	%	[ʃ]	%		0	
/l/ medial	%	[ɫ]	%		0	
0		0				
/l/ final		[r]			0	
0		0				
ROTACISMO	%	[r]	%		0	
		0				
0		0				
Troca de /b/ por /v/					Não houve ocorrência	
Iodização	/lh/	[j]				
					Não houve ocorrência	

Quadro 11: Resultados relativos ao informante 11 (homem acima de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/f/	%	[ɸ]	%	ɸama, ɸegano, petɸaria	60	
09	15	51	85			
/ʒ/	%	[dʒ]	%	dʒico, dʒeito, dʒá	63	
03	4,8	60	95,2			
/s/ inicial	%	[ʃ]	%	ʃo zébio, ʃo luíʃ	04	100%
04	100					
/s/ medial	%	[ʃ]	%	goʃtano, moʃtrei,	60	
6	10	54	90			
/s/ final	%	[ʃ]	%	esseʃ, quantaʃ,	98	
10	10,2	88	89,8			
/l/ medial	%	[ɮ]	%	mergaço, comprica	7	
2	28,6	5	71,4			
/l/ final		[r]		peçoár, tar	11	
9	81,8	2	18,2			
ROTACISMO	%	[r]	%	infruído,	06	
1	16,7	05	83,3			
Troca de /b/ por /v/					Não houve ocorrência	
Iodização	/lh/	[j]		oja, dʒoejo		
6	23	20	77		26	

Quadro 12: Resultados relativos ao informante 12 (homem acima de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/t/	%	[tʃ]	%	metʃia, deʃava, tʃchom	26	
06	15,4	22	84,6			
/ʒ/	%	[dʒ]	%	dʒá, adʒudava, dʒúlio	27	
07	74,1	20	25,9			
/s/ inicial	%	[ʃ]	%	ʃo carloʃ, ʃo sirvino, ʃo ademá	08	
08	100					
/s/ medial	%	[ʃ]	%	iʃtrada, deʃde, feʃta	26	
12	46	14	54			
/s/ final	%	[ʃ]	%	depoʃ, máʃ,	65	
20	31	45	69			
/l/ medial	%	[ɾ]	%	farta, dificurdade, arfaiate	06	
2	33	4	67			
/l/ final		[r]		pessoar,	04	
0		4	100			
ROTACISMO	%	[r]	%	prantá,	02	
		02	100%			
Troca de /b/ por /v/					Não houve ocorrência	
Iodização	/lh/	[j]		mujé, fiço, ója		
1	12,5	7	87,5			

Quadro 13: Resultados relativos ao informante 13 (homem abaixo de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/t/	%	[tʃ]	%	petʃe, cotʃete, tʃovenô	42	
10	24	32	76			
/ʒ/	%	[dʒ]	%	sudʒo, dʒunto, dʒangadô	16	
04	25	12	75			
/s/ inicial	%	[ʃ]	%	ʃo nerʃo	01	
01	100					
/s/ medial	%	[ʃ]	%	ciʃco, peʃcaria,	23	
8	35	15	65			
/s/ final	%	[ʃ]	%	ʃo nerʃo	90	
20	22	70	78			
/l/ medial	%	[ɾ]	%	carderão, artura, quarquê	06	
2	33	4	67			
/l/ final		[r]		saranzár, difícir, adair	09	
		6	100			
ROTACISMO	%	[r]	%	prantava,	04	
		04	100%			
Troca de /b/ por /v/					Não houve ocorrência	
Iodização	/lh/	[j]		trabajosa, taja		
2	18%	9	82%		11	

Quadro 14: Resultados relativos ao informante 14 (homem acima de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/t/	%	[tʃ]	%	tʃegava, entʃia, feʃão	28	
08	25	21	75			
/d/	%	[dʒ]	%	dʒá, Reportadʒe, viadʒe	18	
06	33	12	67			
/s/ inicial	%	[ʃ]	%		0	
0		0				
/s/ medial	%	[ʃ]	%	deʃde, assiʃti	7	
1	14	6	86			
/s/ final	%	[ʃ]	%	principár, pessoár	61	
10	16	51	84			
/l/ medial	%	[ɫ]	%	asfarto, última	10	
2	20	8	80			
/l/ final		[r]		dificir,	06	
1	17	5	83			
ROTACISMO	%	[r]	%	prantá, incrusive	02	
		02	100%			
Troca de /b/ por /v/		02		brabo	02	100%
Iodização	/lh/	[j]		trabajá, taja		
1	20	4	80		5	

Quadro 15: Resultados relativos ao informante 15 (homem acima de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/f/	%	[ɸ]	%	ɸama, meɸe, caRapiɸo	25	
07	32	17	68			
/ʒ/	%	[dʒ]	%	dʒedʒé, vadʒa, hodʒe	13	
04	31	9	69			
/s/ inicial	%	[ʃ]	%	ʃo nerʃo, ʃo ademá, ʃo neʃtô	03	100%
03	100					
/s/ medial	%	[ʃ]	%	deʃte, diʃvendô, paʃto	8	
4	50	4	50			
/s/ final	%	[ʃ]	%	maʃ, horaʃ	34	
12	65	22	35			
/l/ medial	%	[ɭ]	%	durce, sartava	05	
1	20	4	80			
/l/ final		[r]		papér,	10	
3	30	7	70%			
ROTACISMO	%	[r]	%	prantava,	03	
		03	100%			
Troca de /b/ por /v/					Não houve ocorrência	
Iodização	/lh/	[j]		trabajô, mujé		
1	14%	6	86%			

Quadro 16: Resultados relativos ao informante 16 (homem abaixo de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/j/	%	[ɥ]	%	abatʃadinho	3	
02	67	1	33			
/ʒ/	%	[dʒ]	%	bidʒiano, dʒá	5	
1	20	4	80			
/s/ inicial	%	[ʃ]	%		0	
0						
/s/ medial	%	[ʃ]	%	fi car, co ta, ra guei	8	
2	25	6	75			
/s/ final	%	[ʃ]	%	trê , essa , ma	10	
4	40	6	60			
/l/ medial	%	[ɫ]	%		0	
0		0				
/l/ final		[r]		fi car	0	
0		1				
ROTACISMO	%	[r]	%		0	
		0				
Troca de /b/ por /v/		01		assubio	01	
Iodização	/lh/	[j]			Não houve ocorrência	

Quadro 17: Resultados relativos ao informante 17 (homem abaixo de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/ʃ/	%	[ʃ]	%	ʃapeusão, ʃão	3	
02	67	2	33			
/ʒ/	%	[dʒ]	%	dʒá, badʒi, dʒente	6	
03	50	3	50			
/s/ inicial	%	[j]	%	jo riginardo	2	100%
0		2	100			
/s/ medial	%	[j]	%	hi tória, di que, ho pital	12	
4	33	8	67			
/s/ final	%	[j]	%	essa , lu , franci	22	
6	27,3	16	72,7			
/l/ medial	%	[ɹ]	%	vorta, riginardo	06	
4	67	2	33			
/l/ final		[r]		currár	09	
6	67	3	33			
ROTACISMO	%	[r]	%	craro	02	
		02	100%			
Troca de /b/ por /v/					Não houve ocorrência	
Iodização	/lh/	[j]		veja	12	
9	75%	3	25%			

Quadro 18: Resultados relativos ao informante 18 (homem abaixo de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/ʃ/	%	[ʃ]	%	meʃia, ʃego, ʃamava	31	
10	32	21	68			
/ʒ/	%	[dʒ]	%	dʒá, dʒoão, tadʒiba	24	
08	33	16	67			
/s/ inicial	%	[s]	%		0	
0						
/s/ medial	%	[ʃ]	%	baʃtante, diʃque, iʃpingarda	28	
13	46,5	15	53,5			
/s/ final	%	[ʃ]	%	capaʃ, rapaʃ, demáʃ	46	
20	43,5	26	56,5			
/l/ medial	%	[ɹ]	%	Arto, revórve, varte	06	
4	67	2	33			
/l/ final		[r]		tar	09	
6	67	3	33			
ROTACISMO	%	[r]	%		02	100%
		05	100%			
02		0				
Troca de /b/ por /v/	01			bamo	01	100%
Iodização	/lh/	[j]		mujé, vasiya		
2	17%	10	83%			

Quadro 19: Resultados relativos ao informante 19 (homem abaixo de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/j/	%	[ɥ]	%			
/ʒ/	%	[dʒ]	%			
/s/ inicial	%	[ʃ]	%		0	
0						
/s/ medial	%	[ʃ]	%	e[ʃ]tado, dʒi[ʃ]parado, fe[ʃ]tival	61	
6	10	55	90			
/s/ final	%	[ʃ]	%	se[ʃ], ano[ʃ], depo[ʃ]	20	
15	75	5	25			
/l/ medial	%	[ɫ]	%			
4						
/l/ final		[r]				
ROTACISMO	%	[r]	%		Não houve ocorrência	
		0				
06						
Troca de /b/ por /v/					Não houve ocorrência	
Iodização	/lh/	[j]				
					Não houve ocorrência	

Quadro 20: Resultados relativos ao informante 20 (homem abaixo de 50 anos)						
Fonema		Alofone		Exemplos palavras	Total	%
/t/	%	[tʃ]	%			100%
10 (X)	100	0				
/dʒ/	%	[dʒ]	%			100%
10 (X)	100	0				
/s/ inicial	%	[ʃ]	%		0	
0		0				
/s/ medial	%	[ʃ]	%	de te, intrevi tano, di que	22	
12	54,5	10	45,5			
/s/ final	%	[ʃ]	%	algun , ma , demá	31	
10	32,3	21	67,7			
/l/ medial	%	[ɫ]	%		0	
0		0				
/l/ final		[r]			0	
0		0				
ROTACISMO	%	[r]	%		Não houve ocorrência	
		0				
Troca de /b/ por /v/					Não houve ocorrência	
Iodização	/lh/	[j]			Não houve ocorrência	

4.2 Descrição e análise das células

- **Célula 1**

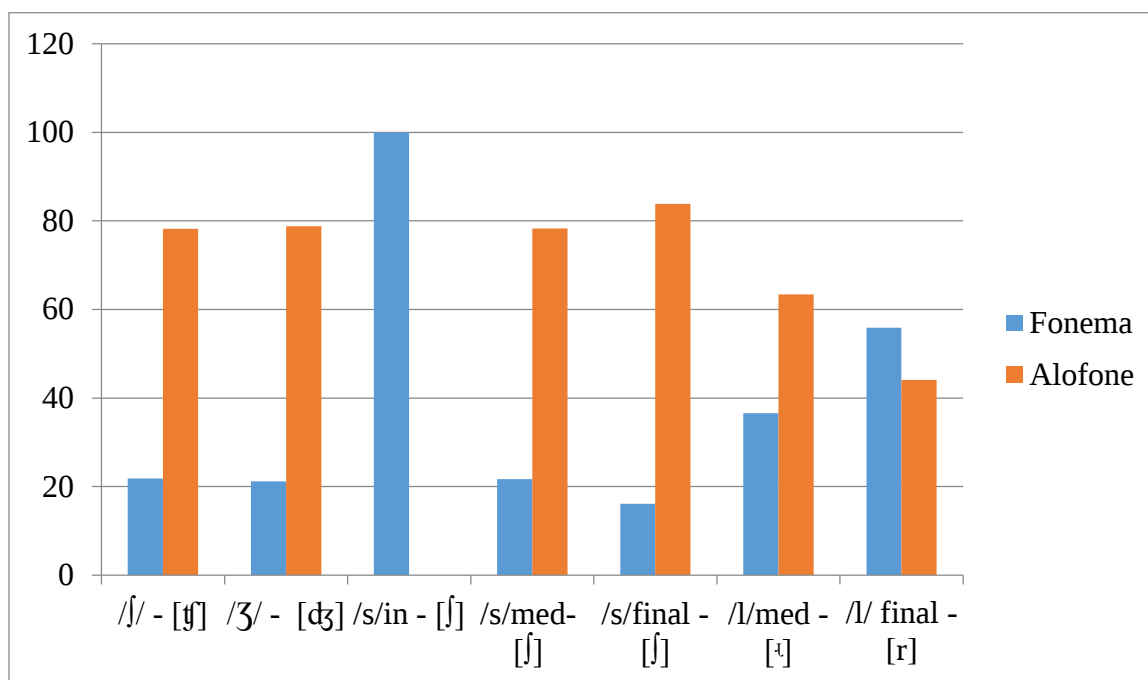
Composta por cinco mulheres na faixa etária acima de 50 anos.

QUADRO 21 – Média geral dos usos e variações das consoantes utilizadas pelas informantes da célula 1.

Fonema		Alofone		%
/t/	%	[tʃ]	%	100
	21,8		78,2	%
/d/	%	[dʒ]	%	100
	21,2		78,8	%
/s/ inicial	%	[ʃ]	%	100
	100			%
/s/ medial	%	[ʃ]	%	100
	21,7		78,3	%
/s/ final	%	[ʃ]	%	100
	16,1		83,9	%
/l/ medial	%	[ɻ]	%	100
	36,6		63,4	%
/l/ final	%	[r]	%	
	44,1		55,9	100

ROTACISMO	%	[r]	%	
		18	100	
Troca de /b/ por /v/		06		06
Iodização /lh/	%/	[j]	%	
	12		88	100%

Gráfico 1: da Média geral dos usos e variações das consoantes utilizadas pelas informantes da célula 1



A célula 1 apresenta todas as informantes, da faixa etária acima de 50, anos usando mais as africadas [ʃ] e [dʒ] do que as fricativas /ʃ/ e /ʒ/. A média do uso das africadas, nesta célula, foi de 78,2% para [ʃ] e de 21,8% para /ʃ/ e 78,8% para [dʒ] e 21,2% para /ʒ/ por exemplo *dʒunto, hodʒe, dʒente*.

O uso de [ʃ] e /s/, ocorreu em 100% na fala das informantes, neste contexto, por exemplo em: *ʃo riginardo, ʃo manoé, ʃo locádio*.

Dentre as cinco informantes, apenas a informante 4 não apresentou essa ocorrência resultando no total de 89% das ocorrências. A realização de [ʃ], em posição de travamento de sílaba medial ou final, como em *diʃpencava, eʃtado, diʃque, todoʃ, raiʃ*, mostrou-se muito produtiva em toda a célula, sendo que todas as informantes realizaram esse traço em 78,3% das ocorrências.

A variação entre a lateral, semivogal posterior e a retroflexa [l] ~ [w] ~ [ɻ], em posição de travamento de sílaba medial, registrou um índice de 63,4%, mantendo porém o /l/ final em 44,1%, projetando uma possível diminuição no uso desse traço na variedade cuiabana. Dessa forma, nesta célula os índices estão quase se equiparando.

O rotacismo apareceu em 100% das ocorrências na fala de todas as informantes, como: <frô> <crube> como um traço forte da variante.

A troca de /b/ por /v/ ocorreu na fala de duas informantes, com o total de seis ocorrências: a número 2 e número 5, como em: <bamo> e <labareda>, demonstrando assim um uso reduzido e possível desaparecimento, apesar de esse traço, segundo Amaral (1976), estar presente em toda a área caipira, não apenas no falar cuiabano.

A iodização também apareceu em dezoito ocorrências, em todas as falas das informantes com 88% de uso, como em: <trabajei>, <bataja>, <mejó>. Assim como a troca de /b/ por /v/ também é considerado um traço do dialeto caipira e uma possível herança do galego português.

De modo geral, as informantes da célula 1 demonstram usos e variações das consoantes muito semelhantes entre si, em torno de 25% de fonemas que representam os traços inovadores e 75% de alofones que representam os traços conservadores. Demonstrando uma diferença em torno de 50%, no modo de falar esses traços.

- **Célula 2**

Composta por cinco mulheres na faixa etária abaixo de 50 anos.

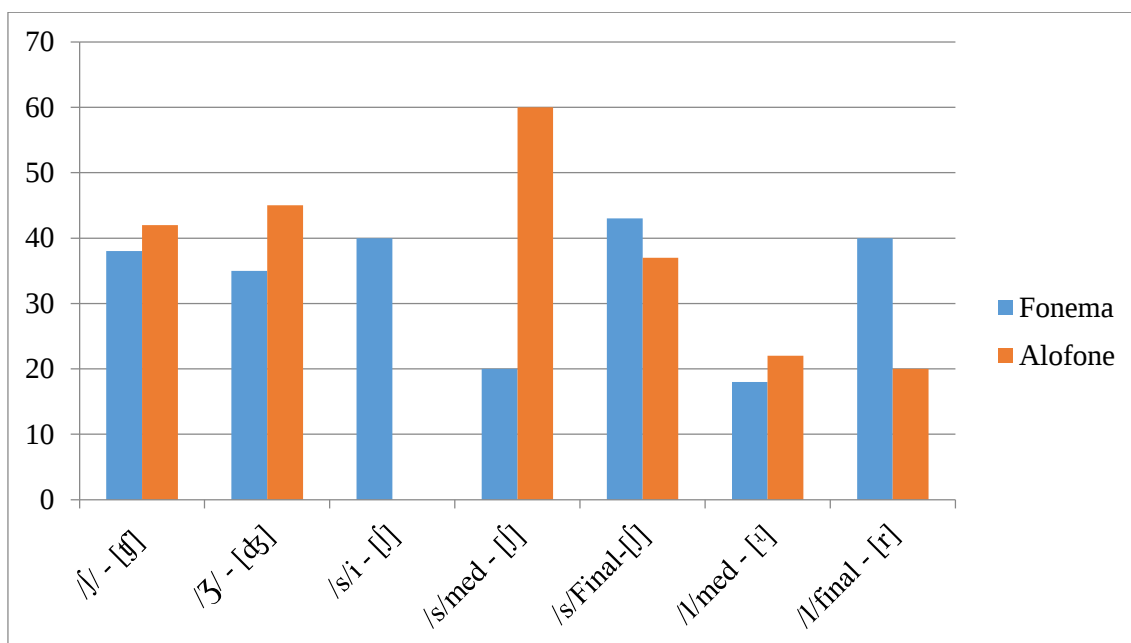
QUADRO 22 – Média geral dos usos e variações das consoantes utilizadas pelas informantes da célula 2

Fonema		Alofone		Total
/t/	%	[tʃ]	%	100 %
	38		42	
/d/	%	[dʒ]	%	100 %
	35		45	
/s/ inicial	%	[ʃ]	%	100 %
	40			
/s/ medial	%	[ʃ]	%	100 %
.	20		60	
/s/ final	%	[ʃ]	%	100 %
	43		37	

/l/ medial	%	[ɫ]	%	100
	18		22	%
/l/ final		[r]		
	40		20	100
				%

ROTACISMO	%	[ɾ]	%	100%
	15		45	
Troca de /b/ por /v/		01		01
Iodização				
/lh/	%	[j]	%	
	65		24	100%

Gráfico 2: Média geral dos usos e variações das consoantes utilizadas pelas informantes da célula 2



A célula 2 apresenta a média das cinco informantes da faixa etária abaixo de 50 anos, sendo que três delas usaram mais as africadas [ɟ] 42% e [dʒ] 45% do que as

fricativas /ʃ/ 38% e /ʒ/ 35%. As outras duas informantes, número, 9 e 10, são as mais jovens na faixa de 20 e 30 anos, não apresentaram nenhuma ocorrência das africadas.

Das cinco informantes três apresentam o uso de /ʃ/ inicial como por exemplo: <Jo manóe>, <Jo locádio>, <Jeú lugá>, as informantes número, 6, 7 e 8. As informantes números 9 e 10 não apresentaram essa ocorrência, resultando numa média de 40%.

A realização de /ʃ/ em variação com /s/ na sílaba medial foi de 60% para 20%, foi o traço com maior índice de uso nesta célula. Em posição de travamento final foi o contrário /ʃ/ 37% final no lugar do /s/ 43% em toda a célula um total de 4 informantes realizaram esse traço.

A variação entre a lateral, semivogal posterior e a retroflexa [l] ~ [w] ~ [ɭ], em posição de travamento de sílaba medial, registrou um índice de 63, 4% mantendo porém o /l/ final 44,1 % projetando uma possível diminuição no uso desse traço na variedade cuiabana. Dessa forma nesta célula os índices estão quase se equiparando.

O rotacismo apareceu na fala das informantes número 6, 7 e 8 em todas as vezes que apareceu se mostrou um traço forte, pois foram usadas em 100% das ocorrências.

A troca de /b/ por /v/ ocorreu na fala de uma informante, a número 8, traço de pouco uso e possível desaparecimento no falar cuiabano.

O fenômeno linguístico da iodização também apareceu em três informantes totalizando 24% das ocorrências. Assim como a troca de /b/ por /v/. A informante 10 não realiza nenhum dos traços da variedade cuiabana pesquisados neste trabalho.

Nesta célula os dados mostram certa discrepância entre os informantes, pois os entrevistados 6, 7 e 8 preservam um índice muito baixo da realização dos traços estudados nesta pesquisa. E nos informantes 9 e 10, ocorre o contrário. A informante 9 apresenta em sua fala apenas o /ʃ/ medial e final em algumas ocorrências enquanto a informante 10 não apresenta nenhum traço.

De modo geral, as informantes da célula 2 demostram usos e variações das consoantes com diferenças entre si, em torno de 38% de fonemas que representam os traços inovadores e 45% de alofones que representam os traços conservadores. Demonstrando uma diferença em torno de 7%, no modo de falar esses traços.

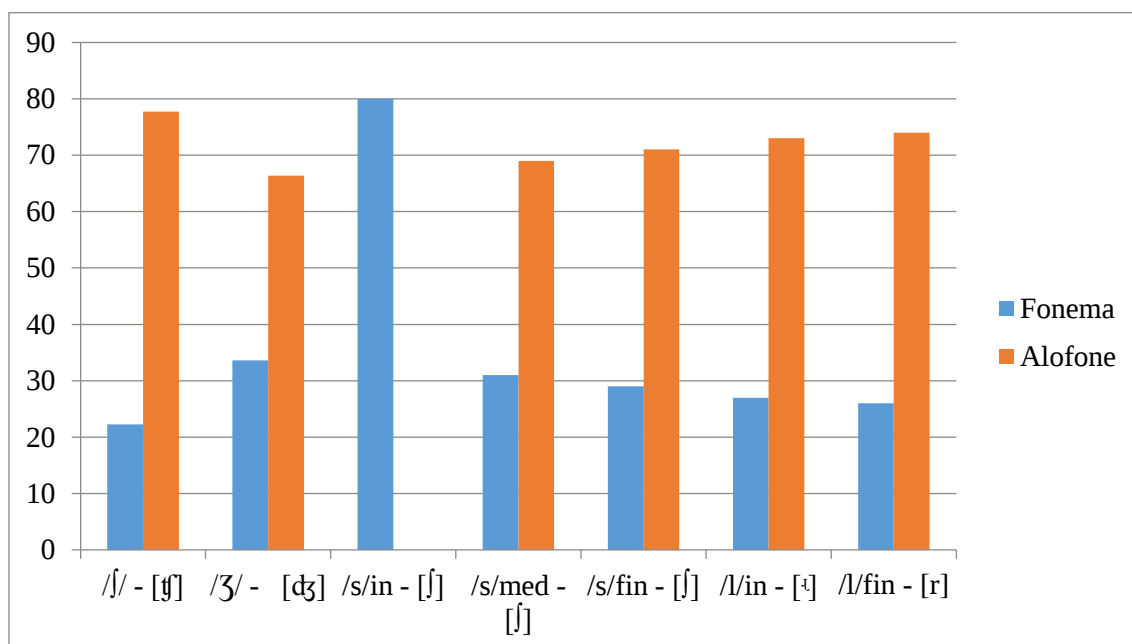
- **Célula 3**

Composta por cinco homens na faixa etária acima de 50 anos.

QUADRO 23 – Média geral dos usos e variações das consoantes utilizadas pelas informantes da célula 3

Fonema		Alofone		Total
/t/	%	[tʃ]	%	100%
	22,3		77,7	
/d/	%	[dʒ]	%	100%
	33,6		66,4	
/s/ inicial	%	[ʃ]	%	100%
	80			
/s/ medial	%	[ʃ]	%	100%
	31		69	
/s/ final	%	[ʃ]	%	100%
	29		71	
/l/ medial	%	[ɻ]	%	100%
	27		73	
/l/ final	%	[r]	%	100%
	26		74	

Gráfico 3: Média geral dos usos e variações das consoantes utilizadas pelos informantes da célula 3



A célula 3 apresenta todos os informantes realizando mais as africadas [ʃ] e [dʒ] do que as fricativas /ʃ/ e /ʒ/. A média do uso das africadas, nesta célula, foi de 77,7% para [ʃ] e de 22,3% para /ʃ/, em exemplos como: ba^ʃfo, ʃa^ʃRete, ʃom, para [dʒ] 66,4% e para /ʒ/ 33,6% em exemplos como: dʒunto, hodʒe, dʒente.

Quanto ao uso de /ʃ/ e /s/, por exemplo: ʃo sirvino, ʃo nerʃo dos cinco informantes apenas um não realizou essa ocorrência; o informante número 14 não apresentou essa ocorrência, resultando no total de 80% das ocorrências.

A realização de /ʃ/ em posição de travamento de sílaba medial ou final, como em diʃpencava, eʃtado, diʃque, todoʃ, raiʃ, se mostrou muito produtiva na célula em que todos os informantes realizaram esse traço em 71% das ocorrências.

A variação entre a lateral, semivogal posterior e a retroflexa [l] ~ [w] ~ [ɻ] em posição de travamento de sílaba medial registrou-se um índice de 73% mantendo-se o /l/ final 74 % sinalizando uma possível diminuição no uso desse traço na variedade cuiabana. Dessa forma, nesta célula os índices estão quase se equiparando.

O rotacismo apareceu em 97% das ocorrências na fala de todos os informantes, como em: <frô> <crube> mostrando-se como um traço forte.

A troca de /b/ por /v/ ocorreu em um informante, o número 14 como em: bamo e labareda. A iodização também apareceu em todos os informantes com 82,5% de uso, como em: trabajo, batajo, mejó, assim como a troca de /b/ por /v/ também é considerado um traço do dialeto caipira, possível herança do galego português.

De modo geral, os informantes da célula 3 demonstram usos e variações das consoantes muito semelhantes entre si, em torno de 30% de fonemas que representam os traços inovadores e 70% de alofones que representam os traços conservadores. Demonstrando uma diferença em torno de 40%, no modo de falar esses traços.

- **Célula 4**

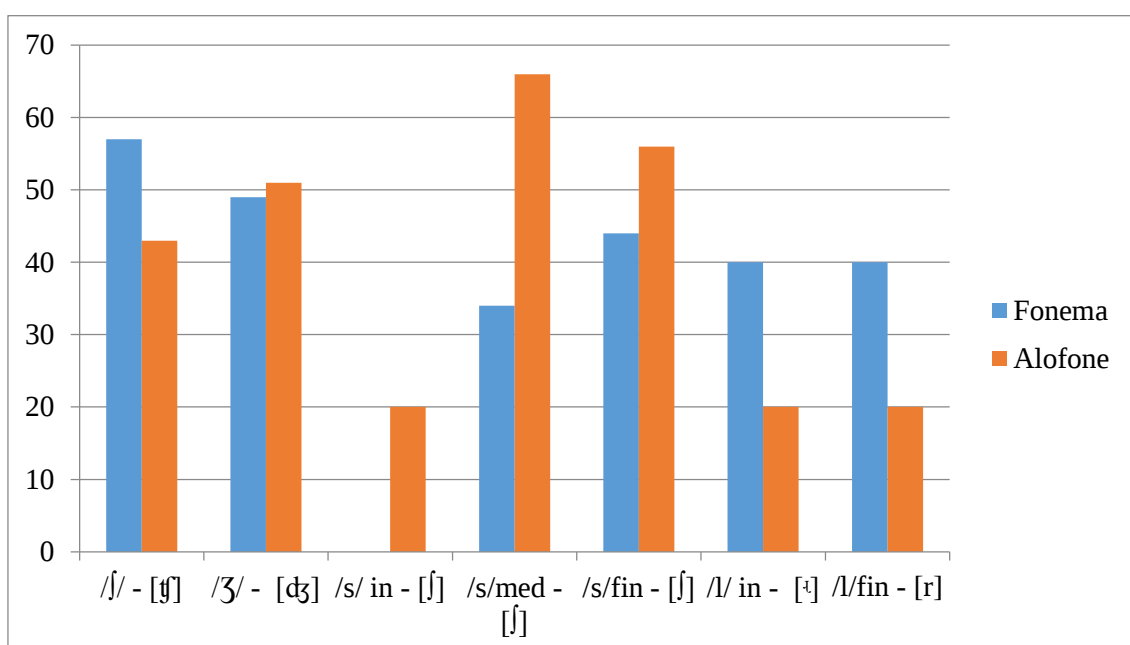
Composta por cinco homens na faixa etária abaixo de 50 anos.

QUADRO 24 – Média geral dos usos e variações das consoantes utilizadas pelas informantes da célula 4

Fonema		Alofone		Total
/t/	%	[tʃ]	%	100%
	57		43	
/d/	%	[dʒ]	%	100%
	49		51	
/s/ inicial	%	[ʃ]	%	100%
	0		20	
/s/ medial	%	[ʃ]	%	100%
	34		66	
/s/ final	%	[ʃ]	%	100%
	44		56	
/l/ medial	%	[ɫ]	%	100%
	40		20	
/l/ final		[r]		100%
	40		20	

ROTACISMO	%	[r]	%		100%
	40		20		
Troca de /b/ por /v/		02	20%	02	100%
Iodização					
/lh/	%	[j]	%		
	18,5		22		100%

Gráfico 4: Média geral dos usos e variações das consoantes utilizadas pelas informantes da célula 4



A célula 4 apresenta todos os informantes usando as africadas [ʝ] 43% e [dʒ] 51% do que as fricativas /j/ 57% e /ʒ/ 49%, exceto o informante número 20, que não apresentou essa realização.

Dos cinco informantes, apenas o informante 17 apresenta o uso de /j/ inicial mais do que /s/, resultando em 20% seu uso.

A realização de /j/ mais do que /s/ em posição de travamento de sílaba medial foi o traço mais realizado nesta célula com índice de /j/ 66%, /s/ 34% ou final /j/ 56% e /s/ 44% mostrando-se muito produtiva nesta célula, pois todos os informantes o realizaram.

A variação entre a lateral, semivogal posterior e a retroflexa [l] ~ [w] ~ [ɭ], em posição de travamento de sílaba medial, registrou um índice de 63,4%, mantendo-se

porém o /l/ final, 44,1%, projetando uma possível diminuição no uso desse traço na variedade cuiabana. Dessa forma nesta célula os índices estão aproximadamente se equiparando.

O rotacismo apareceu na fala de dois informantes, número, 17 e 18, e se mostrou um traço pouco usado entre os mais jovens, com um índice de 20%.

A troca de /b/ por /v/ ocorreu em dois informantes, números 16 e 18. A iodização também apareceu em dois informantes, número 17 e 18 com um índice de 22%, assim como a troca de /b/ por /v/. O informante número 20, de todos os traços pesquisados, realiza apenas dois, o /ʃ/ mais vezes do que /s/ em posição de travamento de sílaba medial ou final.

De modo geral, os informantes da célula 4 demostram usos e variações das consoantes muito semelhantes entre si, em torno de 50% de fonemas que representam os traços inovadores e 40% de alofones que representam os traços conservadores. Demonstrando uma diferença em torno de 10%, no modo de falar esses traços.

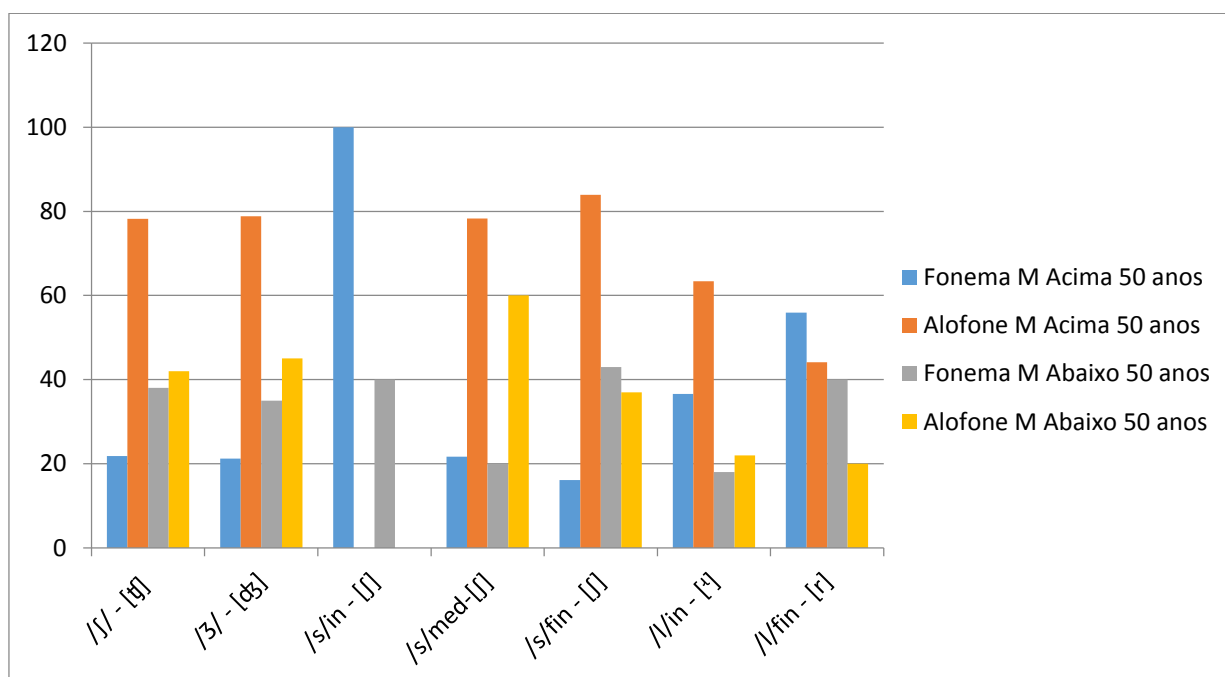
4.2.1 Comparação entre as células 1 e 2

QUADRO 25 – Comparativos dos índices (%) mulheres acima 50 anos X mulheres abaixo dos 50 anos, fonema/alofone

Traços Consonantais	Fonema M Acima 50 anos	Alofone M Acima 50 anos	Traços Consonantais	Fonema M Abaixo dos 50 anos	Alofone M Abaixo dos 50 anos
/ʃ/ - [tʃ]	38,0	42,0	/ʃ/ - [tʃ]	57,0	43,0
/ʒ/ - [dʒ]	35,0	45,0	/ʒ/ - [dʒ]	49,0	51,0
/s/in - [j]	40,0	0,0	/s/in - [j]	0,0	20,0
/s/med-[j]	20,0	60,0	/s/med-[j]	34,0	66,0
/s/fin - [j]	43,0	37,0	/s/fin - [j]	44,0	56,0
/l/in - [ɹ]	18,0	22,0	/l/in - [ɹ]	40,0	20,0
/l/fin - [r]	40,0	20,0	/l/fin - [r]	40,0	20,0

Fonte: (Adaptado de Mussalin; Bentes, 2001, p. 134)

GRÁFICO 5 – Comparativos dos índices (%) mulheres acima dos 50 anos X mulheres abaixo dos 50 anos, fonema/alofone



Fonte: (Adaptado de Mussalin; Bentes, 2001, p. 134)

As células 1 e 2, são compostas apenas por pessoas do gênero feminino, a célula 1, por mulheres acima de 50 anos, a célula 2, mulheres abaixo de cinquenta anos, apresentam diferenças entre si quanto a realização de todos os traços. Na comparação entre as duas células torna-se evidente uma acentuada diminuição nos usos desses traços na faixa etária 2, entre as mulheres mais jovens. Enquanto as informantes da célula 1 demonstram usos e variações das consoantes em torno de 25% de fonemas e 75% de alofones a célula 2 demonstram usos e variações das consoantes em torno de 38% de fonemas e 45% de alofones. Demonstrando diferenças quanto ao uso de fonemas em torno de 10% e de alofones em torno de 30% no modo de falar esses traços.

Quanto ao uso das africadas e fricativas a célula 1 apresenta todas as informantes, da faixa etária acima de 50, anos usando mais as africadas [tʃ] e [dʒ] do que as fricativas /ʃ/ e /ʒ/ a média foi de 78,2% para [tʃ] e de 21,8% para /ʃ/ e 78,8% para [dʒ] e 21,2% para /ʒ/. A célula 2 apresenta a média das cinco informantes da faixa etária abaixo de 50 anos, africadas [tʃ] 42% e [dʒ] 45% do que as fricativas /ʃ/ 38% e /ʒ/ 35%. Então a diferença entre os usos e variações das africadas, entre as duas células, foi em torno de 35% das africadas e de 15% das fricativas.

Quanto ao uso de /j/ e /s/, na célula 1, ocorreu em 100% na fala das informantes, neste contexto. Já na célula 2, das cinco informantes três apresentam o uso de /j/ por /s/, as informantes apresentaram um resultado numa média de 40%. Quanto ao uso deste traço as células 1 e 2 apresentam uma diferença de uso em torno de 60%.

A realização de /j/, em posição de travamento de sílaba medial ou final, na célula 1, resultou no total de 89% das ocorrências de sílaba medial e 78,3% final. Na célula 2, a realização de /j/ em variação com /s/ na sílaba medial foi de 60% para 20%, este foi o traço com maior índice de uso nesta célula. Em posição de travamento final foi o contrário /j/ 37% para /s/ 43%. Apresentam para este traço uma diferença, entre as células, para a sílaba medial em torno de mais de 20% e de sílaba final em torno de 50%.

Na célula 1, a variação entre a lateral, semivogal posterior e a retroflexa [l] ~ [w] ~ [ɭ], em posição de travamento de sílaba medial, registrou um índice de 63,4%, mantendo porém o /l/ final em 44,1 %. Já na célula 2, em posição de travamento de sílaba medial, registrou-se um índice de 42% mantendo porém o /l/ final 58%. Apresentam para este traço uma diferença, entre as células, para a sílaba medial em torno de mais de 10% e de sílaba final em torno de 20%.

A respeito do rotacismo observou-se que tanto na célula 1 quanto na célula 2, ele apareceu em 100% das ocorrências na fala de todas as informantes como um traço forte da variante.

A iodização também apareceu em dezoito ocorrências, em todas as informantes com 88% de uso, na célula 1 e na célula 2 apareceu em três informantes totalizando 24% das ocorrências. Apresentam para este traço uma diferença, entre as células, para a sílaba medial em torno de mais de 60%.

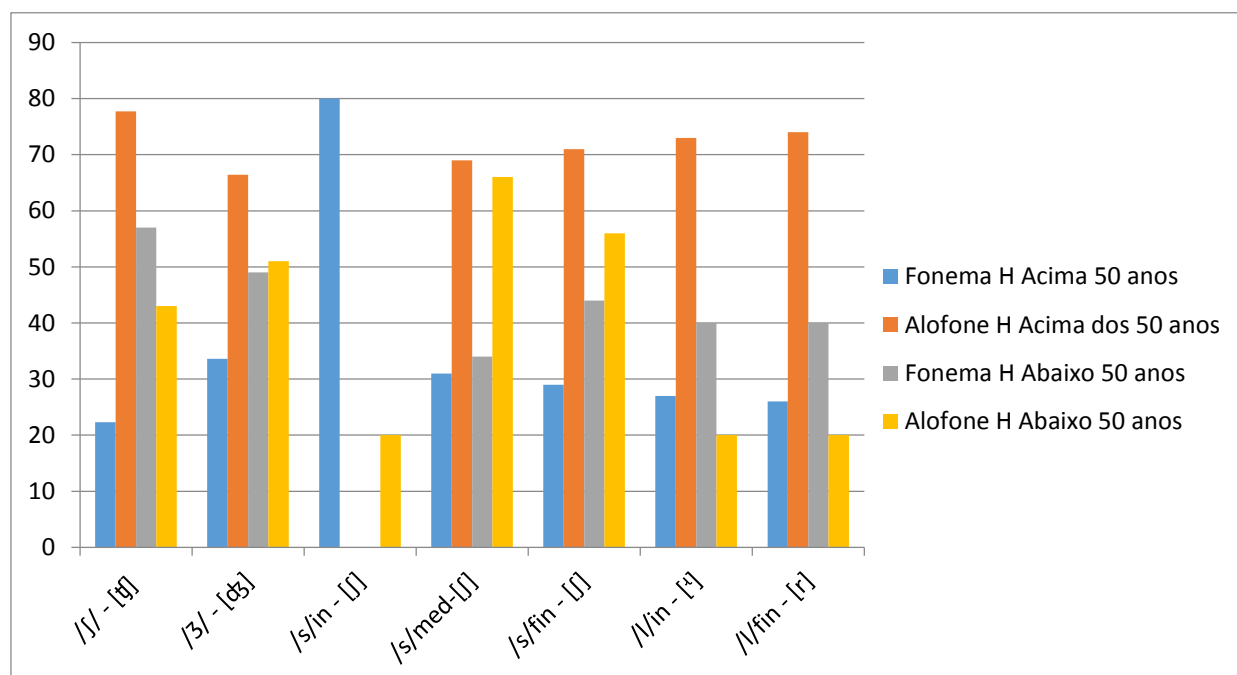
De modo geral, observou-se que a célula 1, mulheres mais velhas, apresentam alto índice de conservação de todos os traços, pesquisados aqui, que representam os traços conservadores do falar cuiabano. Porém a célula 2, mulheres jovens, demonstram menos usos dos traços mais típicos do falar cuiabano e pouca diferença entre os fonemas e os alofones, o que pode indicar um processo de variação e mudança no uso desses traços na comunidade de São Gonçalo Beira Rio. O gráfico indica uma gradual diminuição nos usos dos traços mais marcantes do falar cuiabano de acordo com a idade.

4.2.2 Comparação entre as célula 3 e 4

QUADRO 26 – Comparativos dos índices (%) homens acima 50 anos X homens abaixo dos 50 anos, fonema/alofone

Traços Consonantais	Fonema H Acima 50 anos	Alofone H Acima 50 anos	Traços Consonantais	Fonema H Abaixo dos 50 anos	Alofone H Abaixo dos 50 anos
/j/ - [tʃ]	22,3	77,7	/j/ - [tʃ]	57,0	43,0
/ʒ/ - [dʒ]	33,6	66,4	/ʒ/ - [dʒ]	49,0	51,0
/s/in - [ɪ]	80,0	0,0	/s/in - [ɪ]	0,0	20,0
/s/med-[ɪ]	31,0	69,0	/s/med-[ɪ]	34,0	66,0
/s/fin - [ɪ]	29,0	71,0	/s/fin - [ɪ]	44,0	56,0
/l/in - [ɹ]	27,0	73,0	/l/in - [ɹ]	40,0	20,0
/l/fin - [r]	26,0	74,0	/l/fin - [r]	40,0	20,0

GRÁFICO 6 – Comparativos dos índices (%) homens acima dos 50 anos X homens abaixo dos 50 anos, fonema/alofone



Fonte: (Adaptado de Mussalin; Bentes, 2001, p. 134)

As células 3 e 4, compostas apenas por pessoas do gênero masculino, apresentam uma diferença entre si quanto à realização de todos os traços, pois a comparação entre a célula 3, homens acima de 50 anos, com a célula 4, homens abaixo de cinquenta anos,

revela uma diminuição nos índices. Mas, ainda assim, pode mostrar sinais de conservação entre os mais jovens, principalmente no uso das africadas, e /ʃ/ medial e final.

A célula 3 apresenta todos os informantes realizando mais vezes as africadas [tʃ] e [dʒ] do que as fricativas /ʃ/ e /ʒ/. A média do uso das africadas, nesta célula, foi de 77,7% para [tʃ] e de 22,3% para /ʃ/. Para [dʒ] 66,4% e para /ʒ/ 33,6%. A célula 4 apresenta todos os informantes usando as africadas [tʃ] 43% e [dʒ] 51% do que as fricativas /ʃ/ 57% e /ʒ/ 49%. Então a diferença entre os usos e variações das africadas, entre as duas células, foi em torno de 30% das africadas e de 20% das fricativas.

Quanto ao uso de /ʃ/ e /s/ inicial resultou, na célula 3, no total de 80% das ocorrências. Na célula 4 girou em 20%. Então a diferença entre os usos e variações, entre as duas células, foi em torno de 60%

A realização de /ʃ/ em posição de travamento de sílaba medial ou final, na célula 3 se mostrou muito produtiva pois todos os informantes realizaram esse traço em 71% das ocorrências. Na célula 4 foi o traço mais realizado nesta célula com índice de /ʃ/ 66% ou final /ʃ/ 56%. Apresentam para este traço uma diferença, entre as células, para a sílaba medial em torno de mais de 10% e de sílaba final em torno de 15%.

A variação entre a lateral, semivogal posterior e a retroflexa [l] ~ [w] ~ [ɭ] em posição de travamento de sílaba medial, na célula 3, registrou-se um índice de 73% mantendo-se o /l/ final 74%. Na célula 4, registrou-se um índice de 63,4% medial, mantendo-se porém o /l/ final, 44,1%, projetando uma possível diminuição no uso desse traço na variedade cuiabana. Apresentam para este traço uma diferença, entre as células, para a sílaba medial em torno de mais de 10% e de sílaba final em torno de 30%.

O rotacismo apareceu em 97% das ocorrências na fala de todas as informantes da célula 3 mostrando-se um traço forte. Na célula 4, o rotacismo apareceu na fala com um índice de 20% e se mostrou um traço pouco usado entre os mais jovens. Apresentam para este traço uma diferença, entre as células, de mais de 60%.

Na célula 3, a troca de /b/ por /v/ ocorreu em um informante, o número 14 demonstrando um uso reduzido e possível desaparecimento apesar de esse traço. A troca de /b/ por /v/ ocorreu em dois informantes, números 16 e 18. Demonstrando pouco uso e possível desaparecimento.

Na célula 3, a iodização apareceu em todos os informantes com 82,5% de uso. Na célula 4 apareceu em dois informantes, número 17 e 18 com um índice de 22%, assim como a troca de /b/ por /v/. Apresentam para este traço uma diferença, entre as células, em torno de 60%.

De modo geral, observou-se que na célula 3, homens mais velhos, há um alto índice de conservação de todos os traços, pesquisados aqui, que representam os traços conservadores do falar cuiabano. Porém a célula 4, homens jovens, demonstram menos usos dos traços mais típicos do falar cuiabano e pouca diferença entre os fonemas e os alofones, o que pode indicar um processo de variação e mudança no uso desses traços na comunidade de São Gonçalo Beira Rio. Dessa forma o gráfico indica uma gradual diminuição nos usos dos traços mais marcantes do falar cuiabano de acordo com a idade.

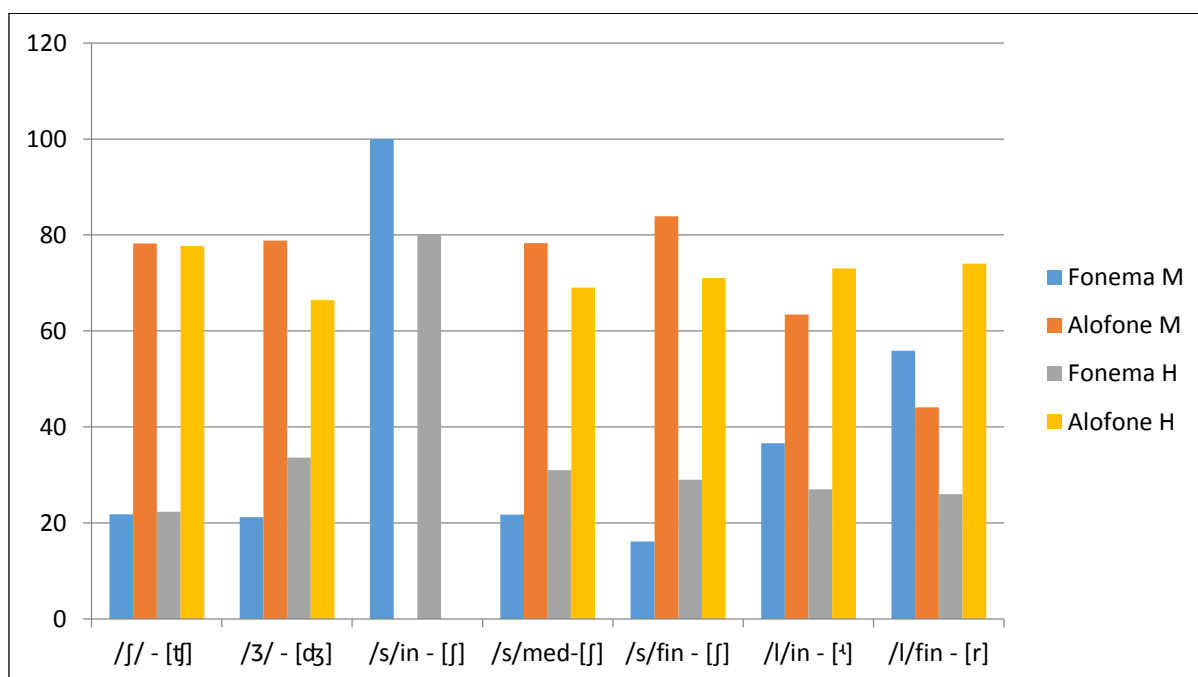
4.2.3 Comparação entre as células 1 e 3

As células 1 e 3 representam a faixa etária 1, acima dos 50 anos, os dois gêneros, masculino e feminino.

QUADRO 27 – Comparativos dos Índices (%) Mulheres X Homens Acima dos 50 anos, Fonema/Alofone

Traços Consonantais	Fonema M	Alofone M	Traços Consonantais	Fonema H	Alofone H
/j/ - [tʃ]	21,8	78,2	/j/ - [tʃ]	22,3	77,7
/ʒ/ - [dʒ]	21,2	78,8	/ʒ/ - [dʒ]	33,6	66,4
/s/in - [j]	100,0	0,0	/s/in - [j]	80,0	0,0
/s/med- [j]	21,7	78,3	/s/med- [j]	31,0	69,0
/s/fin - [j]	16,1	83,9	/s/fin - [j]	29,0	71,0
/l/in - [ɹ]	36,6	63,4	/l/in - [ɹ]	27,0	73,0
/l/fin - [r]	55,9	44,1	/l/fin - [r]	26,0	74,0

GRÁFICO 7 – Comparativos dos índices (%) mulheres x homens acima dos 50 anos, fonema/alofone



Fonte: (Adaptado de Mussalin; Bentes, 2001, p. 134)

Estas células refletem a fala dos entrevistados mais velhos da comunidade e demonstram que estes preservam mais todos os traços do falar cuiabano citados neste trabalho. Quanto ao uso das africadas, que parece ser o traço mais característico do falar cuiabano, os índices são muito próximos, mulheres [tʃ] 78,2% e [dʒ] 78,8% e uso das fricativas /j/ 21,8% e /ʒ/ 21,2%, e os homens [tʃ] 77,7% e [dʒ] 66,4% do que as fricativas /j/ 22,3% e /ʒ/ 33,6%. Há, aparentemente, um índice muito semelhante entre estas duas células. Então a diferença entre os usos e variações das africadas, entre as duas células, foi em torno de 5%. Mas os dados apontam para uma maior preservação dos traços nas falas dos homens.

Na variação de /j/ inicial, observou-se que foi utilizado por todos os informantes, de ambas as células este traço resultando em 100% das ocorrências.

A realização de /j/ em posição de travamento de sílaba medial ou final, na célula 1 se mostrou muito produtiva na célula em que todas as informantes realizaram esse traço em 71% em sílaba medial das ocorrências e de 80% na sílaba final. Na célula 3 houve um índice de /j/ 66% medial e para o final /j/ 56%. Mostrando-se muito produtiva nesta célula, pois todos os informantes o realizaram. Apresentam para este traço uma diferença, entre

as células, para a sílaba medial em torno de mais de 30% e de sílaba final em torno de 60%.

A variação entre a lateral, semivogal posterior e a retroflexa [l] ~ [w] ~ [ɭ], em posição de travamento de sílaba medial, na célula 1, registrou um índice de 63,4%, mantendo porém o /l/ final em 44,1%. Já na célula 3, registrou-se um índice de 73% mantendo-se o /l/ final 74% sinalizando uma possível diminuição no uso desse traço na variedade cuiabana. Dessa forma, nesta célula os índices estão quase se equiparando. Apresentam para este traço uma diferença, entre as células, para a sílaba medial em torno de mais de 15% e de sílaba final em torno de 1%.

O rotacismo apareceu em 100% das ocorrências na fala de todas as informantes, da célula 1 e em 97% das ocorrências na fala de todas as informantes da célula 3, mostrando-se como um traço forte. Apresentam para este traço uma diferença, entre as células em torno de 3%.

A troca de /b/ por /v/, na célula 1, ocorreu em duas informantes, com o total de seis ocorrências: a número 2 e a número 5. Na célula 3, ocorreu em um informante, o número 14, demonstrando-se assim um uso reduzido.

Na célula 1 a iodização também apareceu em dezoito ocorrências, em todas as informantes com 88%. Já na célula 3, apareceu em todos os informantes com 82,5% de uso. Apresentam para este traço uma diferença, entre as células em torno de 5%.

De modo geral, observou-se que a célula 1, mulheres mais velhas, há um índice de conservação de todos os traços, pesquisados aqui, que representam os traços conservadores do falar cuiabano, igualmente a célula 3, homens mais velhos, também apresenta um índice alto de preservação dos traços conservadores do falar cuiabano.

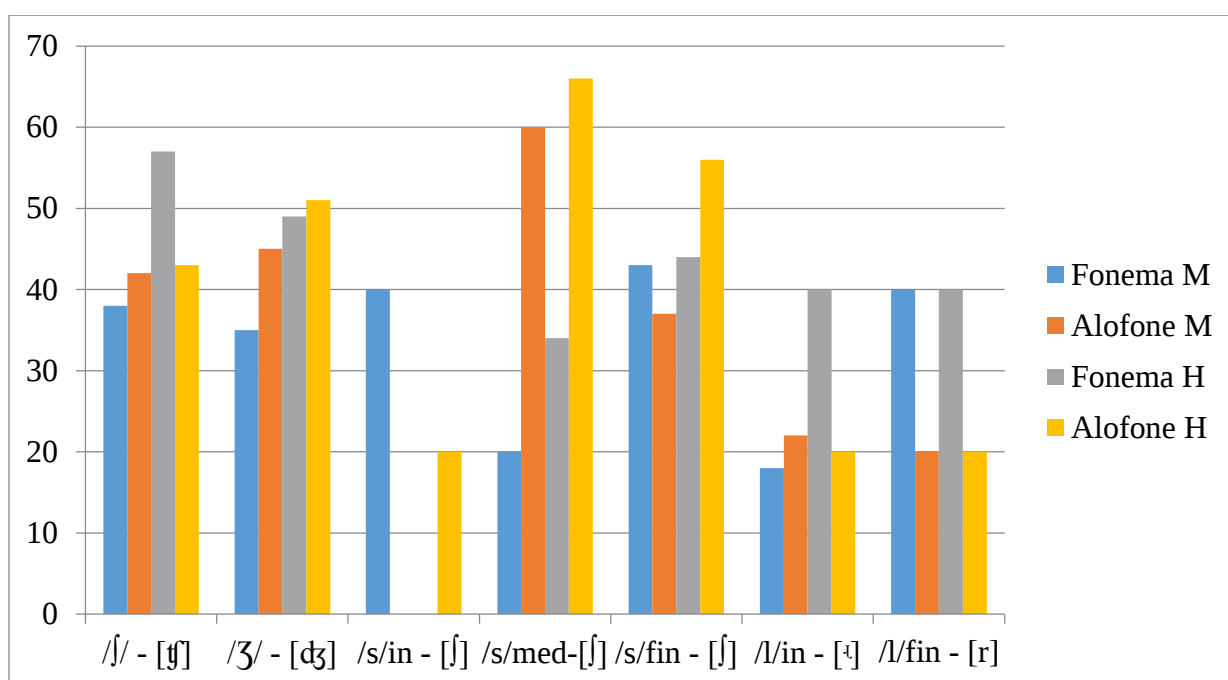
4.2.4 Comparação entre as células 2 e 4

As células 2 e 4 representam a faixa etária número 2, abaixo dos 50 anos, os mais jovens, observa-se que o uso dos traços característicos do falar cuiabano vão diminuindo gradualmente e os traços considerados inovadores aumentam na fala dos informantes mais jovens, tanto as mulheres como os homens.

QUADRO 28 – Comparativos dos índices (%) mulheres x homens abaixo dos 50 anos, fonema/alofone

Traços Consonantais	Fonema M	Alofone M	Traços Consonantais	Fonema H	Alofone H
/j/ - [tʃ]	38,0	42,0	/j/ - [tʃ]	57,0	43,0
/ʒ/ - [dʒ]	35,0	45,0	/ʒ/ - [dʒ]	49,0	51,0
/s/in - [ɲ]	40,0	0,0	/s/in - [ɲ]	0,0	20,0
/s/med- [ɲ]	20,0	60,0	/s/med- [ɲ]	34,0	66,0
/s/fin - [ɲ]	43,0	37,0	/s/fin - [ɲ]	44,0	56,0
/l/in - [ɻ]	18,0	22,0	/l/in - [ɻ]	40,0	20,0
/l/fin - [r]	40,0	20,0	/l/fin - [r]	40,0	20,0

GRÁFICO 8 – Comparativos dos índices (%) mulheres x homens abaixo dos 50 anos, fonema/alofone



Fonte: (Adaptado de Mussalin; Bentes, 2001, p. 134)

Estas células 2 e 4, refletem a fala dos entrevistados mais jovens da comunidade e demonstram diminuição nos usos de todos os traços do falar cuiabano citados neste trabalho. Quanto ao uso das africadas, que se mostram como o traço mais característico da variedade cuiabana, os índices são muito próximos, mulheres [tʃ] 42% e [dʒ] 45% e as fricativas /j/ 38% e /ʒ/ 35%, e os homens [tʃ] 43% e [dʒ] 51% das fricativas /j/ 57% e /ʒ/

49%. Então a diferença entre os usos e variações das africadas, entre as duas células, foi em torno de 5% das africadas e de 10% das fricativas.

As cinco informantes, da célula 2 apresentam o uso de /ʃ/ inicial, em média de 40% e da célula 4 em 20% de seu uso. Apresentam para este traço uma diferença, entre as células em torno de mais de 20%.

Na célula 2 a realização de /ʃ/ em variação com /s/ na sílaba medial foi de 60% para 20% em posição de travamento final foi o contrário /ʃ/ 37% final como /s/ 43% em toda a célula e um total de 4 informantes realizaram esse traço. Já na célula 4 com índice de /ʃ/ 66%, /s/ 34% ou final /ʃ/ 56% e /s/ 44%. Apresentam para este traço uma diferença, entre as células, para a sílaba medial em torno de mais de 20% e de sílaba final em torno de 10%.

Na célula 2 a variação entre a lateral, semivogal posterior e a retroflexa [l] ~ [w] ~ [ɭ], em posição de travamento de sílaba medial, registrou um índice de 63,4% mantendo porém o /l/ final 44,1%. Na célula 4, em sílaba medial, registrou-se um índice de 60%, mantendo-se porém o /l/ final, 41%, projetando uma possível diminuição no uso desse traço na variedade cuiabana. Apresentam para este traço uma diferença, entre as células, para a sílaba medial em torno de 5% e de sílaba final em torno de 3%. Dessa forma nesta célula os índices estão quase se equiparando.

Na célula 2 rotacismo apareceu na fala das informantes número 6, 7 e 8 pois foram usadas em 30% das ocorrências. E na célula 4 apareceu na fala de dois informantes, número, 17 e 18 com um índice de 20%. Apresentam para este traço uma diferença de 10% e se mostrou um traço pouco usado entre os mais jovens.

Na célula 2 troca de /b/ por /v/ ocorreu em uma informante, a número 8. Já na célula 4 ocorreu em dois informantes, números 16 e 18. Na célula 2, o fenômeno linguístico da iodização também apareceu em três informantes totalizando 24% das ocorrências. A informante 10 não realiza nenhum dos traços da variedade cuiabana pesquisados neste trabalho. Já na célula 4 apareceu em dois informantes, número 17 e 18 com um índice de 22%.

Os índices dos usos desses traços entre os mais jovens são muito próximos, porém, aparentemente, os homens estão preservando esses traços mais do que as mulheres, nesta faixa etária. Refletindo o resultado semelhante ao das células 1 e 3, dos mais velhos, em

que os homens preservaram mais os traços estudados. Dentre os informantes mais jovens da pesquisa, a informante número 10 não realiza nenhum dos traços e o informante número 20 realiza apenas dois traços, o /ʃ/ no lugar do /s/ em posição de travamento de sílaba medial ou final.

Nos informantes números 3 e 4, não foram encontrados o uso de /ʃ/ em início de sílaba. Este traço, representa um traço antigo do falar cuiabano provavelmente, está deixando de ser usado entre as mais jovens da comunidade de São Gonçalo Beira Rio.

Na célula 2, mulheres jovens, demonstram menos usos dos traços mais típicos do falar cuiabano e pouca diferença entre os fonemas e os alofones, o que pode indicar um processo de variação e mudança no uso desses traços na comunidade de São Gonçalo Beira Rio. O gráfico indica uma gradual diminuição nos usos dos traços mais marcantes do falar cuiabano de acordo com a idade.

A célula 4, homens jovens, demonstram menos usos dos traços mais típicos do falar cuiabano e pouca diferença entre os fonemas e os alofones, o que pode indicar um processo de variação e mudança no uso desses traços na comunidade de São Gonçalo Beira Rio. O gráfico indica uma gradual diminuição nos usos dos traços mais marcantes do falar cuiabano de acordo com a idade.

4.3 Conservação ou inovação?

Cunha (1985, p. 202) “[...] afirma que a língua portuguesa deve ter se desenvolvido no Brasil, durante séculos em condições sócio-culturais mais propícias à conservação do que à renovação de suas formas”. Esse conservadorismo, possivelmente, sofreu alterações no século XVIII e posteriormente com a vinda da família real para o Brasil.

Segundo Castilho (2001, p. 59) é provável que houvesse dois tipos de português falado: um mais para o interior, mais arcaico, portanto mais próximo do falar paulista, outro falado na cidade, com aspectos inovadores. A região de povoamento paulista sempre ficou à margem das inovações ocorridas na metrópole, e então o português aí falado pode ser um português arcaico.

Observa Amaral (1976, p. 13) que é natural que, diante de certas formas apontadas como arcaicas são em grande número, relativamente ligadas as formas esquecidas ou desusadas na língua. Lendo-se certos documentos vernáculos dos fins do século XV e de

princípios e meados do século XVI, fica-se impressionado pelo ar de semelhança da respectiva linguagem com a dos nossos roceiros e com a linguagem tradicional dos paulistas de “boa família”, que não é senão o mesmo dialeto um pouco mais polido. Na carta de Pero Vaz Caminha abundam formas vocabulares e modismos envelhecidos na língua, mas ainda bem vivos no falar caipira.

Segundo Cox (2008, p. 33) desde a década de 1980, estudos vêm apontando profundas mudanças no falar cuiabano,

[...] registrado por Palma (1984) que, entre os cuiabanos jovens, as africadas [tʃ] e [dʒ] estavam deixando de ser variantes das fricativas [ʃ] e [ʒ] para serem variantes das oclusivas dentais [t] e [d] seguidas contiguamente pela vogal [i]. Eles abandonavam formas como [tʃuva] e [dʒuka], mas incorporavam formas como [dʒia] e [tʃia]. Se do ponto de vista fonético, quer dizer, estritamente linguístico, são semelhantes, do ponto de vista sociolinguístico valem diferentemente. Como variantes de [ʃ] e [ʒ], [tʃ] e [dʒ], respectivamente, revestem-se de uma aura negativa decorrente do processo de folclorização da essência, por assim dizer, do falar cuiabano no novo cenário socioeconômico- cultural. Porém, como variantes de [t] e [d], [tʃ] e [dʒ] são avaliados positivamente, desejados e incorporados à fala dos mais jovens.

Dessa forma os dados desta pesquisa apontam para a preservação dos traços mais característicos do falar cuiabano nas células 1 e 3, da faixa etária acima de 50 anos. Nas células 2 e 4, da faixa etária abaixo de 50 anos, esses traços estão sendo menos usados, provavelmente estão em processo de variação e possível apagamento. Os jovens estão utilizando mais os traços inovadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo realizar o estudo do uso e da variação de algumas consoantes no falar cuiabano na comunidade de São Gonçalo Beira Rio em Cuiabá. Realizou-se, no capítulo 1, um breve histórico da língua portuguesa, da língua geral, português brasileiro e do falar cuiabano. No capítulo 2, realizaram-se comentários de aspectos históricos, da comunidade em estudo, São Gonçalo Beira Rio e Cuiabá, localidades, caracterizadas como região pertencente à chamada *Área Cultural Caipira* (RIBEIRO, 2006, p. 346). No capítulo 3, apresentaram-se os informantes e as entrevistas realizadas como *corpus* desta pesquisa. E no capítulo 4, a descrição, tabulação e análise das consoantes mais características no falar cuiabano.

As consoantes no falar cuiabano pesquisadas neste trabalho foram: a variação entre fricativas e africadas [ʃ] e [ʒ] ~ [tʃ] e [dʒ], a variação entre sibilante e chiante [s] ~ [ʃ] em início de sílaba, entre sibilante e chiante [s] ~ [ʃ] em travamento de sílaba medial ou final, a variação entre a lateral e a vibrante alveolares [l] ~ [r] nos grupos consonantais pl, bl, tl, cl, kl, gl fl, vl, o rotacismo, a variação entre a lateral, semivogal posterior e a retroflexa [l] ~ [w] ~ [ɻ] em posição de travamento de sílaba medial ou final, a troca de /b/ por /v/ e a iodização [λ] ~ [j].

Sobre os usos das africadas e fricativas [tʃ] e [dʒ], observou-se que os índices alcançados apontam uma diferença entre as duas faixas etárias as mulheres e os homens mais jovens usam com menos frequência as africadas e mostram pouca adesão ao uso, revelando maior identificação com as fricativas. Traço muito utilizado nas células 1 e 3, da faixa etária acima de 50 anos, em torno de 80%. Porém entre os mais jovens demonstrou ser um traço, provavelmente em processo de apagamento, foi pouco utilizado apresentando em torno de 40%.

Já os mais velhos de ambos os sexos mostram uma fala marcada pelo uso das africadas o que confirma o resultado do estudo de Palma (1980, p. 96),

[...] o processo de uma mudança linguística pode ser evidenciado se o fator tempo for levado em consideração. Este, no caso presente, é expresso pelo grupo faixa etária. Com elementos distribuídos entre 20 e 82 anos, representando portanto, um espaço de 62 anos, é que possibilita tal evidência.

A variação entre sibilante e chiente [s] ~ [ʃ] em início de sílaba, traço muito utilizado nas células 1 e 3, da faixa etária acima de 50 anos, em torno de 90%. Porém entre os mais jovens demonstrou ser um traço, provavelmente em processo de apagamento, pois não foi identificado em nenhum informante.

A variação entre sibilante e chiente [s] ~ [ʃ] em travamento de sílaba medial ou final, este traço foi muito produtivo em todas as células. Porém nas células 1 e 2 seu índice foi maior do que entre os jovens, em torno de 90%. Este traço, dentre todos os traços pesquisados neste trabalho, foi o único encontrado na fala de 60% dos jovens, demonstrando ser um traço resistente do falar cuiabano.

A variação entre a lateral e a vibrante alveolares [l] ~ [r] nos grupos consonantais pl, bl, tl, cl, kl, gl fl, vl, o rotacismo. Este traço foi registrado com um índice alto na faixa etária acima de 50 anos, em torno de 60%, mas entre os jovens houve um índice bem menor em torno de 20%.

A variação entre a lateral, semivogal posterior e a retroflexa [l] ~ [w] ~ [ɭ] em posição de travamento de sílaba medial ou final, se mostrou um traço produtivo na faixa etária acima de 50 anos, em torno de 60%. Mas nos jovens, houve um número reduzido de ocorrências em torno de 20%. Observou-se, ainda, no falar cuiabano ocorrências em que os informantes não utilizaram esta variação, quer dizer, em final de palavra suprimiram a consoante final, como por exemplo em: farol – faró, canavial – canaviá dentre outros. Este dado não foi quantificado nesta pesquisa, mas pode ser explorado em pesquisas futuras.

A troca de /b/ por /v/ se mostrou um traço produtivo na faixa etária acima de 50 anos, em 60% das ocorrências. Mas na faixa etária dos jovens, houve um número reduzido de ocorrências em torno de 20%. Traço provavelmente em processo de variação e apagamento no falar cuiabano.

A iodização [λ] ~ [j] se mostrou um traço produtivo na faixa etária acima de 50 anos, em 60% das ocorrências. Mas na faixa etária dos jovens, houve um número reduzido de ocorrências em torno de 20%. Traço provavelmente em processo de apagamento no falar cuiabano.

De modo geral as células que apresentaram o maior índice de conservação foram as células números 1 e 3. A célula 1 apresentou o total de 703 ocorrências enquanto a célula 3 demonstrou o total de 754 ocorrências dos traços mais típicos do falar cuiabano. Já as células números 2 e 4 apresentaram maior índice com tendência a utilizar os traços inovadores. A célula 2 apresentou o total de 274 ocorrências enquanto a célula 4

demonstrou 283. Labov (1972, p. 243) afirma que com relação ao gênero feminino há maior influência a emissão de formas de prestígio. Em seus estudos em Nova Iorque comprovou que as mulheres em falas descontraídas usam, em proporções menores que a dos homens, as formas estigmatizadas. Demonstrando que as mulheres são mais sensíveis aos padrões de prestígio do que os homens. Como podemos verificar nos resultados deste trabalho.

Uma explicação possível para o alto índice de realização dos traços inovadores entre os falantes mais jovens, deve estar relacionada não só ao próprio estilo formal, que já prevê um comportamento linguístico bem cuidado por parte do falante, como também ao fato de as pessoas mais jovens, por encontrarem-se mais expostas às pressões sociais do meio em que vivem, podem sofrer influência desse meio sobre seu comportamento linguístico.

Há diferenças entre as variantes padrão e não padrão. As variantes padrão são, *grosso modo*, as que condizem com as prescrições dos manuais de norma padrão; já as variantes não padrão se afastam desse modelo. Mesmo que não seja a variante mais usada por uma comunidade, a variante padrão é, em geral, a variante de prestígio, enquanto a não padrão é muitas vezes estigmatizada por essa comunidade – pode haver comentários negativos à forma ou aos falantes que a empregam. Ademais, as variantes padrão tendem a ser conservadoras, fazendo parte do repertório linguístico da comunidade há mais tempo, ao passo que as variantes não padrão tendem a ser inovadoras na comunidade.

A exposição desse estudo serviu, principalmente, para mostrar que apenas resultados expostos em tabelas não são suficientes para a análise de um fenômeno em variação. É necessário, na medida do possível, relacionar os resultados a outros já encontrados, e entender o que a leitura de estudos anteriores sobre o mesmo objeto e o que o contexto social onde ocorre o fenômeno têm a nos dizer.

Este trabalho pretende ser uma contribuição para criar uma agenda para os estudos sobre a fala, sociolinguísticos, em Mato Grosso e inseri-los no cenário nacional enfatizando a importância de se realizar estudos regionais que compõem o chamado português brasileiro, sobre a variedade cuiabana sócio história, seus costumes e manifestações culturais.

Os fenômenos variantes selecionados, como já mencionados, são fenômenos sinalizados como característicos do falar caipira, sendo a maioria deles já difundida, de modo mais generalizado, no que se compreende como português popular brasileiro.

Nessa comunidade no contexto atual, tendo em vista o processo de variação e mudança linguística a que toda e qualquer variedade linguística está sujeita, constatou-se que os participantes da faixa etária 2, os mais jovens, ambos os gêneros, masculino e feminino, realizam poucos traços dentre os mais característicos do falar cuiabano.

Constatou-se que o comportamento linguístico diferenciado em relação à não realização dos traços mais característicos do falar cuiabano que se verifica, atualmente, na fala de jovens, usuários do falar cuiabano, constitui uma das evidências de que esta variedade linguística encontra-se em processo de mudança. Além disso, o quadro atual de variação revela, ainda, que o acesso, cada vez maior dos usuários do falar cuiabano a níveis de escolaridade mais altos é o principal fator que tem contribuído para a assimilação de formas de expressão mais prestigiadas da língua portuguesa, com o consequente apagamento das marcas típicas desta variedade regional.

É importante ainda refletirmos sobre a relevância de pesquisas futuras que explorem a influência das diversas línguas indígenas existentes em Mato Grosso no período da gênese do povo cuiabano que influenciaram na constituição do falar cuiabano.

O processo de uniformização da linguagem é lento, mas gradativo, iniciando-se pelas classes mais escolarizadas e pelos mais jovens, de tal forma que só os menos escolarizados e mais idosos sejam os mantenedores de formas lexicais em processo de arcaização, ou de determinados registros fônicos, como os traços mais característicos do falar cuiabano, como verificado neste trabalho.

Possivelmente o falar cuiabano tem resistido à mudança cultural e linguística que começou com o fenômeno da migração sulista na década de 1960 e se acentuou com a expansão dos meios de comunicação. Como assegura Palma (1980, p. 116) que os cuiabanos “[...] se sentiram pressionados por forças sociais externas, caminham no sentido de adoção de padrões de comportamentos linguísticos, impingidos por normas sociais externas”, percebe-se neste trabalho que os traços mais característicos da variedade cuiabana como o uso das africadas estão diminuindo gradualmente.

Para compreender o constante movimento da língua é preciso pensar que o uso leva a variações e estas produzem as mudanças. Desse modo, não se pode simplesmente generalizar as variações, sem que antes se estabeleçam análises exaustivas. O que aqui se apontou diz respeito somente à observação de um dos recortes possíveis no estudo das relações de uso e variação no falar cuiabano.

Pretende-se que este levantamento possa servir de subsídio para estudos futuros que visem à elaboração de pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento. Este estudo se caracteriza como parcial, podendo ser tomado, no entanto, como complementar em análises futuras efetuadas sobre a variedade cuiabana e o chamado português popular brasileiro.

Por fim a exemplo de Drummond (1985, p. 9) espera-se que este trabalho possa ser, “senão um reencontro dos cuiabanos com seu modo de falar, mas um incentivo a que seja feito e continuado o que propusemos, antes que se desmanche a sonoridade do poema que este povo fala”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil* / J. Capistrano de Abreu. – Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para a leitura de documentos manuscritos* / Vera Lúcia Costa Acioli; apresentação de Leonardo Dantas Silva; prefácio e José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: FUNDAJ, Editora. Massangana; UFPE, Editora Universitária, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Aspectos fonético-fonológicos e sistema ortográfico da língua portuguesa: interferências no binômio ensino-aprendizagem da escrita*. In: AGUILERA, 1997, p. 129-143.

ALMEIDA BARONAS, Joyce Elaine de. *A influência da urbanização na fala de informantes rurais*. 2005, 272 p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita, Araraquara.

AMARAL, Amadeu (1976). *O dialeto caipira*, 3ª edição. São Paulo: HUCITEC.
AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL/MEC, 1982.

ANDRADE, Elias Alves de; BARONAS, Roberto Leiser; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Plano de Guerra da Capitania de Matto Grosso Janeiro de 1800*. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

ANDRADE, Elias Alves de; *Aspectos paleográficos em manuscritos dos séculos XVIII e XIX*. Filologia e Linguística Portuguesa (USP). São Paulo-SP, v. 1, p. 149-172, 2010.

ARRUDA, António de. *O linguajar cuiabano e outros escritos*. Cuiabá: Gráfica Print Express, 1998.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Iniciação em Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Presença Edições; EDUSP, 1987.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico – o que é, como se faz*, 49ª edição. Ed. Loyola, 2007.

BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós cheguemos na escola, e agora?* sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. Trad. Stella Maris Bortoni-Ricardo e Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola, 2011.

CALVET, L-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática: referente à Língua Portuguesa* / J. Mattoso Câmara Junior- 13ª edição. – Petrópolis, Vozes, 1986.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. Joaquim Mattoso. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão Editora, 1975.

CAMPOS, Cristina. *O Falar Cuiabano*. / Cristina Campos. Cuiabá: Carlini e Caniato Editorial, 2014.

CANDIDO, Antônio. *O caipira e sua cultura*. In: Fernandez, Florestan (org.) Comunidade e sociedade no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

CANDIDO, Antônio. A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

CARDOSO, S. A.; MOTA, J. A. *The project linguistic atlas of Brazil: antecedents and current stage*. Alfa, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 845-860, 2012.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. de (org.) *Para a história do português brasileiro, vol. I: primeiras ideias*. São Paulo: Humanitas, 1998.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. *Nova gramática do português brasileiro/ Ataliba T. de Castilho*. – 1. ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014.

Castilho, A. & Preti, D. (orgs.) (1986). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. Materiais para seu estudo. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. I, Elocuções Formais.

CASTRO, Ivo. “*Curso de história da língua portuguesa*”. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CRISTÓ FARO SILVA, Thaïs. *Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios* / Thaïs Cristófaro da Silva. 6ª ed. (revista) – São Paulo: Contexto, 2002.

COX, Maria Inês Pagliarini. *Estudos linguísticos no/do Mato Grosso – o falar cuiabano em evidência*. Polifonia (UFMT), v. 17, p. 75-90, 2009.

COX, Maria Inês Pagliarini. *Falar cuiabano um: heterogeneidade linguística rejeitada*. Linguasagem. (São Paulo), v. 14, p. 1-9, 2010.

COX, Maria Inês Pagliarini & SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo (org.). *Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso / organização*. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005. – (Coleção Tibanaré de estudos mato-grossenses; v. 5 / organizada e dirigida por Mário César Silva Leite).

CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo / Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra*. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DRUMMOND, Maria Francelina Ibraim. *Do falar Cuiabano*, Cuiabá: Gazeta, 1995.

DUNCK, Ema Marta. *Possíveis influências da língua bororo no falar do povo da baixada cuiabana: o caso das africanadas*. Monografia de Especialização realizada pelo departamento de Letras da UFMT. 2002.

ELIA, S. *A unidade linguística do Brasil: condicionamentos geoeconômicos*. Rio de Janeiro: Padrão, 1963.

ELIA, S. *Ensaio de Filologia e Linguística*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil / Boris Fausto*. – 13ª ed., 2. Reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. – (Didática, 1).

GOMES, C. A.; SOUZA, C. N. R. de. Variáveis Fonológicas. In MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: O tratamento da Variação*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 3-80.

HEIDMANN, Angelita Campos. *Edição de documentos mato-grossenses: características paleográficas*. / Angelita Heidmann Campos: Prof. Dr. Elias Alves de Andrade Cuiabá: UFMT, 2011 428 fls. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso.

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. 3ª edição. São Paulo: Editora Parábola, 2003.

HOLANDA, Sérgio. Buarque de, *Raízes do Brasil / Sergio Buarque de Holanda*. - 26ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Introdução à Linguística: domínios e fronteiras, volume 1 / Fernanda Mussalim, Ana Cristina Bentes, organizadoras. – 9. ed. ver. – São Paulo: Cortez, 2012.

JANUÁRIO, Elias Renato da Silva. *As vidas do ribeirão: História, Meio Ambiente e Cotidiano na Comunidade Ribeirinha de São Gonçalo*, Cuiabá, Mato Grosso. / Elias Renato da Silva Januário. Cáceres: Editora Unemat, 2006.

LABOV, William. *Principles of linguistic change. Cognitive and Cultural Factors*: volume 3. Malden & Oxford: Wiley-Blackwell Publishers Inc., 2010.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991 [1972].

LEVADO, R. F. *Um estudo sobre o dialeto caipira em Tietê: um comparativo com a obra de Amadeu Amaral sobre a variante linguística da troca do /l/ pelo /r/ ou rotacismo*. Universidade de São Paulo: 2006.

LIMA, Jose Leonildo. *A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano*. Tese doutorado. Unicamp. Campinas. São Paulo. 2007.

MARCUSHI, Luis. Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe* / Rosa Virgínia Mattos e Silva. – São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios*. In: MATTOS E SILVA, R. V. (org.). *Para a história do português brasileiro*. Primeiros estudos. v. 2. t. 2. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2001. p. 275-301.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa*. In: ALKMIM, T. M. (org.). *Para a história do português brasileiro*. v. 1. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002. p. 443-464.

MEGALE, Heitor. (org.) *Filologia Bandeirante: estudos* / organizado por Heitor Megale. - São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, v. 1, 2000.

MEILLET, Antoine. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1965.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação a filologia e a linguística portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1971.

MOLLICA, M. C. M. *A regência variável do verbo ir de movimento*. In: SILVA, G. M. S.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p.147-167.

MOLLICA, M. C. M.; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística*. São Paulo: Cortez, 2003.

MUSSALIN, Fernanda & Anna Christina BENTES (orgs.) *Introdução a Linguística: Domínios e Fronteiras*. Volumes 1 e 2. São Paulo: Cortez Editora. 194 p. 270, 2001.

NARO, A. J. *The Social and the Structural Dimensions of a Syntactic Change*. *Language*, n. 57, 1981. p.63-98.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *A influência de variáveis escalares na concordância verbal*. *A cor das letras. Revista do Departamento de Letras e Artes*. n. III. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1999. p. 17-34.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Sobre as origens do português popular do Brasil*. *D.E.L.T.A.*, v. 9, 1993. p. 437-454.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Variação e Mudança Linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala*. In: *Cadernos Estudos Linguísticos Campinas* (20) Jan/Jun, 1991. p. 9-16.

OLIVEIRA, Fernão de. (1536): *A Gramática da linguagem portuguesa*. Introdução, leitura actualizada e notas de BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1975). Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda.

PALMA, Maria Luiza Canavarros. *Variação fonológica entre segmentos africados e fricativos em Mato Grosso: um estudo sociolinguístico*. PUC/RJ, Dissertação Mestrado, Área de Língua Portuguesa, 1980.

PALMA, Maria Luiza Canavarros. *Aquisição de um traço de prestígio por adolescentes cuiabanos*. *Revista Universidade – UFMT*. Cuiabá, n. 1, 1983, p. 07-22.

PALMA, Maria Luiza Canavarros. *Valor social do falar cuiabano*. *Revista Universidade – UFMT*. Cuiabá, n. 2, 1984, p. 49-52.

PÓVOAS, Lenine de Campos. *História Geral de Mato Grosso*. Volume I (Dos primórdios à queda do Império). Cuiabá, 1995.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* / Darcy Ribeiro. - São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, P. R. O. *O perfil sociolinguístico do município de Oliveira Fortes - MG: a concordância nominal e verbal*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 28ª ed. – Rio de Janeiro, José Olympio, 1987.

RODRIGUES, A. N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.

ROMANCINI, Sônia Regina. *Cuiabá: paisagens e espaços da memória* / Sônia Regina Romancini. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005. (Coleção Tibanaré ; v. 6).

SÁ, Jseph Barboza de, *Relação das povoaçoens do Cuyabá e Mato Grosso de seos princípios thé os presentes tempos*. Coleção Ouro ou Mel. Cuiabá-MT: Edições UFMT e Secretaria de Educação e Cultura – MT, 1975.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo, *Vogais do falar ribeirinho cuiabano*. São Paulo. Universidade de São Paulo, 2009. Livre Docência.

SANTIAGO-ALMEIDA. Manoel Mourivaldo. *Aspectos fonológicos do português Falado na baixada cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil* (Manuscritos da época das bandeiras, século XVIII). São Paulo: USP, 2000. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

SCAFF, Ivens Cuiabano. *Kyvaverá* [livro eletrônico] / Ivens Cuiabano Scaff. – Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2012. 2252 kb; ePUB ISBN: 978 – 85 – 7992 – 036 – 31. Poesia Brasileira I. Título 11- 09409 / CDD - 869.91

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Língua Geral*. / Ferdinand de Saussure; organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. – 27. Ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERRE, M. M. P. *Phrase level parallelism effect on noun phrase number agreement. Language Variation and Change*. n. 13. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 91-107.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo Linguístico. *Revista de estudos da linguagem*. v. 7, n. 2. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998. p. 29-59.

SCHERRE, M. M. P. *Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português*. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (org.). *Padrões sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SCHERRE, M. M. P. *Aspectos da concordância de número no português do Brasil. Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) – Norma e Variação do Português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa, 1994. p. 37 – 49.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, M. M. P. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1978.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *SCRIPTA*. v. 9, n. 18. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p.109-131.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. *Sobre a concordância de número no português falado do Brasil*. In: RUFFINO, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 509-523.

SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Estudo crítico de um documento colonial anônimo: Notícia do Arraial do São Gonçalo Velho, Forquilha e Minas Gerais / Apresentação e análise Paulo Pitaluga Costa e Silva*. – Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2005.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução à língua portuguesa do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: MEC - Instituto Nacional do Livro, 1986.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (orgs). *Cuiabá: de vila a metrópole nascente*. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: Da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *O Processo Histórico de Mato Grosso* / Elizabeth M. Siqueira, Lourença Alves da Costa, Cathia Maria Coelho Crvalho – UFMT, Cuiabá, 1990.

SOUZA RODRIGUES, Ulisete R. *Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva crioula*. Brasília, 1999. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica: crítica textual*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. 7ª ed. Lisboa: Sá de Costa. 1997.

VASCONCELOS, José Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Livros de Portugal, 1959.

VIANA, Gonçalves. *Ortografia nacional*. Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas. Lisboa: Viúva Tavares Cardozo, 1904.

ZAMBOTTO DE LIMA, C. R. *Aspectos fonético-fonológicos conservadores no falar de Mata-Cavalo*. Dissertação. PPGEL/UFMT, Cuiabá, 2005.

WEINRIECH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].